

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Curso de Bacharelado em Ciências Sociais

FELIPE VARZEA LOTT DE MORAES COSTA

“ENTRE DOIS AMORES”.
ETHOS FAMILIAR E POLÍTICA NA EXPERIÊNCIA DE EDNA
LOTT

Niterói

2016

FELIPE VARZEA LOTT DE MORAES COSTA

“ENTRE DOIS AMORES”.
ETHOS FAMILIAR E POLÍTICA NA EXPERIÊNCIA DE EDNA
LOTT

A presente monografia procura trabalhar como a cultura familiar e a política influenciaram e condicionaram as ações e tomadas de decisão da ex-deputada Edna Lott, PTB/DF e MDB/GB, que atuou na década de 1960 na política legislativa do Estado da Guanabara, sobretudo em prol do magistério e em conjunto com a esquerda militar.

Orientadora: Carmen Lucia Tavares Felgueiras

Niterói

2016

Dedicado a toda a descendência de Edna
Marília e Oscar.

*E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoios
Na guerra e na paz.*

(Canção do Tamoio, Canto V,
Gonçalves Dias)

E, em especial, aos tios Nelson e
Berenice, guerreiros brasileiros.

*Mudar o mundo, amigo Sancho, não é
loucura, não é utopia, é justiça.*

(Dom Quixote de La Mancha, Miguel
de Cervantes)

Agradecimentos

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
Ele precisará sempre de outros galos.*

(Tecendo a Manhã, João Cabral de
Melo Neto)

Após quatro de formação na Universidade Federal Fluminense (UFF), alguns agradecimentos se fazem necessários.

Em primeiro lugar, agradeço a todos os funcionários e servidores da UFF. Aos funcionários do bandeijão, da biblioteca, da xerox, e todos os outros funcionários da Universidade que a fazem funcionar. Nada é feito sem a base.

Em segundo lugar, agradecer aos companheiros de caminhada, Daniel, Avner, Stefania, Ethel e outros, que passaram por um tempo mais exíguo, mas que também deixaram sua contribuição. Uma Faculdade não se faz só de matérias e estudos, mas também das relações e experiências que se travam com os componentes dessa faculdade, sem os quais o processo de formação e aprendizado seriam empobrecidos.

Agradeço também a todos os professores, pensar em um nome desencadearia uma série de outros nomes que não teria mais fim, cito alguns que mais me marcaram: Alexandre Costa, Tereza Cristina B. Calomeni e Patrick Pessoa do Departamento de Filosofia; Maurício Mello Vieira Martins e Luís Carlos Fridman do Departamento de Sociologia; Karla Guilherme Carloni do Departamento de História; Ovídio Abreu Filho do Departamento de Antropologia.

E por fim, e não menos importante, a minha orientadora, Carmen Lucia Tavares Felgueiras que, embora não tenha tido a oportunidade de cursar uma de suas matérias, me ensinou muito nesses dois períodos finais.

Cabe, ainda, um agradecimento especial a todos os professores, colegas e funcionários da UNIRIO, de onde migrei para recriar a vida na UFF.

*Porque a vida, a vida, a vida,
A vida só é possível
Se reinventada*

(Reinvenção, Cecília Meireles)

Sumário

1. Introdução.....	7
2. Considerações Preliminares.....	8
2.1. Problemática da biografia.....	8
2.2. Problemática das Ciências Humanas.....	13
3. Metodologia.....	16
4. Socio-lógica.....	19
4.1. Ambiente social de Edna Lott.....	20
4.2. Tradição Familiar.....	24
4.3. O Exército.....	30
4.4. A Política.....	42
4.5. Nelson Lott da Cavalaria.....	55
5. A queda.....	61
6. A busca.....	62
7. Destino.....	70
8. Conclusão.....	77
Bibliografia.....	80
Cinematografia.....	84
Anexo I.....	86
Anexo II.....	87

Resumo

O presente trabalho trata da vida da ex-deputada estadual Edna Lott (1919-1971), eleita em 1962 pelo PTB e em 1966 pelo MDB para a Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara. Edna Lott enveredou na política após participar da campanha presidencial do pai, Marechal Lott, em 1960, lançando-se à política institucional do país dois anos depois. Como deputada defendia a classe das professoras e dos trabalhadores da área de segurança – Forças Armadas, Polícia, Corpo de Bombeiros -, tal como o pai o fez, quando foi ministro da Guerra (1954-1960). A monografia aborda, sobretudo, como os valores familiares (na qual se entrecruzam os da família com os do Exército) influenciam e condicionam as ações e tomadas de decisão da ex-deputada Edna Lott.

Palavras-chave:

Edna Lott, Marechal Lott, Nelson Lott, família, cultura, Exército, Forças Armadas, política, Ditadura Civil-Militar, Golpe de 1964, mães, luta armada, desaparecidos.

C837 Costa, Felipe Varzea Lott de Moraes.
"Entre dois amores". Ethos familiar e política na experiência de Edna Lott / Felipe Varzea Lott de Moraes Costa. – 2016.
90 f. : il.
Orientadora: Carmen Lucia Tavares Felgueiras.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Ciências Sociais, 2016.
Bibliografia: f. 80-83.

1. Lott, Edna. 2. Lott, Marechal. 3. Lott, Nelson. 4. Família. 5. Cultura. 6. Exército. 7. Forças armadas. 8. Política. 9. Ditadura militar. 10. Golpe Militar de 1964. 11. Mãe. 12. Prisioneiro político. 13. Pessoa desaparecida. I. Felgueiras, Carmem Lucia Tavares. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

1. Introdução:

O presente trabalho trata de um pequeno segmento da história da ex-deputada estadual Edna Lott, durante seus últimos anos de vida, período em que, como muitas mães na época da ditadura civil-militar, envidou esforços incansáveis na busca por seu filho Nelson, preso político naquela ocasião. Essa monografia trata de uma parte, bem exígua, da biografia dessa mulher que, a partir de sua história e trajetória, pode-se descortinar relações de solidariedade social em um momento de exceção no Brasil e de táticas e estratégias de tentar superar limites ferozmente impostos por quem detinha o poder político na ocasião.

Edna Lott é uma personagem que serve como bom fio condutor para entender uma época conturbada do país. Como muitas mulheres do seu tempo, Edna nasceu e se desenvolveu em uma família de militares, se casou com um oficial do Exército e teve um filho que se enveredou pela carreira militar, saindo antes de se engajar de maneira definitiva¹. O Exército, e as Forças Armadas, no século XX representavam uma fonte de ascensão social e de possibilidade de continuidade dos estudos para família de camadas mais populares, como foi o caso da família Lott.

O Exército também nesse mesmo momento esteve intrinsecamente ligado à vida política no país, definindo-a em momentos cruciais e diuturnamente, desde a proclamação da República em 1889 até o final da ditadura civil-militar em 1985. O Exército esteve ligado à muitas questões da vida pública nacional além da política – economia, educação, estrutura de comunicação, etc. -, na qual muitos de seus oficiais protagonizaram os destinos e decisões do país consecutivas vezes. Seu pai, marechal Lott, foi um deles, seguindo a vida política civil depois de passar à reserva do Exército². A entrada do pai na política estimulou o seu pendor para a disputa política, fazendo com que passasse a integrar os espaços institucionais a partir de 1963 até 1969, exercendo dois mandatos de deputada estadual, abruptamente reduzidos pelos consecutivos golpes que ocorreram nessa década de 1960³.

O último e mais severos deles, em 1968, afervorou o engajamento de seu segundo filho, Nelson Lott, na luta armada pela ALN⁴. Como muitas

¹ CARLONI, Karla. **Edna Lott**. In: Dicionário da Política Republicana do Rio de Janeiro. ABREU, Alzira Alves de; PAULA, Christiane Jalles de. (org.). Rio de Janeiro: FGV; Cpdoc, 2014. p. 693.

² CARLONI, K., op. cit., p. 693-4.

³ CARLONI, K., op. cit., p. 694.

⁴ CARLONI, K., op. cit., p. 694.

mães, nesse momento, que cresceram imersas na boa convivência com as Forças Armadas, seja pela origem familiar, por contrair casamento ou por ter filhos estudando ou oficiais, e tiveram filhos se empenhando na luta armada, Edna Lott viveu a experiência da dura ruptura entre o Exército com que habituara com o novo Exército que emergiu a partir de 1964. Também, como muitas dessas mães, se viu dragada por uma luta inglória que, no seu caso, teve um final trágico⁵.

Estudar a trajetória de Edna Lott é, de uma forma, estudar todo um intrincado e nebuloso conjunto de relações sociais de uma época marcada pela ruptura, não apenas institucional e política, de uma concepção de Brasil que até então vinha se desenvolvendo no final do Estado Novo, em 1945, até o golpe civil-militar em 1964. É estudar a atuação das mães, como Edna, Zuzu Angel e muitas outras, que lutaram bravamente por encontrar e libertar seus filhos, pela relação delas com os órgãos repressores – Forças Armadas, Polícia, SNI -, pelo movimento civil que fizeram junto de outros pais e mães que buscavam seus filhos e filhas desaparecidos. Todo um universo de relações de solidariedade e de ação social, muitas vezes silenciados pela dor e pelo medo, podem ser analisados e desvelados no estudo de uma personagem de grande relevância e representatividade para a sua época.

2. Considerações Preliminares:

Antes de qualquer análise, se faz necessário algumas considerações iniciais de modo a tocar e avaliar possíveis e evidentes empecilhos que se apresentam logo destarte ao presente trabalho; que podem, caso sejam ignorados ou minorados, comprometer toda a reflexão sobre o tema, e, com isso, prejudicar, de certa forma, nossa abordagem de um tema que se apresenta com grande relevância ao contexto atual brasileiro.

Sem essas apreciações preliminares, que, senão considerados, poderiam excluir o presente autor de tais reflexões, todo o trabalho que visa ser compreendido seria insustentável, sendo no mínimo leviano.

2.1. Problemática da biografia:

A primeira grande dificuldade que se apresenta a esse trabalho e, por conseguinte, para seu autor se encontra na questão da biografia e do sentido racional, global e explicativo, de maneira geral, que ela confere ao biografado por parte do biógrafo e por parte do próprio biografado. As biografias tendem, em grande parte, a se colocarem como um vetor condutor

⁵ CARLONI, K., op. cit., p. 694.

da vida do indivíduo, como uma história, de modo a apresentar as “razões” e os “motivos” que o moveram a agir nos diferentes episódios no transcorrer de sua vida. A biografia, em seu aspecto mais problemático, confere em grande parte um todo explicativo racional e teleológico, uma narrativa que justifica todos os atos e acontecimentos do biografado como se sua vida transcorresse de maneira linear e estritamente racional e calculada⁶.

Este é o grande engodo que a biografia, transvestida de ciência, ou como afirma Bourdieu, contrabandeada para a ciência⁷, proporciona ao meio acadêmico e científico. Se tomarmos a biografia sem o cuidado e rigor científico, uma série de valores patentes e latentes que jazem e subjazem em toda narrativa de determinado evento ou vida de uma personagem podem passar despercebidos e legitimados enquanto “verdade” histórica, sociológica, política, antropológica. Antes de qualquer análise do conteúdo apresentado na biografia, se obriga a reflexão sobre quem é o biógrafo, em que meio social ele se insere, quais são as relações traçadas por ele, em que época vive, ou seja, há de se considerar toda uma gama de fatores condicionantes daquele que escreve a biografia e investiga as informações biográficas do biografado, podendo assim compreender como aquele narrador compôs a sua narrativa sobre a personagem sobre quem se narra⁸.

Narrar, mais do que uma simples tarefa de relatar os fatos ocorridos em algum momento inscrito no período histórico, revela, talvez, mais sobre quem narra do que sobre quem se narra. Os valores culturais, sociais, de classe, gênero, econômicos, etc., condicionam decisivamente as narrativas sobre o mesmo evento, de modo a não haver uma mesma narrativa idêntica sobre um acontecimento ou personagem, podendo-se narrar infinitas

⁶ “Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, [...] uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato da história. É exatamente o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas [...] ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a ‘mobilidade’), que tem começo (‘uma estreia na vida’), etapas e fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (‘ele fará o seu caminho’ significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história. Isto é aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos, *Geschichtem* que está implícita numa filosofia da história no sentido de relato histórico, *Historie*, em suma, numa teoria do relato, relato do historiador ou romancista, indiscerníveis sob esse aspecto, notadamente biografia ou autobiografia.” BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**. In: Usos & abusos da história oral, p. 183-184.

⁷ BOURDIEU, P., op.cit., p. 183.

⁸ “Eis portanto uma ordem de fatos que apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele.” DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 3.

narrativas sobre um mesmo evento a partir de perspectivas individuais diferentes.

Junto ao problema do biógrafo, se encontra o problema do biografado. Por motivos diversos, o biografado, também corroborado pelo público, busca narrar sua vida de modo a construir uma história holística, conferindo sentido a todos os acontecimentos de sua vida, como se desde o seu nascimento estivesse destinado a cumprir todos os eventos – de maneira geral, grandiosos ou excepcionais – de sua vida culminando nos grandes feitos ou situações vividas pelo biografado⁹. O biografado, em grande parte, é retratado como uma personagem constante e imutável, cujos atos são facilmente previsíveis e esperados mostrando assim a quase obviedade dos eventos ocorridos no decorrer da sua vida¹⁰.

As biografias, de modo geral, acabam por desconsiderar todas as incongruências, irracionalidades, descontinuidades, equívocos engendrados pelo biografado¹¹, como se, ao estilo de Robert Louis Stevenson, separasse o Mr. Hyde do Dr. Jekyll e se ocupasse apenas de narrar e abordar os “fatos” ocorridos na vida do “médico”, esquecendo e eclipsando as do “monstro”.

Esses talvez sejam os dois grandes problemas que a biografia apresenta para o trabalho científico, os diversos condicionamentos que agem sobre o biógrafo, condicionando a pesquisa e a elaboração biográfica, e a tendência globalizante, racionalizante e explicativa dos acontecimentos e experiências vividas pelo biografado, excluindo-o de qualquer aspecto irracional, ilógico, mutável¹². Tendo em vista as dificuldades apresentadas pela biografia, resta nos perguntarmos de que serviria a biografia para o trabalho acadêmico, como ela poderia ajudar na compreensão de uma realidade, que métodos

⁹ “O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, [...], tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. [...] Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.” BOURDIEU, P., op. cit., p. 184.

¹⁰ “O mundo social, que tende a identificar a normalidade com a identidade como constância em si mesmo de um ser responsável, isto é, previsível ou, no mínimo, inteligível, à maneira de uma história bem construída (por oposição à história contada por um idiota), dispõe de todo tipo de instituições de totalização e de unificação do eu.” BOURDIEU, P., op. cit., p. 186.

¹¹ “Como diz Allain Robbe-Grillet, ‘o advento do romance moderno está ligado precisamente a esta descoberta: o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório.’ BOURDIEU, P., op. cit., p. 185.

¹² “Ela conduz à construção da noção de *trajetória* como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações.” BOURDIEU, P., op. cit., p. 189.

podem ser utilizados para contornar os problemas que ela apresenta de maneira intrínseca.

A biografia, ainda que portando todos esses problemas, apresenta grande potencial para a compreensão mais acurada de determinada realidade de interesse do cientista social; mais do que elevar a imagem de um indivíduo específico, a biografia, atrelada ao método científico, possui grande serventia na medida em que através de um indivíduo específico tenta-se compreender as relações sociais, políticas, culturais, históricas, etc., de uma determinada época¹³. O biografado se torna mais um ponto de ancoragem para se empreender uma leitura de uma época, contexto, episódio, do que propriamente apresentar sua relevância individual e imprescindível nos efeitos decorridos das causas e atos ocorridos em determinado momento¹⁴.

A partir de um indivíduo, em específico, podemos estudar como, no caso da sociologia, para nós, as condições, os valores, as relações, as estruturas sociais da época, em que o biografado se inscreve, o afetaram de maneira direta ou indiretamente, e como as suas ações condicionadas ou afetadas pelas configurações de sua sociedade afetaram socialmente nas ações e vida dos outros indivíduos que se inscreviam naquele período histórico, como também os que vieram e vierem em sequência¹⁵.

A biografia age, de certa forma, como uma alavanca de Arquimedes¹⁶, ou seja, a partir de um ponto de fixação é possível movimentar todo um universo de questões e fatos sociais inscritos e presentes em determinada sociedade de determinado período histórico que agem de maneira decisiva na vida daquele indivíduo. O biografado age como um ponto de apoio que

¹³ O biografado, aqui, menos se restringe as abordagens psíquicas que conduzem e condicionam aquele indivíduo a agir de determinada forma, do que na observação dos fatos sociais que condicionam os indivíduos daquela referida sociedade, tendo como exemplificação e ilustração o biografado em questão. O objetivo maior se encontra em observar os aspectos extrínsecos e comuns aos indivíduos, componentes daquele meio social, a partir das ações engendradas por um membro daquela sociedade em específico. Ver DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

¹⁴ Mais do que abordar um indivíduo, a biografia auxilia a ciência como ponto de ancoragem de modo a promover a compreensão de uma determinada época, como uma ilustração ou retrato, a partir de um indivíduo em específico. “A vida de Mozart ilustra nitidamente a situação de grupos burgueses outsiders numa economia dominada pela aristocracia de corte, num tempo em que o equilíbrio de forças ainda era muito favorável ao establishment cortesão, mas não a ponto de suprimir todas as expressões de protesto, ainda que apenas na arena, politicamente menos perigosa, da cultura.” ELIAS, Norbert. **Mozart Sociologia de um gênio**, Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 16.

¹⁵ “[...] não pode ser percebido de maneira realista e convincente caso se descreva apenas o destino da pessoa individual, sem apresentar também um modelo das estruturas sociais da época, especialmente quando levam a diferença de poder. Só dentro da estrutura de tal modelo é que se pode discernir o que uma pessoa como Mozart, envolvida por tal sociedade, era capaz de fazer enquanto indivíduo, e o que – não importa sua força, grandeza ou singularidade – não era capaz de fazer.” ELIAS, N., op. cit., p. 19.

¹⁶ “Deem-me um ponto de apoio e moverei a Terra.” Declaração atribuída a Arquimedes durante o tempo em que ele desenvolvia os seus trabalhos sobre alavancas.

catapultará toda uma vasta série de reflexões e questionamentos sobre as relações sociais daquele meio social, que influenciam diretamente a sua vida naquele ambiente.

Como afirma Elias:

É preciso ser capaz de traçar um quadro claro de pressões sociais que agem sobre o indivíduo. Tal estudo não é uma narrativa histórica, mas a elaboração de um modelo teórico verificável da configuração que uma pessoa - [...] - formava, em sua interdependência com outras figuras sociais da época. (ELIAS, *Mozart sociologia de um gênio*, p. 18-9)

A partir do estudo da vida de um indivíduo, em específico, sem se basear em uma narrativa globalizante e coerente, objetivando racionalizar todas as suas ações como planejadas e calculadas, não só nos apresenta a possibilidade de apreendermos as relações sociais dadas em uma determinada época e grupo social a partir das atitudes possíveis, logradas por ele, quanto as atitudes vedadas a ele pelas configurações e condições sociais em determinado momento. O estudo da biografia de um personagem também apresenta a possibilidade de notar como as ações daquele indivíduo em específico agiram de maneira a alterar as condições e configurações sociais daquela sociedade, sobretudo nas sociedades liberais¹⁷.

Os indivíduos, pelos seus “feitos” ou atitudes valorizadas pelos seus membros constituintes – independentemente da escala de sua ação, ou atuação – reconfiguram, de certa forma, as relações e configurações sociais de um meio social, não importando se este for um Napoleão ou um dos revolucionários da Revolta da Bastilha. O processo de individuação nas sociedades individualista conferem às suas unidades papel primordial no processo de configuração e mudança das sociedades, seus protagonismos e participações possuem grande relevância, muitas vezes suplantando inclusive a importância do coletivo.

Ou seja, em qualquer sociedade há processo de *individuação*, através de inserção do lugar do indivíduo na sociedade e do desempenho de seus papéis sociais. Mas a *individuação* seria própria das sociedades ou segmentos sociais onde florescem *ideologias individualistas* que fixam o indivíduo socialmente significativo, como valor básico da cultura. (VELHO, *Memória, identidade e projeto*, p. 99)

¹⁷ “Nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia, por conseguinte é fundamental.” VELHO, Gilberto. **Memória, identidade e projeto**. In: Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 100.

O indivíduo, nessas sociedades ou segmentos liberais e individualistas, é elevado em importância e papel na qual este se insere. Quanto mais este indivíduo se destaca do grupo social onde ele se insere, maior a sua capacidade e importância conferida de alterar as relações sociais entre os indivíduos, entre as instituições, entre todos os fatores da teia social, ou seja, quanto mais ele se torna sujeito da sua sociedade, mais ele a altera, sem com isso extinguir as condições e instituições preexistentes. Como afirma Gilberto Velho:

De qualquer forma, à medida que o indivíduo se destaca e é cada vez mais sujeito, muda o caráter de sua relação com as instituições preexistentes, que não desaparecem necessariamente mas mudam o caráter, embora de forma conflituosa, como a história da Igreja demonstra de maneira clara. Novas formas de sociabilidade vão se desenvolver, acompanhando os paradigmas emergentes. Mas não se estabelece uma dominância absoluta – holismo, tradição permanecem presentes em amplas áreas da vida social e do sistema de representação. (VELHO, op. cit., p. 98)

As opções, as ações, os sentimentos, as experiências de modo geral dos indivíduos ao longo de suas vidas, sobretudo aqueles que alcançam maior expressão, ganham importância fundamental nas transformações que uma sociedade experimenta, motivo pelo qual é conferida a biografia papel primordial nas sociedades individualistas, incluindo no caso, a nossa própria sociedade¹⁸.

2.2. Problemática das Ciências Humanas:

Por fim, cabe uma última consideração mais estritamente ao caso das ciências humanas, culturais. As ciências humanas apresentam uma característica específica e que a distingue quanto as ciências ditas “exatas” que é a impossibilidade de se extrair leis dos seus objetos de estudo. Enquanto que a física, química, matemática e suas ciências variantes destas conseguem obter fórmulas e leis “universais” e gerais, nas ciências humanas ocorre o exatamente oposto; quanto maior a generalidade de uma lei nas ciências humanas, maior a sua imprecisão e pouca abrangência.

A significação da configuração de um fenômeno cultural e a causa dessa significação não podem contudo deduzir-se de qualquer sistema de conceitos de leis, por muito perfeito que seja, como também não podem ser justificados nem explicados por ele, dado

¹⁸ “A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido mas constituidor da sociedade.” VELHO, G., op. cit., p. 100.

que pressupõem a relação dos fenômenos culturais com ideias de valor. (WEBER, *A objetividade das ciências sociais*, p. 92)

As ciências humanas, ou culturais, são condicionadas decisivamente e obrigatoriamente pelo interesse do pesquisador, assim como seus condicionamentos culturais, seus juízos e ideias de valor. Um objeto qualquer observado pelas ciências humanas pode ser visto, definido, catalogado, analisado por infinitas possibilidades, por infinitos prismas que variam segundo as ideias de valor do observador, do cientista. Objetos semelhantes podem, e seguramente são, abordados de maneiras diferentes por diferentes cientistas tanto pelos valores de cada pesquisador, como pelo interesse que cada pesquisador tem em relação ao objeto observado, captando um diminuto aspecto do objeto observado.

O conceito de cultura é um conceito de valor. A realidade empírica é “cultural” para nós porque e na medida em que relacionamos a ideias de valor. Ela abrange aqueles e somente aqueles componentes da realidade através desta relação tornam-se significativos para nós. Uma parcela ínfima da realidade individual que observamos em cada caso é matizada pela ação do nosso interesse condicionado por essas ideias de valor, somente ela tem significado para nós precisamente porque revela relações tornadas importantes graças à vinculação a ideias de valor. (WEBER, *op. cit.*, p. 92)

Neste sentido, a objetividade “pura” nas ciências humanas, culturais, é uma pretensão inexecutável¹⁹, podendo o ser o mais objetivo quanto mais o cientista humano conseguir observar seus condicionamentos e por quais perspectivas ele optou por analisar o seu objeto, consciente de que sua pesquisa, seus resultados alcançados representam uma diminuta parte do seu objeto; assim como os resultados alcançados foram obtidos a partir de uma determinada perspectiva, e não como uma verdade que foi desvelada a partir de método estritamente objetivo.

O cientista humano menos busca uma formulação geral que consiga contemplar toda a complexidade de um objeto, fenômeno cultural, do que o estudo das especificidades de determinada característica que se apresenta naquele objeto ou fenômeno, a pretensão de se encontrar ou definir o todo de um objeto ou fenômeno é impossível pela sua infinitude e complexidade de características que podem ser apresentados.

¹⁹ “Não existe qualquer análise científica puramente ‘objetiva’ da vida cultural, ou – [...] – dos ‘fenômenos sociais’, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita e implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa.” WEBER, M., *op. cit.*, p. 87.

Pois o número e a natureza das causas que determinam qualquer acontecimento individual são sempre infinitos, e não existe nas próprias coisas critério algum que permita escolher dentre elas uma fração que possa entrar isoladamente em linha de conta. (WEBER, op. cit., p. 94)

Devido a essa infinidade de possibilidades de observações que um objeto ou fenômeno possibilita, além dos condicionamentos culturais, sociais, econômicos, etc., que um pesquisador possui e apresenta, que influenciam na pesquisa e na observação, é inegável que qualquer pesquisa em ciências humanas, assim como em qualquer outra ciência, não estará livre de pressupostos, conscientes ou inconscientes, daquele que empreende a pesquisa científica.

A tentativa de um conhecimento da realidade “livre de pressupostos” apenas conseguiria produzir um caos de “juízos existenciais” acerca de inúmeras percepções particulares. E mesmo este resultado só na aparência seria possível, já que a realidade de cada uma das percepções, expostas a uma análise detalhada, oferece um sem-número de elementos particulares, que nunca poderão ser expressos de modo exaustivo nos juízos de percepção. (WEBER, op. cit., p. 94)

Atentar para os pressupostos indissociáveis de toda pesquisa científica não age ou pretende de modo algum deslegitimar o trabalho científico, apenas observar que todo resultado científico deve-se a um caminho arbitrário optado pelo pesquisador, seja consciente ou inconscientemente. Estar atento a essa condição das ciências, sobretudo as ciências humanas²⁰, é fundamental para que os resultados obtidos respeitem o rigor científico, não se precipitando à concepções imediatas e irrefletidas como o senso comum.

A ciência humana não é algo exclusivo ao sociólogo, tampouco ao método científico, todos os indivíduos fazem ciência humana de certa forma, mesmo que não utilizem de métodos ou bibliografia específica sobre as mais diversas ciências humanas. A “ciência humana espontânea” sempre existirá e cabe ao cientista estar atento para quando suas reflexões se encaminham para uma ciência mais espontânea do que uma mais calcadas nas ferramentas e métodos científicos.

O sociólogo nunca conseguirá acabar com a sociologia espontânea e deve se impor uma polêmica incessante contra as

²⁰ “A vigilância epistemológica impõe-se, particularmente, no caso das ciências do homem nas quais a separação entre a opinião comum e o discurso científico é mais imprecisa do que alhures.” BOURDIE, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas**. Vozes, Petrópolis: 1999, p. 23.

evidências ofuscantes que proporcionam, sem grandes esforços, a ilusão do saber imediato e de sua riqueza insuperável. (BOURDIEU, op. cit., p. 23)

A ciência espontânea tem seu espaço para fora do mundo científico, mais precisamente destinada ao mundo prático para resolver questões práticas e imediatas. No mundo científico, se exige a reflexão mais apurada requerendo rupturas com o senso comum mais precipitado em suas abordagens.

as opiniões primeiras sobre os fatos sociais apresentam-se como uma coletânea falsamente sistematizada de julgamentos com uso alternativo. Essas prenoções, “representação esquemáticas e sumárias” que são “formadas pela prática e para ela”, retiram sua evidência e “autoridade”, como observa Durkheim, das funções sociais que desempenham. (BOURDIEU, op. cit., p. 23-4)

As ciências humanas carregam consigo estes empecilhos valorativos de cada um que se dispõe a promover um trabalho científico, no entanto, tais dificuldades não impossibilitam o trabalho científico; apenas exigem uma atenção mais apurada dos valores e ideias de valor com que se está trabalhando, sabendo que elas condicionam o trabalho científico, assim como se precaver de esparrelas totalizantes e precipitadas do senso comum.

3. Metodologia:

A primeira dificuldade metodológica que se apresenta é a proximidade do autor com o seu objeto; sendo ele um membro da família, ouvir, relatar, entrevistar membros da família como forma de entender como Edna Lott, sua avó, ingressa na política pode se tornar uma tarefa intrincada, em uma dupla via que engloba o aspecto familiar e o aspecto científico do quais o autor do presente trabalho participa e está inserido²¹.

Para a família, o autor pode ser interpretado como alguém de fora, como um pesquisador genérico, buscando ocultar eventos ou sensações desagradáveis vividas pelos membros da família Lott. Por mais que seja um representante da família, o medo da exposição de suas histórias particulares pode condicionar a forma pela qual os membros da família Lott relatam suas lembranças, sensações, experiências de vida. Por outro lado, para o meio

²¹ “Com o resultado do trabalho da coleta das cartas, arquivamento eletrônico e publicação (dados) [...]. De fato, realiza-se uma transformação, constrói-se um outro objeto, que passa a ser responsabilidade última de quem junta e edita cartas. Nesse sentido, um ponto importante a ser esclarecido é a minha posição de filha do biografado e, ao mesmo tempo, a responsabilidade da pesquisadora, cuja imparcialidade teórica constitui, *per se*, forma de distanciamento, nem álibi de isenção;” PENNA, Maria Luiza. **Luiz Camillo: perfil intelectual**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 70-1.

acadêmico, o presente autor também pode ser visto como um representante da família, travestindo uma opinião ou visão familiar como “ciência”. Descreditando o trabalho como um todo por uma “parcialidade” não científica.

Tal situação pode se apresentar como uma dupla marginalidade²² experimentada pelo pesquisador, ou seja, está à margem da família por pesquisa-la como cientista, e está à margem da ciência por dar voz as experiências da sua própria família; conferindo um duplo distanciamento por parte do pesquisador em ambos os campos acima referidos. Tal situação pode ser contornada pelo pesquisador utilizando-se do método da experiência-próxima e da experiência-distante²³.

Essa metodologia ajuda na medida em que trabalha com os “locais”, os familiares da família Lott, a partir dos seus próprios entendimentos, ideias e experiências vividas²⁴, extraindo informações relevantes para que através de conceitos possa analisar aquele grupo social de maneira afastada.

Um conceito de “experiência próxima” é, mais ou menos, aquele que alguém – um paciente, um sujeito, em nosso caso um informante – usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes veem, sentem, pensam, imaginam, etc. e que ele próprio entenderia facilmente, se outros o utilizassem da mesma maneira. Um conceito de “experiência-distante” é aquele que especialistas de qualquer tipo – um analista, um pesquisador, um etnógrafo, ou até um padre ou um ideologista – utilizam para levar a cabo seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos. (GEERTZ, *Do ponto de vista dos nativos*, p. 87)

O outro aspecto epistemológico, que já é problemático por si mesmo, é a história oral, pela qual buscaremos remontar um aspecto da vida da personagem Edna Lott através dos relatos dos seus familiares, através da memória que estes mantem da sua parente, como a do próprio pesquisador, por mais que este não a tenha conhecido²⁵. Tal questão é bem apresentada por Maria Luiza Penna, filha de Luiz Camillo, intelectual que entre outras

²² EVANS-PRITCHARD, E.E. *Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo*. In: **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 246.

²³ GEERTZ, C. “*Do ponto de vista dos nativos*”: a natureza do entendimento antropológico. In: **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

²⁴ “As pessoas usam conceitos de experiência-próxima espontaneamente; não reconhecem, a não ser de forma passageira e ocasional, que o que disseram envolvem ‘conceitos.’” GEERTZ, C., op. cit., p. 89.

²⁵ Ainda que não a tenha conhecido, a narrativa que elabore também é condicionada pela memória que guardo dos relatos, ainda que poucos, de Edna Lott; por mais que não tenha ocorrido contato direto, uma imagem eu já tenho formada pelas histórias que ouvi sobre ela. Construir sua memória, de maneira acadêmica, também é desconstruir a minha memória afetiva.

realizações, assinou o Manifesto dos Mineiros contra Getúlio Vargas, em 1943²⁶; apresentando que a construção da memória do pai Luiz Camillo não passa apenas pelas suas cartas, documentos, trabalhos realizados, mas, também, pela seu próprio processo de memória enquanto filha desse homem, que não se restringe ao intelectual socialmente conhecido pela sua atuação política e trabalhos na área acadêmica.

Retiro do arquivo de Luiz Camillo de Oliveira Netto muitas cartas, é verdade, mas, ao fazer isso, excluo outras. [...] Trabalho não só com a memória dos outros, decerto já retalhada pelo tempo e pelas vivências, mas também com a minha própria memória. (PENNA, op. cit., p.71)

Trabalhar com a memória é trabalhar com o fragmentário, com o recortado, com múltiplas temporalidades que atravessam uma lembrança narrada que não necessariamente implicam em uma veracidade factual, ao contrário, os relatos são permeados pelo contexto e pela subjetividade do indivíduo, seus valores, atuais e da época²⁷.

Lembranças podem ser criadas ou adquiridas por sua relevância nacional ou do segmento em que aquele indivíduo se encontra. Em muitos casos, pessoas narram detalhadamente eventos relevantes que não viveram como se estivessem lá testemunhando todo o ocorrido²⁸. Em outros casos, por se tratarem de memórias desagradáveis ou vergonhosas, aqueles que testemunham condicionam sua narrativa de modo a mitigar ou recriar a história ocorrida²⁹.

A memória também é alvo de disputas ideológicas, políticas, sociais, dentro das Instituições, de partidos políticos, de agremiações, de famílias. Deter a narrativa da memória de um desses segmentos repercute em um grande investimento futuro, condicionando os hábitos e visões daqueles que ingressarão nesses organismos sociais ou nacionais.

²⁶ Para saber mais sobre Luiz Camillo, ver: PENNA, Maria Luiza. **Luiz Camillo: perfil intelectual**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

²⁷ “Por exemplo, quando se fala nos ‘anos sombrios’, para designar a época de Vichy, ou quando se fala nos ‘trinta anos gloriosos’, que são os trinta anos posteriores a 1945, essas expressões remetem mais a noções de memória, ou seja, a percepções da realidade, do que à factualidade positivista subjacente a tais percepções.” POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5., n. 10, 1992, p. 201.

²⁸ Segundo Pollak, esses seriam acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, o indivíduo em questão não necessariamente precisa ter presenciado tal acontecimento, no entanto, por ser algo tão difundido e impregnado em sua sociedade, acaba por assimilar os relatos como tendo sido vividos por si mesmo.

²⁹ Na França, é lembrado mais a data do fim da I Guerra Mundial do que o da II Guerra Mundial. Na primeira Grande Guerra os franceses resistiram bravamente, enquanto que na segunda os franceses formaram a República de Vichy atrelada ao Estado nazista alemão, levando quase como um axioma aos franceses lembrarem e celebrarem mais o fim da I Guerra do que o fim da II Guerra.

Se é possível o confronto entre memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a *memória* e a *identidade* são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. (POLLAK, *Memória e identidade social*, p. 204-5)

A memória, muito além de um fenômeno estritamente individual, constitui uma identidade, pessoal e coletiva³⁰. A forma que um evento, um espaço ou um personagem é lembrado condiciona os próximos eventos, os espaços e as próximas gerações.

A história oral, muitas vezes a única forma de se obter dados de um objeto em que se propõe estudar, objetiva também reconstruir e desconstruir a imagem formada de eventos passados e de suas narrativas cristalizadas ou ofuscadas. No caso de Edna Lott, não sobraram muito de seus documentos em que escrevia, além dos documentos oficiais da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara e documentos de jornal que tratam da sua vida já na política. Sua vida pregressa é um tanto desconhecida, inclusive para alguns de seus parentes.

No extremo oposto, só para marcar a polaridade, se fizermos entrevistas com personagens públicas, a vida familiar, a vida privada, vai quase que desaparecer do relato. Iremos nos deparar com a reconstrução política da biografia, e as datas públicas quase que se tornam datas privadas. (POLLAK, op. cit., p. 202)

Alguns aspectos mais gerais são lembrados, no entanto, se restringem ao seu aspecto político-profissional como sua dupla eleição em 1962 e 1966 e sua carreira como professora de História-Geografia. Sua memória afetiva e familiar fica apagada, devido, entre outros fatores, a sua morte trágica. Devido à ausência de documentos escritos por elas, a construção de sua memória deve ocorrer através do relato oral de suas irmãs, cunhado, filhos e, inclusive, netos como “testemunhas de tabela”.

4. Socio-lógica:

Para se entender como um indivíduo opera, devemos buscar entender o contexto social e cultural em que ele está inserido. Não há lógica ou ilógica no pensamento de nenhum grupamento humano, o que há é um

³⁰ A memória não se restringe unicamente a uma experiência individual, ao contrário se apresenta como um fenômeno coletivo do ser humano, como afirma Pollak “*A priori* a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.” POLLAK, op. cit., p. 201.

funcionamento sócio-lógico³¹ em que os indivíduos operam a partir dos valores de sua cultura.

Não há mais lógica no pensamento Ocidental que no Oriental, tampouco há mais lógica em uma “sociedade complexa” do que em uma “sociedade primitiva”³², o que há são campos semânticos dos mais diversos tipos de valor – religiosos, políticos, afetivos, etc. – que se apresentam e se desenvolvem em uma localidade em seu decurso histórico por razões variadas.

Dessa maneira, entender um personagem perpassa pelo entendimento dos valores introjetados e absorvidos por tal personagem em seu processo de sociabilização no grupamento em que ele está inserido, decodificando suas facetas não tão conhecidas e apreciáveis de imediato, trazendo à luz a parte que se mantém ofuscada, por motivos diversos, e que auxiliam a compreensão da atuação desse personagem ao longo de sua vida, sem com isso querer exaurir todas as possibilidades de interpretações possíveis sobre sua atuação, e, tampouco, almejar desenvolver uma concatenação lógica de “fatos” diacrônicos que expliquem globalmente a vida desse personagem. Assim como explana Maria Luiza Penna:

Meu trabalho deve mostrar facetas da formação de Luiz Camillo, algo que não se limita a uma educação formal, mas se constitui num complexo processo de absorção de valores. (PENNA, op. cit., p.72)

No caso de Edna Lott, há de se analisar os valores familiares, das forças armadas e da política brasileira sobretudo na primeira metade do século XX, e de como esses três fatores atuam separadamente e se mesclam ao mesmo tempo, formando alguns aspectos da personagem estudada, apresentando-a de uma forma particular ao mundo em que vive e, ao mesmo tempo, de uma forma especular à várias outras mulheres que viveram no mesmo período inseridas no mesmo ambiente social.

4.1. Ambiente social de Edna Lott:

O primeiro aspecto contextual em que se inscreve a personagem abordada, no presente trabalho, é o da tradição; não se restringindo a um aspecto tradicional como a família ou a uma instituição, mas a amálgama

³¹ “Do ponto de vista do observador, nenhuma dessas pessoas nunca pensa ilógica ou logicamente, mas sempre sociologicamente;” LATOUR, B. **Tribunais da Razão**. In: *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 335.

³² Latour contrapõe em seu texto acima referido situações experimentadas e realizadas por diferentes culturas, inclusive as ocidentais, mostrando que a única diferença está na leitura das realidades, e não na lógica das ações realizadas.

entre essas formas de grupamentos humanos na medida em que a família Lott, o Exército e a política brasileira se fundem em um só corpo constituindo um grupamento próprio; de modo que o Exército influencia e condiciona a instituição família, assim como a família condiciona e influencia a instituição exército, neste caso específico.

Falar da família Lott é falar do exército brasileiro, falar do exército brasileiro é falar da família Lott, ainda que o nome tenha sido degredado na produção da leitura da história do Brasil no período da ditadura civil-militar. Além desse binômio família-exército, há um outro fator que é a política, pela qual os dois primeiros também se fundem, formando uma espécie de tripé família-exército-política, estrutura social basilar da vida brasileira, em seus mais diversos aspectos sociais, do século XX.

Entender como esses diferentes aspectos e universos sociais se fundem e se relacionam, se torna fundamental para entender as pressões sociais exercidas sobre a personagem abordada, Edna Lott, que partilha imbricadamente dos aspectos do tripé acima citado, participando ativamente dos três ambientes – familiar, militar e político.

Na verdade, sua biografia começa bem antes do seu nascimento. Como explicá-lo, sem saber do duro Capitão João Camilo, da terrível bisavó Rosa do Girau, do avô Luís Camilo [...] Luiz Camillo vai tomando conhecimento da história da sua família, imbrincada à história de Itabira. Será um processo de autoconhecimento, de redescoberta, de onde ele veio, quem ele era. Relato do mito fundador e também desconstrução do mito fundador. Assim, ele tem a função de tradutor de mitos locais e nacionais na história da revelação das tensões econômico-políticas daquela região mineira que compreendia Caeté e Itabira. (PENNA, op. cit., p. 72)

Compreender Edna Lott, tal como Luiz Camillo, é se debruçar sobre o seu pai e sua família de homens ligados à guerra, sobre a sua avó que lutou bravamente para cuidar sozinha de nove filhos pequenos dando provas de verdadeiro estoicismo e resistência, sobre a sua família de militares – pai, marido, filho, cunhados -, todo um conjunto de personagens que moldam o ambiente em que Edna se insere. Para tal empreendimento serão necessárias obras fundamentais para o entendimento não só de Edna, como de sua família e da sua importância para o país, como os livros *Marechal Lott* (1960), do Major Joffre Gomes da Costa³³, *O soldado absoluto* (2005), de Wagner William³⁴, e os dois livros de Karla Carloni, *Forças Armadas e*

³³ COSTA, Joffre Gomes da. **Marechal Lott**. Rio de Janeiro: Partido Social Democrata, 1960.

³⁴ WILLIAM, William. **O soldado absoluto**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

democracia no Brasil: o 11 de Novembro de 1955 (2012) e *Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política* (2015)³⁵.

Marechal Lott (1960) foi um dos livros lançados pelo Partido Social Democrata (PSD) nas eleições presidenciais, disputadas após o mandato do então presidente Juscelino Kubitschek (1955-1960), para robustecer a candidatura de Henrique Lott - recém saído da pasta da Guerra e passado para a reserva do Exército para concorrer como civil a presidência da República³⁶ -, narrando o histórico da família Lott, sua origem, valores, “feitos” para gerar empatia com os eleitores para o pleito presidencial naquele ano³⁷. Junto com outros livros publicados no mesmo sentido – *A vida do Marechal Lott: a espada a serviço da lei*, de Salomão Jorge, e *Lott: o marechal da legalidade*, de Bendita Vieira Bentes Pampolha³⁸ -, o livro do Major Joffre Gomes da Costa possui o privilégio de ter sido escrito por um dos militares que por muito tempo serviu junto a Lott no Exército. Escrito à revelia do marechal³⁹, o livro conta com detalhes desde a tenra infância até os acontecimentos que catapultaram Henrique Lott para o palco central da política nacional.

O soldado absoluto (2005), lançado no cinquentenário do golpe preventivo ou contra-golpe (1955), é um livro que revitaliza a memória e a trajetória de um personagem compulsoriamente ofuscado e esquecido, adrede pela Ditadura Civil-Militar, que teve extrema importância para o Exército e para a política brasileira, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960⁴⁰. Utilizando-se de novas fontes⁴¹, de entrevistas com familiares do velho marechal - como vários dos que aqui são citados ao longo do trabalho, como

³⁵ CARLONI, Karla. **Forças Armadas e democracia no Brasil: o 11 de Novembro de 1955**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012; CARLONI, Karla. **Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

³⁶ CARLONI, K. **Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política**. p. 235.

³⁷ “Não temos a estulta pretensão de uma tarefa sem defeitos. Nem tivemos por alvo o êxito literário. [...] o leitor terá sem dúvidas, uma ideia mais aproximada da estrutura moral, da operosidade e da honestidade integral do Marechal Henrique Lott, que disputa com candidatos políticos a Presidência da República.

Conhecido sobejamente no Exército onde passou a vida, era necessário apresenta-lo de corpo inteiro aos brasileiros que, na sua maioria, não desconhecem o nome do General do 11 de Novembro. Indispensável por isso, expor desde às nascentes, aos olhos e ao julgamento dos seus patrícios, o concidadão que pretende a confiança do país para governa-lo.” Prefácio do livro *Marechal Lott* (1960).

³⁸ CARLONI, K., op. cit., p. 24.

³⁹ “Necessário se torna esclarecer, em homenagem à verdade, que o Marechal, nenhuma informação nos prestou, ignorando, mesmo, a existência desta publicação. O farto documentário que conseguimos reunir, foi cedido por pessoas amigas, alguns parentes, que, postos a par da nossa intenção, não se negaram a colaborar.” Prefácio do livro *Marechal Lott* (1960).

⁴⁰ CARLONI, K., op. cit., p. 36.

⁴¹ CARLONI, K., op. cit., p. 36.

Oscar Henrique, Carlos Eduardo, Berenice Costa⁴² -, o jornalista Wagner William reconstrói a biografia de Henrique Lott trazendo o personagem de volta das sombras do esquecimento social brasileiro⁴³.

O livro é de fundamental importância para a realização desse trabalho, uma vez que, Wagner William não só dedicou uma grande parte de seu texto para narrar um segmento da vida de Edna Lott⁴⁴, nossa personagem estudada aqui, como entrevistou Nelson Lott, também personagem em destaque nessa monografia. O livro conta, inclusive, com uma parte escrita pelo próprio Nelson, em que ele narra a terrível experiência que passou nos calabouços da ditadura militar⁴⁵. Tal seção é fruto dos escritos de Nelson, ao longo de vinte anos, como forma de entender a experiência que passou e como forma de exorcizar os fantasmas surgidos nas masmorras da ditadura⁴⁶.

Wagner William esmiúça os acontecimentos entre esses três membros da família Lott – Henrique, Edna e Nelson⁴⁷ -, tratando dos eventos prévios e tudo que decorre a partir da prisão de Nelson. William trabalha com detalhe a trajetória de Nelson nos aparelhos repressivos do Estado de exceção e da busca de Edna pelo filho desaparecido, abrangendo também os processos judiciais contra Nelson e das investigações do assassinato de Edna Lott por Eduardo Fernandes da Silva, secretário e motorista do tempo em que Edna era deputada estadual⁴⁸.

Forças Armadas e democracia no Brasil: o 11 de Novembro de 1955 (2012) e *Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política* (2015) são dois livros que pormenorizam a trajetória do velho marechal nos dois principais eventos de sua vida pública, o contra-golpe ou golpe preventivo e as eleições presidenciais de 1960. Ao contrário dos dois trabalhos dos autores anteriores, essas duas obras contam com grande rigor acadêmico, apontando as contradições no próprio personagem estudado⁴⁹; sem pretender heroificá-lo ou divinizá-lo, Carloni procura desvelar um período obscurecido pelo esquecimento - forçado pelos militares vencedores do golpe em 1964⁵⁰ e relegado pela esquerda revolucionária⁵¹ -, apresentando novas interpretações e abordagens de eventos que determinaram diretamente

⁴² WILLIAM, W., op. cit., p. 541-3.

⁴³ CARLONI, K., op. cit., p. 36.

⁴⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 408-71.

⁴⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 419-30.

⁴⁶ WILLIAM, W., op. cit., p. 419.

⁴⁷ CARLONI, K., op. cit., p. 36.

⁴⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 408-83.

⁴⁹ CARLONI, K., op. cit., p. 21-58.

⁵⁰ CARLONI, K., op. cit., p. 38-53.

⁵¹ CARLONI, K., op. cit., p. 53-4.

o rumo da História política nacional, protagonizados pelo velho marechal⁵². Os dois trabalhos não apenas resgatam a memória de Henrique Lott, e de sua trajetória, mas também dos militares nacionalistas, legalistas e comunistas pasteurizados, por um certo senso comum civil, como sendo todos “militares”, sem distinções ou nuances que os diferenciem⁵³.

Carloni, tal como William, aborda largamente aspectos e episódios da vida de Edna Lott, escrevendo inclusive um verbete da ex-deputada estadual⁵⁴, e de Nelson Lott, apresentando como a história dessas três personagens se fundem à história política do país e como representam exemplarmente o drama de muitas famílias brasileiras, dragadas pelos aparelhos repressivos do estado de exceção, inaugurado em 1964 e finalizado em 1985⁵⁵, surgindo, inclusive, lendas e mitos sobre a experiência particular da família Lott, como uma forma de mitigar os efeitos terríveis que o terror proporciona pela falta de perspectiva do seu fim⁵⁶.

Major Joffre, Wagner William e Karla Carloni, assim como o coronel Kardec Lemme e, sua esposa, Édila Lemme podem ser considerados, carinhosamente, como parte da família expandida dos Lott, sem os quais esse trabalho jamais poderia ter sido realizado.

4.2. Tradição Familiar:

O principal valor ou campo valorativo movimentado quando se aborda a família Lott é a “guerra” e tudo o que se relaciona a ela - o campo de batalha, o armamento, o código ético do guerreiro, as relações com a sociedade em que se inscreve. Acima de qualquer outro ambiente que abarca a vida de um indivíduo ou de um grupamento de indivíduos, a guerra foi o campo “escolhido” por essa família e reificado com as experiências individuais dos diferentes indivíduos, exitosas ou não, constituintes e constitutivos desse grupo no transcorrer das gerações⁵⁷, assim como as narrativas relatadas aos descendentes das gerações seguintes que, mesmo que não ingressem na vida militar, sentem a presença das Forças Armadas.

Há uma longa linhagem de ascendentes militares que condicionam não somente a escolha profissional dos descendentes, como também a identidade

⁵² CARLONI, K., op. cit., p. 22-4.

⁵³ CARLONI, K., op. cit., p. 55.

⁵⁴ CARLONI, K. **Edna Lott**. In: Dicionário de Política Republicana do Rio de Janeiro. ABREU, A. A.; PAULA, C. J. (org.). Rio de Janeiro: FGV; Cpdoc, 2014. p. 693-694.

⁵⁵ CARLONI, K. **Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política**. p. 36-7, 286-90.

⁵⁶ CARLONI, K., op. cit., p. 33-6.

⁵⁷ Ainda que não se tratem da mesma experiência específica, as experiências são muito próximas, já que movimentam os mesmos valores e ideias como a bravura, honradez, abnegação.

e as próprias relações que os Lott traçam com o meio social em que se inscrevem; inventando assim uma tradição própria,⁵⁸ um ser Lott que agirá de maneira condicionante e formadora dos seus familiares prescrevendo normas e regras de comportamento, valores, modos de agir configurando um grupo “homogêneo” partilhando de uma identidade comum, ainda que estas regras e valores não tenham sido expressamente definidos ou elaborados.⁵⁹ Como afirma Hobsbawm:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico. (HOBSBAWM, *A invenção das tradições*, p. 9)

Quando consideramos algumas das biografias escritas sobre o maior símbolo militar e identitário da família, o Marechal Henrique Teixeira Lott, busca-se intensamente retomar e reestabelecer essa continuidade com o passado histórico do homem da guerra.

Em *Marechal Henrique Lott* (1960), escrito pelo Major Joffre Gomes da Costa, livro publicado como material de campanha presidencial, procura remontar a história de alguém talhado para o seu ofício desde a sua genética, “Henrique Lott, desde menino, antes mesmo da escola primária, já demonstrava pendores para a carreira militar. À militância pertenceram a muitos dos seus ascendentes.” (Costa, Joffre G. *Marechal Henrique Lott*. p. 7); relatando que os Lott migraram para o Brasil através de um descendente que tentou sem sucesso ingressar na marinha inglesa, por motivos não ligados as suas aptidões, mas aos índices de altura exigidos pelo regulamento militar inglês, interrompendo a linhagem de militares da família na Inglaterra.⁶⁰

Na biografia mais recente, *O soldado absoluto* (2005), o biógrafo Wagner William também se utiliza do mesmo artifício para remontar o passado histórico genético da família e de sua ligação com a guerra e a vida militar.

(Mal. Henrique Teixeira) Lott vinha de uma família de militares. Seu avô paterno, Edward William Jacobson Lott, nascido em

⁵⁸ HOBSBAWM, Eric. **Introdução: A invenção das tradições**. In: *A invenção das tradições*. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

⁵⁹ Ver DURKHEIM.

⁶⁰ COSTA, J., op. cit., p. 477. Anexo I Genealogia da Família Teixeira Lott.

Exeter, na Inglaterra, trabalhava em uma companhia mineradora que iria explorar minérios em Minas Gerais. O pai de Edward era um *commodore* da Marinha britânica, filho de um coronel do Exército britânico. Edward até tentou, mas não foi aceito na Escola Militar por não ter altura suficiente. Veio ao Brasil a trabalho [...]. (WILLIAM, *O soldado absoluto*, p. 26)

O Marechal Henrique Lott, maior símbolo desse ethos familiar, não só será o elo de ligação com um passado histórico, como será aquele que perpetuará a imagem perfeccionada do homem da guerra; embasada em todas as suas conquistas em sua carreira militar, Marechal do Exército, Ministro da Guerra por dois mandatos presidenciais diferentes (1954-1960), patrono do exército brasileiro.

A partir do Mal. Lott ressurgirá toda a tradição, reinventada, dos Lott como uma família da guerra, ingressando vários descendentes nas Forças Armadas ou por suas descendentes contraírem casamento com oficiais das Forças Armadas. Dos cinco filhos que teve com sua esposa, Laura Ferreira do Amaral, três se casaram com oficiais do exército e o único filho e mais novo, Lauro Lott, ingressou na Aeronáutica, alcançando o posto de Coronel, sendo, inclusive, piloto oficial do presidente João Goulart.

Mais do que um símbolo, o Mal. Lott se converte em um totem familiar, em um monumento⁶¹ próprio erigido para guiar e basear os comportamentos presentes e futuros de seus descendentes, sejam eles conscientes ou inconscientes, cristalizando práticas, rituais, modos de ser e de agir para dentro e para fora da família, seja nas relações intrafamiliares, seja nas relações sociais extrafamiliares.

Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-

⁶¹ Monumento aqui é entendido como algo passado em que se pode remeter para basear as próprias ações; ainda que tenha se convencionado com o desenvolvimento do conceito “monumento”, sendo maiormente relacionado a obras de artes e/ou públicas como o Colosso de Rhodes ou a coleção de quadros do Louvre. No entanto, aqui se expande a ideia de monumento para qualquer atributo que se refira ao passado que seja utilizado para substanciar o presente ou um futuro almejado e/ou projetado. Algo se configura menos como monumento pela sua materialidade, do que pelos valores, ideias, relações conferidas aquele algo, de modo que a imagem, a memória de uma personagem, ainda que já falecida, pode se transformar e se cristalizar enquanto monumento “iluminando”, “instruindo” os comportamentos, ações e relações humanas.

“A palavra latina *monumentum* remete à raiz indo-europeia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*).

O verbo *monere* significa ‘fazer recordar’, de onde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar ao passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos.” LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. In: História e memória. 7.ed. Campinas: UNICAMP, 2013. p. 485-6.

se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição.
(HOBSBAWM, op. cit., p. 12)

Edna Lott, segunda filha do Mal. Lott, foi bastante influenciada por esse valor marcial, a guerra também a encantava, de certa forma. Para Edna Lott a vida era sinônimo de luta, de batalha, de guerra, valores que fazia questão de passar para os seus filhos⁶². Toda vez que via um deles hesitante ou temeroso se lançava a declamar a “Canção do Tamoio”⁶³ de Gonçalves Dias⁶⁴.

Canto I

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida,
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar.

[...]

Canto V

E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos Tamoios,
Na guerra e na paz.

Poema que era repetido incessantemente nesses momentos⁶⁵, o valor da guerra, do combate da vida foi assumido pelos filhos e passados aos netos, ainda que não a tenham conhecido⁶⁶, “e pois que és meu filho, meus brios reveste;”. Nesses valores da guerra passados, também se encontram a

⁶² Relato de Nelson Luís Lott de Moraes Costa, segundo filho de Edna Lott, novembro de 2015.

⁶³ Poema completo em Anexo II, p. 87-90.

⁶⁴ Conversas com Nelson Luís, novembro de 2015, Carlos Eduardo, abril de 2014.

⁶⁵ Conversa com Carlos Eduardo em abril de 2014.

⁶⁶ Conversa, em abril de 2015, com Luiz Altruda, afirmando que seu pai Oscar Henrique, primeiro filho de Edna, sempre repetia esses versos em momentos de dificuldade.

bravura, a fortaleza e o destemor da morte, ao contrário ir de encontra a ela, persegui-la.

Canto II

Um dia vivemos!

E o homem que é forte

Não teme da morte;

Só teme em fugir;

[...]

Canto III

[...]

Não cures da vida!

Sê bravo, sê forte!

Não fujas da morte

Que a morte há de vir!

“Viver é lutar”, a vida é guerra, como para seus antepassados – seu pai e seus ancestrais ingleses -, não à toa escolhe a política como local de atuação. Uma posição de combate, sobretudo na época em que atuou. A guerra e seus valores que a constituem casam perfeitamente com a forma de atuar e de pensar de Edna Lott.

O outro grande valor em importância nesse ethos familiar é o estoicismo, conduta ética da Grécia helênica, que buscava a partir do controle do corpo resistir a intemperança, dos desgastes e sofrimentos da vida. Viver é resistir. Resistir a todos os infortúnios, a todas as adversidades que surgem no decorrer da vida terrena.

Henrique Lott desde cedo absorveu bem os valores de uma educação voltada para a disciplina e para o controle de suas emoções. A atitude de reserva diante dos acontecimentos de sua vida, assim como resistir as adversidades foram heranças quase de berço, como afirma o Major Joffre da Costa:

Henrique Lott, desde a primeira infância, dava sobejas demonstrações de senso de responsabilidade. Do pai recebeu como herança a disciplina, a inteligência, a persistência, a cultura. Da mãe, herdou o espírito de sacrifício, a vocação para mestre, a personalidade forte. (COSTA, *Marechal Henrique Lott*, p. 57)

No entanto, o principal responsável pela moldagem do caráter do pequeno Henrique Lott seria o seu avô materno, “homem de princípios severos”⁶⁷ que “não se descuidava de orientar a família”⁶⁸.

Mas seria o avô materno, o português João Baptista da Costa Teixeira, o grande responsável por forjar o caráter do menino. [...] O garoto iria herdar o jeito seco da família, levando para toda a vida uma determinação constante que raramente deixava escapar qualquer emoção, o que não o impedia de, quando jovem, sair no braço para resolver algumas discussões.

[...]

O primogênito teve aulas em casa com a mãe, que ainda não formara professora. O avô João ensinava aritmética, mas não se contentava. Preocupava-se também com sua formação moral, impondo-lhe regras rígidas e precoces responsabilidades. (WILLIAM, op. cit., p. 27-8)

Podemos considerar, dessa forma, João Baptista da Costa Teixeira, seu avô, como o principal mentor “estoico”, mas não somente o único a lhe passar demonstrações de resistência e resignação. Sua mãe, Maria Baptista, pode ser considerada o maior exemplo empírico de estoicismo da família, e que mais se aproxima das experiências vividas por Edna Lott. Maria Baptista passou por uma série de desafios e dificuldades muito difíceis como a perda de dois filhos precocemente⁶⁹, as consecutivas mortes do pai e do marido em um curto período de tempo⁷⁰ e a necessidade de cuidar e sustentar nove filhos pequenos⁷¹, contando com poucos recursos financeiros⁷².

A história de vida de Maria Baptista, uma mulher batalhadora, corajosa, resistente, assim retratada pelo Major Joffre, se mostra muito próxima da história de sua neta, Edna Lott. Assim como sua avó, Edna passou por uma série de dificuldades em curtos espaços de tempos: a morte de sua mãe em 1950⁷³, a doença e morte de sua primeira filha, logo aos sete anos de idade,

⁶⁷ COSTA, J.; op. cit., p. 20.

⁶⁸ COSTA, J., op. cit., p. 20.

⁶⁹ O sexto e sétimo filhos de Maria Baptista, Nelson e Aurelina, falecem pouco tempo antes de alcançarem a idade de dois anos. Nelson, nascido em novembro de 1903, falece em outubro de 1905, e Aurelina, nascida no final de fevereiro de 1905, falece no começo de fevereiro de 1907. COSTA, J., op. cit., p. 26.

⁷⁰ O pai falece em 1911, no mesmo dia do aniversário do filho, e o seu marido também no ano seguinte, em 1912. COSTA, J., op. cit., p.30.

⁷¹ “Fica viúva com nove filhos, consolo que lhe deixa o esposo querido. É dotada de espírito de renúncia e tem a alma forte. Deus está ao seu lado, ajudando-a suportar a desventura que a esmaga.” COSTA, J., op. cit., p. 31.

⁷² “Maria Baptista tem rasgos de bravura e predestinação de heroína. Educar os filhos da maneira como educou, quase sem dispor de recursos financeiros, manter a unidade do lar, transmitindo à prole amor a Deus, dedicação à Pátria, respeito à Família, foi demonstração de fibra invulgar.” COSTA, J., op. cit., p. 34.

⁷³ Laura, sua mãe, morreu de embolia pulmonar devido a uma insuficiência cardíaca, após ter se submetido a uma operação de vesícula em 1950. WILLIAM, W., op. cit., p. 53.

em 1951⁷⁴ e a morte do marido em 1959⁷⁵, herdando quatro filhos pequenos⁷⁶ para criar com o também salário de normalista⁷⁷. Da mesma forma que sua avó, Edna “tem rasgos de bravura e predestinação de heroína”⁷⁸ criando seus filhos com o pouco tempo que dispunha entre a vida de professora e deputada estadual⁷⁹.

4.3. O Exército:

Após abordar a questão familiar, passo a tratar do Exército; instituição indissociável do funcionamento da família Lott, como acima tratado na propensão, ou melhor dizendo, no seu próprio entendimento, conscientemente ou não, à guerra. O Exército, no seu sentido mais genérico, é a instituição do Estado responsável pela manutenção de domínio sobre um território detido por esse Estado; no entanto, sua função e missão variam de acordo com os intuítos e objetivos do Estado – e do tipo de Estado - e de suas classes dominantes⁸⁰. Ao longo da história do Brasil, em suas diferentes fases, o Exército, constituído de diferentes formas, possuiu distintas missões e funções que variaram de acordo com o status do país⁸¹ – colônia⁸², autônoma⁸³, nacional⁸⁴.

É possível ter uma ideia nítida do longo caminho percorrido pela evolução das Forças Armadas brasileiras, e das alterações que sofreram ao percorrê-lo, pelo simples confronto do que constituía

⁷⁴ Laura Lúcia, primeira filha dos cinco filhos que tivera, morreu de uma doença degenerativa, leucemia linfóide, que a infligia desde os quatro anos até finalmente falecer aos sete anos, em 1951. WILLIAM, W., op. cit., p.53.

Em conversa com Elys Lott Ligneul, irmã mais nova de Edna, a entrevistada me relatou que foi muito difícil todo o ocorrido. Laura Lúcia dizia que “queria se encontrar com a avó no céu”, falecida um ano antes, e, além disso, por ser muito loira, as crianças no hospital queriam visita-la porque “queriam ver o anjo”, o que levava seu marido e pai de Laura Lúcia, Oscar, a passar por momentos muito tormentosos ao impedir que os curiosos adentrassem o quarto da filha.

⁷⁵ O marido, Oscar, falece devido a uma parada cardíaca, em 1959, ao chegar em casa depois de sair do trabalho sentindo fortes dores no peito. Conversa com Nelson Lott em dezembro de 2015.

⁷⁶ Os filhos se encontravam nas idades de 14, 10, 6 e 4 anos.

⁷⁷ Edna, assim como sua avó, era professora da findada matéria de História e Geografia, que eram ensinadas conjuntamente em sua época. Além do salário de normalista, contava com a pensão de viúva de militar de patente de coronel, que seu falecido marido lhe deixava. Conversa com Nelson Lott em dezembro de 2015.

⁷⁸ COSTA, J., op. cit., p. 34.

⁷⁹ Seus filhos homens frequentaram o colégio interno. O mais velho, Oscar, foi interno no Colégio Pedro II e os dois mais novos no Colégio Militar. Conversa com Nelson Lott em dezembro de 2015.

⁸⁰ O Exército, nesse sentido mais genérico, variará de acordo com as condições materiais, econômicas, históricas, sociais, culturais, políticas de cada sociedade.

⁸¹ Sobre a história das Forças Armadas no Brasil ver: SODRÉ, Nelson Werneck. **História militar do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

⁸² SODRÉ, N. W., op. cit., p. 13-60.

⁸³ SODRÉ, N. W., op. cit., p. 63-233.

⁸⁴ SODRÉ, N. W., op. cit., p. 237-404.

a missão delas, no passado, e do que constitui essa missão no presente. (SODRÉ, *História militar do Brasil*, p. 404-5)

De relevante para esse trabalho, somente o período nacional em sua íntegra e parte do período autônomo⁸⁵, configurando-se assim no período do Exército republicano do Brasil⁸⁶. O período republicano traz novas atribuições às Forças Armadas, conferindo a elas um papel fundamental na construção do “novo” país, sobretudo em seu papel político⁸⁷ e econômico⁸⁸. Os militares tanto exercerão um papel político intenso e intervencionista na vida do país desde a proclamação da República (1889) até o fim da Ditadura Militar em 1964, passando por diversos episódios: revolta da armada⁸⁹, questão militar⁹⁰, levantes no Colégio da Praia Vermelha⁹¹, o governo salvacionista de Hermes da Fonseca⁹², o episódio das cartas falsas de Artur Bernardes⁹³, o tenentismo⁹⁴, a Coluna Prestes⁹⁵, Revolução de 1930⁹⁶, etc. Durante esse primeiro século de República (1889-1964), era difícil um governo se manter sem o apoio das Forças Armadas.

Do ponto econômico e industrial, as Forças Armadas também estiveram intimamente ligadas. Interessava-as o desenvolvimento de um país industrial e autônomo que pudesse produzir suas próprias ferramentas de defesa nacional de maneira a fazer frente às grandes potências mundiais que

⁸⁵ A fase autônoma do Exército brasileiro, para Nelson Werneck Sodré, se estende até 1930, tendo início no período de independência do país. No entanto, o mais importante nessa monografia é o período republicano do Exército, considerando assim de 1889 até início da década de 1970, por se tratar do recorte histórico do trabalho.

⁸⁶ Sobre a formação do Exército no período republicano no Brasil ver: MCCAN, Frank D. **Soldados da pátria: História do Exército brasileiro, 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁸⁷ Sobre a importância das Forças Armadas na Primeira República – República da espada e República oligárquica – ver: CARVALHO, José Murilo. **Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador**. In: Forças Armadas e política no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

⁸⁸ As Forças Armadas, aspirando se desenvolver avidamente, auxiliou de maneira direta e decisiva na alavancada do processo de industrialização do Brasil. Ver: MCCAN, F., op. cit., p. 214-53.

⁸⁹ MCCAN, F., op. cit., p. 44-63.

⁹⁰ Ver: CASTRO, Celso. **A questão militar**. In: Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 85-103; MCCAN, F., op. cit., p. 27-44; SODRÉ, N. W., op. cit., 143-53.

⁹¹ Ver: CASTRO, Celso. **A Escola Militar da Praia Vermelha**. In: Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 33-51; CASTRO, C. **A revolta da Escola Militar da Praia Vermelha (1904)**. In: Exército e nação: estudos sobre a história do Exército brasileiro. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 29-52; MCCAN, F., op. cit., p. 134-36.

⁹² MCCAN, F., op. cit., p. 153-70.

⁹³ MCCAN, F., op. cit., p. 336-7.

⁹⁴ MCCAN, F., op. cit., p. 276-88, 336-47; SODRÉ, N. W. **O tenentismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985; SODRÉ, N. W. **História militar do Brasil**. p. 198-214.

⁹⁵ MCCAN, F., op. cit., p. 352-4; SODRÉ, N. W. **A Coluna Prestes**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; SODRÉ, N. W. **História militar do Brasil**. p. 214-29.

⁹⁶ MCCAN, F., op. cit., p. 335-83. SODRÉ, N. W. **História militar do Brasil**. p. 237-51.

eclodiram com o final da Primeira Guerra⁹⁷. O interesse industrializante e do desenvolvimento das forças de defesa da nação⁹⁸, foram os principais elementos para as Forças Armadas garantirem a vitória dos contendores da Revolução de 1930⁹⁹ e na implementação do Estado Novo (1937-45)¹⁰⁰, ambas as ocasiões em favor de Getúlio, que sempre soube tirar o melhor dos proveitos dos anseios militares.

A Era Vargas, definida de maneira ampla como o período que vai de 1930 a 1964, teve como uma de suas características a mudança radical nas relações entre Vargas e as Forças Armadas. A primeira fase dessas relações, que poderíamos chamar de namoro, vai da Revolução de 1930 à instituição do Estado Novo, em 1937. Ao chegar ao governo, em 1930, no vácuo de poder aberto pela crise oligárquica, Vargas incentivou a transformação dos militares em atores políticos. Mais ainda: fez deles um dos pilares de sua sustentação como contrapeso às forças oligárquicas. O auge do entendimento, a lua-de-mel se deu durante o Estado Novo (1937-1945), quando houve quase total coincidência dos interesses do presidente e da corporação militar. (CARVALHO, *Vargas e os militares: aprendiz de feiticeiro*. p. 55)

A importância das Forças Armadas era tamanha no desenvolvimento da República, em todos os seus momentos, sobretudo ao longo da Era Vargas, que Osvaldo Aranha, então ministro das Relações Exteriores do Estado Novo, “comentaria com um diplomata estrangeiro que ‘tudo se relaciona com o Exército’”¹⁰¹ quando perguntado “que relação tinha o Exército com bancos e comércio”¹⁰². Nesse sentido, o Exército representava uma opção de ascensão social para as classes não pertencentes às elites tradicionais, tanto pela carreira militar, quanto pela possibilidade de continuidade dos estudos

⁹⁷ “Com mais homens, o Exército necessitaria de mais armas. E às vésperas da Primeira Guerra Mundial o Exército encomendara à Alemanha um grande estoque de armas e equipamentos que o bloqueio britânico impedira de chegar ao Brasil. A barreira às armas estrangeiras convenceu os oficiais reformistas de que o Brasil precisava produzir seu próprio armamento. *A Defesa Nacional*, repetindo os oficiais florianistas da década de 1890, preconizava o desenvolvimento industrial e deblaterava: ‘Proteger indústrias parasitárias, fictícias, que importam matéria-prima e até já confeccionados [vendidos] como produção nacional, é roubar do povo para enriquecer meia dúzia [...] beneficiando a produção estrangeira e esfolando a economia nacional’. Os editores clamavam por indústrias que desenvolvessem recursos nativos.” MCCAN, F., op. cit., p. 237.

⁹⁸ Os militares brasileiros se relacionam e trabalham com a noção de “nação”, mais abstrata e elitista, do que com a noção de “povo”, motivo pelo qual, muitas vezes, as Forças Armadas é vista como elitista e antipopular.

⁹⁹ Ver: CARVALHO, J. M. **Vargas e os militares: aprendiz de feiticeiro**. In: As instituições brasileiras da Era Vargas. org. Maria Celina D’Araújo. Rio de Janeiro: Ed Uerj; FGV, 1999. p. 56-66.

¹⁰⁰ Ver: CARVALHO, J. M., op. cit., p. 66-73.

¹⁰¹ MCCAN, F., op. cit., p. 384.

¹⁰² MCCAN, F., op. cit., nota 1, p. 625.

dos filhos de famílias que não conseguiriam arcar com os altos custos do ensino.

A Escola Militar representou, no Império, uma rara possibilidade de ascensão social para pessoas que não pertenciam à elite tradicional e cujas famílias não podiam custear cursos superiores nas faculdades de direito ou medicina. [...] Muitas vezes, encontramos nas memórias de ex-alunos o reconhecimento de que seguiram para a Escola Militar mais por necessidade que por vocação. O ingresso na carreira militar e a ascensão por mérito, concretizada no título de alferes-aluno, representava assim, muitas vezes, a única possibilidade de ascensão social aberta para esses jovens e um bem simbólico fundamental para a construção de sua identidade social. (CASTRO, *Os militares e a República*, p. 48)

Ao Exército interessava - e a própria instituição se incumbia como se fosse sua vocação e dever - o ensino do povo brasileiro; sentia como uma de suas missões passar os valores de “cidadania” e “civilidade”¹⁰³ para uma “massa” ainda bastante atrasada pelo Império, em seus sistemas de compadrio, preparando-a através da educação e da ciência para uma “nova civilização que emergia no mundo”¹⁰⁴.

As escolas militares superiores foram sempre as primeiras e mais importantes instituições a disseminar práticas e valores “modernos” em seus países. Abriam-se, assim, nessas sociedades, novos canais de mobilidade social para indivíduos não pertencentes à elite tradicional. [...]

No Brasil, a Escola Militar, também foi a principal instituição a desenvolver características “modernas” no seio de uma sociedade predominantemente tradicional – rural, patriarcal e hierarquizada -, e que assim permaneceria até bem depois de instituída a República. (CASTRO, *op. cit.*, p. 41-2)

Como muitas famílias da época, a família Lott também viu nas Forças Armadas uma opção de vida, sendo muitos os seus membros que ingressaram

¹⁰³ Essa foi uma das características dos exércitos modernos após a vitória germânica na Guerra Franco-Prussiana. “Após a vitória da Prússia na guerra contra a França, o sistema prussiano de conscrição, baseado no serviço militar obrigatório e considerado um dos fatores decisivos da vitória, generalizou-se pelos exércitos europeus e japoneses. Dessa forma, disseminou-se a noção de ‘Nação em Armas’, segundo a qual todo cidadão era um soldado em potencial, e as forças armadas, além de responsáveis pela defesa nacional, uma espécie de ‘escola da nacionalidade’, já que idealmente recrutariam elementos de todos os setores da população, de todas as origens sociais, dotando-os de um sentimento de unidade nacional.” CASTRO, C., *op. cit.*, p. 18.

¹⁰⁴ O Exército brasileiro nessa época era bastante influenciado pelo positivismo, sobretudo nas teorias comtianas das três fases das sociedades. Interessava ao Exército participar no processo de construção rumo a essa sociedade positiva, última fase da teoria comtiana. Para ver a influência do positivismo no Exército, ver: CASTRO, C., **Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

na corporação ou tiveram alguma relação com ela. Edna Lott, como pertencente a essa família, se via rodeada por militares e possuía uma forte identificação com as Forças Armadas.

Edna Marília Lott de Moraes Costa sempre viveu intensamente ligada ao Exército. Seu marido era militar. Os filhos estudaram em colégios militares. Amava o Exército e dava demonstrações abertas disso, seja topando qualquer discussão para defender a instituição, ou até mesmo inconscientemente, cantando hinos e marchas do Exército enquanto fazia trabalhos domésticos. Estudante da Faculdade Nacional de Filosofia, ganhou dos colegas os apelidos de “Pátria Amada” e “Defensora do Glorioso Exército Nacional”. (WILLIAM, op. cit., p. 408)

Além de seu marido, acima citado, e de seu pai, Edna Lott tinha um irmão oficial da Aeronáutica¹⁰⁵, dois cunhados oficiais do Exército¹⁰⁶ e outro cunhado que, ainda que não fosse militar, era filho do Marechal Eurico Gaspar Dutra¹⁰⁷. Como filha do Marechal Lott, Edna tinha livre trânsito pelos estabelecimentos do Exército, conhecendo grande parte dos oficiais, com quem conversava bastante. Segundo Nelson Lott, seu filho, “ela conhecia todo mundo lá dentro e que quando (eu) tirava nota baixa ou aprontava ela sempre ficava sabendo”¹⁰⁸. Imersa nesse ambiente familiar e social, os Lott e o Exército, três serão as personagens mais significativas para esse trabalho, no caso, os três homens militares mais próximos de Edna, que são seu pai, Henrique Lott, seu marido, Oscar de Moraes Costa, e seu segundo filho, Nelson Lott.

As Forças Armadas são seccionadas pelas Armas, que classicamente se dividem em quatro, sendo no caso do Exército: Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia. No início do segundo ano do cadete, após passar pela fase de “bicho” ao ingressar nas academias militares, lhe cabe escolher uma das Armas do Exército¹⁰⁹. Essa é uma escolha muito importante na vida do cadete, e do futuro oficial, uma vez que após escolhida sua Arma, não poderá mais trocá-la, a exceção de quando se atinge o generalato, perdendo a Arma a que pertence inicialmente¹¹⁰. Na atual configuração do Exército, o

¹⁰⁵ Seu irmão mais novo Lauro Lott, Coronel-do-Ar da FAB. Conversa com Nelson Lott em dezembro de 2015. Em tal conversa, Nelson disse, sem certificar, que Lauro Lott é o recordista mundial em horas de voo.

¹⁰⁶ Tenente-Coronel Alberto Carneiro da Cunha Nóbrega, primeiro marido de sua irmã Henriette, e Coronel Hugo Ligneul, marido de sua irmã Elys. Conversa com Hugo Ligneul em dezembro de 2015.

¹⁰⁷ Sua irmã mais velha Regina casada com Paulo Dutra. Conversa com Hugo Ligneul em dezembro de 2015.

¹⁰⁸ Conversa com Nelson Lott em dezembro de 2015.

¹⁰⁹ CASTRO, CELSO. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 55.

¹¹⁰ CASTRO, C., op. cit., p. 55-6.

cadete pode optar pelas Armas clássicas – Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia – ou por uma das novas Armas criadas, ou alçadas à condição de Armas, - Intendência, Comunicações e Material Bélico¹¹¹. São vários os critérios que podem influir na escolha da Arma pelo cadete, melhores oportunidades de ascensão na carreira militar, local em que servirá, etc., nesse caso a que mais nos interessa é:

o cadete deve escolher aquela Arma que “tem mais a ver consigo”, que “casa com seu jeito de ser”, que sintoniza melhor com “a vibração da pessoa”; ou então o cadete pode “se projetar”, imaginar “como quer ser” e a partir daí fazer a sua escolha; deve ainda seguir “as suas características, o seu próprio gosto” e escolher a Arma “que tem mais a ver com a maneira de ser e com os interesses psicológicos, os anseios, a maneira do cara”. (CASTRO, op. cit., p. 58)

As Armas, de uma certa maneira, funcionam como um ambiente permeado por um conjunto de valores comuns que norteiam, conscientemente ou não, os cadetes e oficiais que optaram por aquela Arma. Esse fenômeno social é nomeado por Celso Castro como “espírito das Armas”, como se para fazer parte de uma Arma, o espírito daquele militar deve estar em consonância com o espírito daquela Arma.

Os *espíritos das Armas* compõem um sistema classificatório que estabelece uma homologia entre as características pessoais exigidas pelas diferentes “missões” (isto é, tarefas) de cada Arma numa situação de *combate* – as “atividades-fim” – e os diferentes padrões de conduta e personalidade mantidos na situação de não-combate, no cotidiano. **As características exigidas no combate** certamente correspondem a exigências táticas, práticas. Mas elas também são utilizadas – e é isto que nos interessa aqui – para, numa outra ordem de realidade, **produzir significação, cultura**. Temos então uma espécie de “**totemismo**” no qual os membros de cada Arma compartilham entre si regras de conduta mais ou menos obrigatórias e um **estoque de símbolos comuns** (emblemas, canções, motes, patronos, etc.) **relacionados ao espírito da Arma**. (CASTRO, op. cit., p. 59) (grifos meus)

Não é possível precisar se a escolha de Henrique Lott, Oscar de Moraes Costa e Nelson Lott foram devido a esse complexo de valores e símbolos que embrenham uma das Armas; no entanto, servem como uma estimativa da pendência de suas ações, atitudes, modo de pensar e experimentar a realidade. Também pode se argumentar que Edna Lott experimentou, por tabela¹¹², as Armas escolhidas por esses três militares mais próximos de sua

¹¹¹ CASTRO, C., op. cit., p. 55.

¹¹² POLLAK, M., op. cit., p. 201.

vida, influenciando possivelmente em algum nível sua vida, suas ações, atitudes, modos de pensar e de experimentar a realidade.

Henrique Lott, Oscar de Moraes Costa e Nelson Lott optaram pelas Armas clássicas. Henrique Lott elegeu a Arma da Infantaria, a Arma mais combatente e mais vibrante de todas elas.

A *Infantaria* dispõe-se ao longo de todo o front, dividida em pequenos grupos. O *infante* é quem está no “**centro do fogo**”, quem tem um contato físico, direto, com as tropas adversárias, conquistando e mantendo posições: é quem vai “ver o branco dos olhos do inimigo”. Para desempenhar suas missões o infante precisa, em primeiro lugar, ter uma ótima **resistência física**, para **suportar as condições extremas adversas** com que se defronta. Ele tem que superar a pé todos os obstáculos naturais, andar muito, correr, rastejar para escapar aos tiros inimigos. Precisa também conviver com a falta de sono, de comida, de conforto: é quem “pega a batata quente”. Ele também convive intimamente com o cansaço e a morte; por isso, deve ter “desprendimento”, coragem e vibração: “São os destemidos, os caras que... Vamos lá! Infantaria! Tudo pela Pátria!” Além de tudo isso, o tenente infante deve ser um **líder**, “**dar exemplo**” para seus subordinados (CASTRO, op. cit., p. 62) (grifos meus)

Apesar da personalidade seca, como retrato nas seções anteriores, sua carreira militar e política mostram um retrato fiel da descrição do infante por Celso Castro. São famosas as histórias do rigor e severidade no ofício militar¹¹³, na importância dada as marchas¹¹⁴, a cavar buracos milimetricamente seguindo os protocolos¹¹⁵, um “soldado modelar”¹¹⁶ que

¹¹³ “O método de Lott ficaria famoso e se tornaria uma lenda na caserna. Depois do toque de revista, às nove da noite, checava os pátios e fiscalizava o serviço do oficial do dia. Às quatro da manhã, estava de pé para fazer seus exercícios físicos e rezar. Em seguida, percorria todo o quartel. Acompanhava o toque da alvorada às cinco e meia da manhã, quando conferia, nos alojamentos, o cumprimento de suas ordens. Afinal, estavam no Exército, onde só manda quem aprende a obedecer. O homem dos regulamentos militares aguardava no portão do quartel, com o cronômetro na mão, marcando a chegada e a saída das companhias. Percorria a cavalo os locais dos exercícios. A tropa passou a conhece-lo. Farda impecável, sapatos brilhantes, que ele mesmo engraxava. Tornou-se um exemplo de disciplina, forjado no estrito cumprimento do dever.” WILLIAM, W., op. cit., p. 41.

¹¹⁴ “Era um ‘caxias’. As anedotas sobre a fama de durão de Lott [...]. Das piadas mais famosas, a ‘história da marcha’, com algumas variações – dependendo de quem a contava -, era uma das mais repetidas pelos oficiais. Dizia que Lott realizou uma marcha de 16 km, no quintal de sua própria casa, acompanhado de sua ordenança. Terminada a marcha, ele decidiu abarracar. O ordenança então lhe disse que faltavam os paus da barraca e saiu para busca-los quando Lott o deteve:

- Por aí, não. O senhor tem de fazer o caminho de volta andando os 16 km em sentido contrário.” WILLIAM, W., op. cit., p. 56-7.

¹¹⁵ “Quando a turma do 2º ano ia para o campo de exercício de Organização de Terreno, o Instrutor, tenente Henrique Lott, levava uma varinha, devidamente escalonada em centímetros, para verificar se o cadete cavava a trincheira dentro das medidas regulamentares.” COSTA, J., op. cit., p. 115.

¹¹⁶ SODRÉ, N. W., **Do tenentismo ao Estado Novo: memórias de um soldado**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 73.

“por força da influência de Lott, oficial brilhante de infantaria, os cadetes da turma de 1931, a maioria dos quais havia saído do Colégio Militar, era de conhecidos meus, que os sabia excelentes estudantes, tinha escolhido a infantaria”¹¹⁷.

Oscar de Moraes Costa optou pela Arma da Engenharia, considerada a mais “paisana”, no jargão militar, das Armas clássicas devido a essa Arma trabalhar mais com o setor de infraestrutura do país, na construção de pontes, estradas, etc., e pela possibilidade desse oficial poder trabalhar fora do Exército como engenheiro civil. No combate, atua apoiando as outras armas, normalmente a Infantaria, apresentando muitas vezes as características dos infantaria.

A Engenharia, no combate, atua apoiando outras Armas, principalmente a Infantaria, a que muitas vezes acompanha. Suas atividades específicas são: construir pontes rápidas para a transposição de cursos d’água, desativar campos de minas, fazer demolições com o uso de explosivos, superar obstáculos naturais. Pela proximidade com a Infantaria, o engenheiro apresenta muitas das características daquela Arma; em casos extremos, pode até mesmo a vir a atuar como tropa de Infantaria. Mas, ao contrário desta, a Engenharia não vai à guerra para combater: só faz quando é estritamente necessário. O tenente de Engenharia atua muitas vezes isolado, precisando ter “individualidade” para tomar decisões. Ele executa um trabalho que, embora “braçal”, “pesado”, é fundamentalmente “técnico”, “precisa pensar”. (CASTRO, op. cit., p. 63)

Oscar de Moraes Costa, não era apenas um engenheiro militar por escolha de sua Arma, ingressou em 1947 em uma das especificações do Instituto Militar de Engenharia (IME), na Urca, se formando, em 1951, nos cursos de Industrial e de Armamentos¹¹⁸. Possuía grandes habilidades com as mãos, construindo várias peças de mercearia por diletantismo, além de ser uma pessoa muito humana e cuidadosa. Nelson conta que “todos gostavam muito dele, tinha bom trato com todos” não só com os familiares e colegas como com todos do bairro¹¹⁹.

¹¹⁷ SODRÉ, N. W., op. cit., p. 83.

¹¹⁸ Segundo Nelson Lott, há uma grande diferença entre o engenheiro militar que é formado pela escolha da Arma de Engenharia e o engenheiro militar formado pelo IME ou ITA. O primeiro seria um profissional mais empírico, aprendendo através da prática. O engenheiro do IME ou ITA, por sua vez, é um engenheiro com formação acadêmica e teórica, não somente prática, igual a um formado por uma faculdade de engenharia civil. Nelson Lott teve como ofício principal em sua vida o trabalho de engenheiro.

Informações sobre o período de Oscar de Moraes Costa no Instituto Militar de Engenharia retirados do Arquivo do IME, Seção Técnica de Ensino.

¹¹⁹ Nelson relata que os porteiros gostavam muito dele. Conversa com Nelson Lott em novembro de 2015.

Mas a Engenharia não possui missões a cumprir apenas no combate: ela é também Engenharia de construção, que vai trabalhar na construção de rodovias, ferrovias, pontes e outras obras em regiões pouco desenvolvidas. O engenheiro, então, deve possuir, a par de um gosto pelo “pioneirismo” – eles são os “bandeirantes modernos” -, um sentimento “**humanitário**” bastante desenvolvido. (CASTRO, op. cit., p. 82) (grifo meu)

É famosa a história de que Oscar disponibilizava suas mãos como suporte para que Edna, sua esposa, pudesse tricotar¹²⁰. Não só o sentido humano era característico de Oscar, assim como o engenheiro militar, também sabia ser enérgico quando era necessário. Hugo Ligneul, também engenheiro militar, relatou que Oscar, quando instrutor na Academia Militar, era “muito brabo, puxava mesmo a tropa”¹²¹. Igualmente famoso era o seu jeito educador, “era muito gentil no trato, mas quando a gente aprontava ele não aliviava, não. Quando eu fazia alguma besteira, tirava nota baixa no colégio, ele olhava assim: ‘Tirou nota baixa no colégio, muito bem, isso são tantas palmadas’. E dava exatamente o número de palmadas. Nunca se exaltava, fazia aquilo para nos educar, mas não aliava a mão. Tinha uma mão pesada”¹²².

Nelson Lott, segundo filho de Edna Lott e Oscar de Moraes Costa, teve sua vida logo de imediato relacionada ao Exército, “desde o primeiro som que ouviu – já que nasceu no Hospital Central do Exército – as lembranças de sua infância, sua formação, até as roupas do Colégio Militar que ganhou como ‘gratuito-órfão’, ele devia ao Exército”¹²³. Imerso em um ambiente de familiares e amigos militares, com os quais convivia bem¹²⁴, Nelson seguiu os passos dos ascendentes indo cursar a Escola Preparatório de Cadetes do Exército, em Campinas;¹²⁵ no entanto, por problemas de adaptação, e com a nova ordem que se assomava no Exército a partir de 1964, Nelson não continuou na Escola Preparatória¹²⁶, “abandonando-a”¹²⁷ para fazer vestibular em 1966, com 17 anos.

¹²⁰ Conversa com Nelson Lott em novembro de 2015.

¹²¹ Conversa com Hugo Ligneul em novembro de 2015.

¹²² Conversa com Nelson Lott em novembro de 2015.

¹²³ WILLIAM, W., op. cit., p. 412.

¹²⁴ “Os amigos eram militares. Os parentes eram militares. Sentia-se à vontade entre militares, com os quais convivia desde criança.” WILLIAM, W., op. cit., p. 413.

¹²⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 413.

¹²⁶ WILLIAM, W., op. cit., p. 413.

¹²⁷ Nelson Lott me relatou que, durante o período em que esteve na Escola Preparatória de Cadetes, sofria com certos “comportamentos estranhos” por parte dos instrutores da escola. Cobravam-no mais do que os outros aspirantes. Sentia uma certa perseguição, já em 1965, por conta do sobrenome Lott – nome que atormentava aqueles militares que haviam tomado o poder político em abril de 1964 -, de modo que foi

Nelson saiu antes de poder optar pela Arma do Exército, me relatou, porém, que se tivesse a oportunidade de escolher, optaria pela Arma da Cavalaria, porque “gostava de andar a cavalo”¹²⁸, e não por algum atributo ou conjunto de valores atrelados a Arma em si. No entanto, outros indícios me levam a crer que Nelson Lott partilha de muitos dos valores que norteiam a Cavalaria, razões essas que exporei mais à frente em uma seção a parte. Restrinjo-me, no momento, a apresentar as características dessa Arma.

A Cavalaria atua basicamente pelos flancos, e sua missão é fazer reconhecimento avançado (através de incursões no campo adversário) e abrir brechas na linha inimiga, favorecendo a passagem da Infantaria para a frente. Para isso, ele necessita do impacto e da rapidez proporcionados pelos tanques e outros carros blindados (outrora pelos cavalos): é a Arma do “assalto”, da “decisão”. Ela precisa movimentar-se com velocidade, entrar em contato com o inimigo e sair desse contato rapidamente, “ir para cima do morro, barro, água”, “entrar de roldão”, “como se fosse um furacão, destruindo”, causando confusão nas hostes inimigas. Para alcançar esses objetivos, o cavalariano deve ser corajoso e rápido, “não pode perder muito tempo raciocinando”, não deve “se preocupar muito com nada”, tem de ser “descontraído”, “largado”. (CASTRO, op. cit., p. 62-3) (grifos meus)

Edna Lott, filha de um infante, casada com um engenheiro e mãe de um cavalariano, se apresenta como uma mulher na linha de fogo do combate (imagem 1). Todas essas três Armas, quando em ação bélica, se encontram no pelotão da frente, arrostando diretamente com o oponente. Pode-se considerar que, talvez, por ser vedada às mulheres o ingresso nas Forças Armadas em sua época¹²⁹, Edna Lott tenha optado pela política como linha de frente, como campo de atuação de luta e disputa dentro da sociedade.

mais “convidado a sair” do que desistiu por conta própria. Nelson me contou que era a única opção a ser tomada. Conversa com Nelson Lott em dezembro de 2015.

¹²⁸ Conversa com Nelson Lott em dezembro de 2015.

¹²⁹ A primeira turma de mulheres ingressas no Exército ocorreu, em 1992, na Escola de Administração do Exército em Salvador. As mulheres, antes, figuravam apenas nas funções hospitalares e de transporte aéreo, a partir de 1943, não figurando no corpo de oficiais. Há a exceção de Maria Quitéria, matrona das mulheres no Exército, que lutou pela manutenção da Independência do Brasil em 1823. Edna Lott se assemelha mais a Maria Quitéria, uma combatente, do que a um profissional militar da aérea da saúde, por toda a sua história política. Fonte: EXÉRCITO BRASILEIRO. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/-/asset_publisher/6ssPDvxqEURI/content/a-historia-da-mulher-no-exercito?redirect=http%3A%2F%2Fwww.eb.mil.br%2Fweb%2Fingresso%2Fmulheres-no-exercito%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_6ssPDvxqEURI%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-1%26p_p_col_count%3D1. Acesso em: 8 de jun. de 2016.

[...], que a vida

É luta renhida:

Viver é lutar.

A vida é combate

(Gonçalves Dias, Canção do Tamoio, Canto I)

(Anexo II)

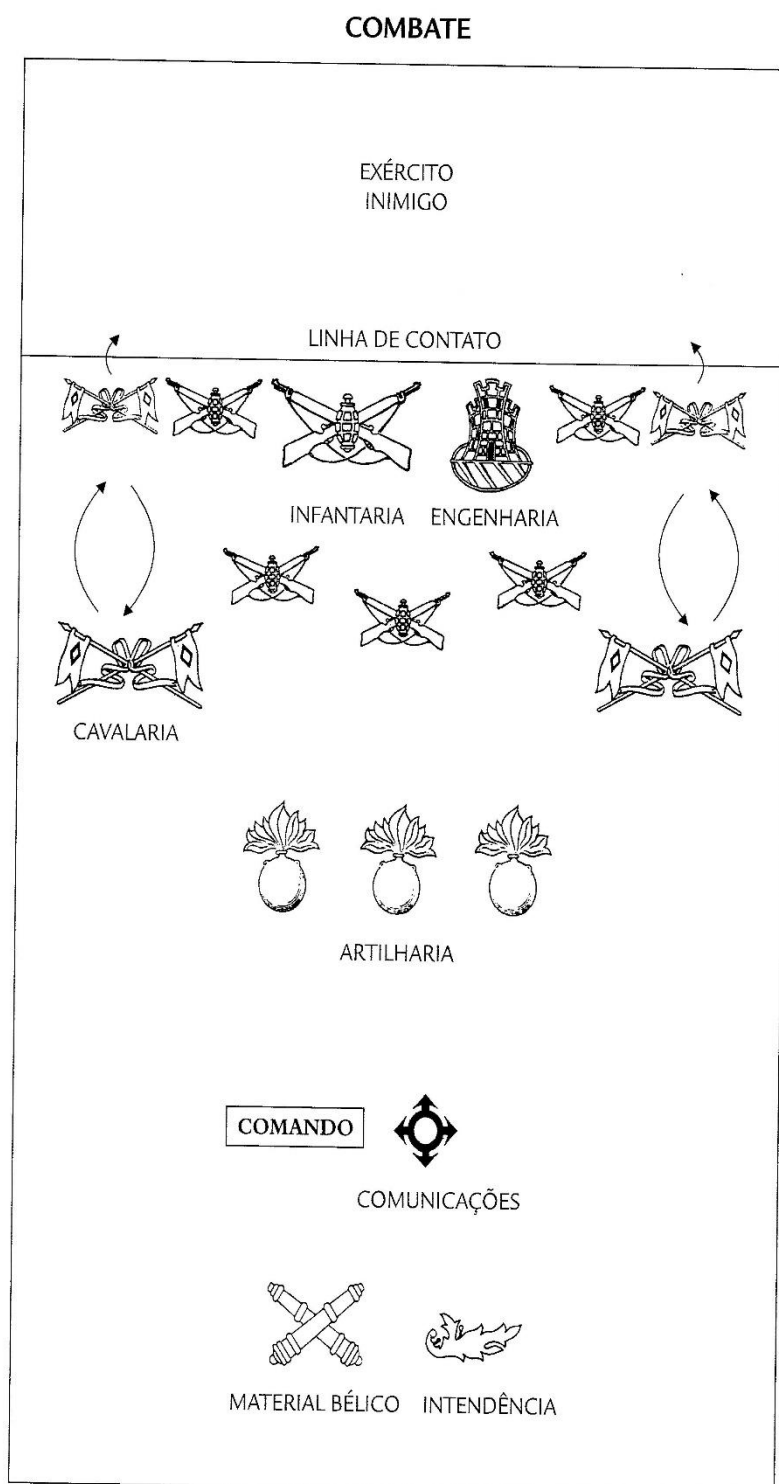


Imagem 1 (retirada de CASTRO, C., **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 61)

4.4. A Política:

A família Lott ingressa na vida política, na década de 1950, em meio à uma grande disputa já iniciada na década anterior, alcançando o seu paroxismo em 1954, com o suicídio de Getúlio. O final da II Guerra Mundial pôs em xeque a ditadura de Vargas; o Estado Novo se encontrava em uma grande contradição, na Europa lutava junto às democracias liberais pela derrocada do nazifascismo, no Brasil aplicava com entusiasmo o que apreciava nos modelos alemão e italiano dos anos 1920 e 1930¹³⁰. Constatando a falência do modelo estadonovista, Getúlio soube logo se adaptar aos novos tempos, iniciando um processo constituinte com as forças civis pela volta de um estado democrático constitucional, em 1945¹³¹. Antes de consegui-lo, Vargas foi apeado do poder pela alta cúpula militar que lhe conferiu sustentação política durante todo o Estado Novo, ao se sentirem traídos pelo afastamento do ditador e sua aproximação com o movimento sindical e as classes populares¹³², tudo em meio a um contexto pré-Guerra Fria, que já acendia as animosidades ante o “perigo vermelho”.

As pressões generalizadas e o receio de que Vargas tentasse permanecer no poder sustentado no apoio popular, frustrando, desse modo, o processo eleitoral já em curso, levaram à sua deposição pelas Forças Armadas, em outubro de 1945. Do lado dos militares, foi uma operação inédita: pela primeira vez as três armas agiram em conjunto, foi o primeiro golpe planejado pelos três estados-maiores. (CARVALHO, op. cit., p. 75)

A queda de Vargas, a eleição de Dutra e a promulgação da Constituição de 1946 trouxeram novos ares a vida política do país, e principalmente para

¹³⁰ Contradição essa que causava grandes preocupações na época com a volta da FEB ao Brasil. O contraste entre a Alta Cúpula do Exército, principal sustentáculo da ditadura do Estado Novo, e os militares febianos que lutaram contra o nazifascismo na Europa, promovia o estremecimento nas conotações e desdobramentos políticos que poderiam haver no Brasil. Estas possibilidades não só preocupavam Vargas como a alta oficialidade do Exército. FERRAZ, Francisco César Alves. **Os veteranos da FEB e a sociedade brasileira**. In: Nova história militar brasileira. org. Castro, Celso; Izecksohn, Vitor; Kraay, Hendrik. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 370-73.

¹³¹ “Valendo-se da legislação sindical e social por ele criada, Vargas, diretamente e via seu ministro do Trabalho, passou a dirigir-se explicitamente aos sindicatos e à classe operária, sem dúvida com um olho na possível necessidade de pôr fim à ditadura e contar com um novo ator político com peso eleitoral.

À medida que se tornava clara a vitória dos Aliados, intensificou-se a preparação para a democratização e o apelo aos operários. A imagem de Vargas como o ‘pai dos pobres’, o amigo dos operários, foi sendo sistematicamente construída. O movimento chegou ao auge com a proposta de uma Assembleia Constituinte com Vargas, apoiada até mesmo pelo Partido Comunista do Brasil.” CARVALHO, J.M., op. cit., p. 73.

¹³² “Essa guinada, que se assemelhava com o fenômeno peronista na Argentina desde 1943, foi a causa imediata do divórcio entre Vargas e as Forças Armadas. Estas, ou melhor a facção que as dominava, já então tomadas pelo anticomunismo e pela pretensão de guiar o Estado, não aceitaram a busca de novo ator político que lhe era política e ideologicamente antagônico.” CARVALHO, J.M., op. cit., p. 73.

as Forças Armadas. No entanto, a calma não durou muito tempo. Já em 1950, Getúlio é eleito novamente e todo o fantasma do Estado Novo e da política nacionalista, já em um período de Guerra Fria, voltam a assombrar os militares e a elite nacional.

Mas a imunização da organização militar contra a contaminação política externa não pode resistir à abertura política, à retomada do debate na sociedade. O centro da discórdia continuou sendo a figura do ex-ditador e sua política. Uma vez apresentada à candidatura de Vargas às eleições de 1950, as posições começaram a se extremar. (CARVALHO, op. cit., p. 75)

O segundo governo Vargas é marcado por um acirramento nos ânimos em todos os segmentos da sociedade¹³³, principalmente nas Forças Armadas¹³⁴. As disputas não se restringem mais ao campo militar, se estendendo à representação civil da corporação¹³⁵. O tradicional Clube Militar, organismo civil e de representação da classe militar, se converteu em privilegiado campo de batalha nas disputas da política nacional¹³⁶. Em

¹³³ “As Forças Armadas sofreram as pressões e os processos que se desenvolviam no seio da sociedade global; o tecido da corporação militar estava impregnado dos problemas e indagação que se apresentavam no centro do debate político a nível nacional. Além disso, as Forças Armadas respondiam a essas pressões através da ação de grupos que atuavam em seu interior e através de posicionamentos corporativos, que indicavam o grau de controle de que a hierarquia dispunha sobre os grupos militares, ainda que se considere que as decisões da hierarquia foram no sentido de sustentáculo de uma ou outra das forças em confronto dentro da sociedade global.” PEIXOTO, Antonio Carlos. **O Clube Militar e o confronto no seio das Forças Armadas**. In: Os partidos militares no Brasil. Rouquié, Alain (org.). Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 72.

¹³⁴ “Se é verdade que as intervenções militares levavam em geral a marca do conjunto da corporação e expressam suas posições e seus pontos de vista, nem por isso se deve esquecer que as Forças Armadas brasileiras estiveram divididas em várias oportunidades e que tais divisões refletiam uma pluralidade de tendências e abordagens dentro da própria máquina militar.” PEIXOTO, Antonio Carlos., op. cit., p. 71.

¹³⁵ “Durante a República Velha, as Forças Armadas, forças de reserva da oligarquia, foram mantidas à margem do debate político. O Estado Novo transformara o Exército em uma instituição que participava ativamente do processo de tomada de decisão. Mas a estrutura autoritária do regime, apesar de ter politizado o Exército, impedia o desenvolvimento do debate político. E foi preciso aguardar 1945, a queda de Vargas e a ‘redemocratização’, para que as correntes militares, que se tinham criado nos últimos anos da ditadura de Vargas, pudessem se manifestar mais livremente. A necessidade sentida por tais correntes de dar a conhecer à opinião pública seus pontos de vista e, assim, influenciar o processo político e os grupos e partidos civis impôs novos papéis ao Clube Militar.” PEIXOTO, A.C., op. cit., p. 89.

¹³⁶ “Uma organização militar sensível às pressões e cisões da sociedade política, como o eram as Forças Armadas, acaba encontrando os meios de manifestar as exigências das correntes de opinião que agem em seu seio. Se o debate político nas Forças Armadas ganhou tal amplitude e se o Clube Militar se tornou o canal privilegiado para o confronto dessas correntes, isso se deve a que o Exército, a partir de 1945, integrara-se definitivamente, como força organizada, à esfera política do país. Urgia, naturalmente, levá-la em consideração.” PEIXOTO, A.C., op. cit., p. 88-9.

torno do clube se encampavam dois principais¹³⁷ partidos militares¹³⁸, ou facções militares¹³⁹, um que defendia o desenvolvimento através de uma política nacionalista e de uma política externa autônoma às superpotências surgidas no final da II Guerra Mundial, pró-Vargas¹⁴⁰, e outra que defendia o desenvolvimento do país através do investimento estrangeiro e do atrelamento imediato aos Estados Unidos, anti-Vargas¹⁴¹.

Os debates e disputas não se restringiam apenas às questões de defesa nacional, se alastravam pelas questões políticas debatidas na época como as questões do controle do petróleo e dos recursos minerais e energéticos do país¹⁴². Junto ao conturbado cenário político militar, também se somam as pressões externas pela tentativa de desenvolvimento independente do Brasil

¹³⁷ “Assim, **nacionalismo** e **antinacionalismo** haviam se tornado os **dois pólos principais** do processo político no âmbito das Forças Armadas. A articulação de cada um desses pólos com os grupos civis deu aos debates e confrontos políticos nas Forças Armadas uma importância e amplitude tais, que os choques entre as facções militares não podem ser isolados dos processos que ocorreram na sociedade e na esfera política nacional. As confrontações entre essas duas correntes acompanharam toda a história do Brasil entre 1945 e 1964: amiúde, as confrontações civis se expressaram por golpes de Estado e intervenções militares que marcaram a predominância alternada das correntes que disputavam a hegemonia na máquina militar.” PEIXOTO, A.C., op. cit., p. 84. (grifos meus)

¹³⁸ “A expressão ‘partido militar’, que adotamos e pode parecer inutilmente provocadora, não implica de modo algum o desejo de obliterar a especificidade das instituições armadas, tornando conhecido o desconhecido e confundindo o funcionamento político do braço militar do Estado com o modelo partidário. Essa metáfora não outro objetivo, em um primeiro momento, senão o de assinalar firmemente a perspectiva escolhida: as Forças Armadas podem ser forças políticas que desempenham, *por outros meios*, as mesmas funções elementares que os partidos, e sobretudo que conhecem em seu seio – tanto quanto os partidos, mas segundo outra lógica – processos de deliberação, de tomadas de decisão, e até mesmo de união e articulação sociais.” ROUQUIÉ, Alain. **Os processos políticos nos partidos militares do Brasil. Estratégias de pesquisa e dinâmica institucional**. In: Os partidos militares no Brasil. Rouquié, Alain (org.). Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 12.

¹³⁹ “Nesse mesmo volume, veja o capítulo de Alain Rouquié, *Les Processus Politiques dans les Partis Militaires au Brésil*. *Stratège de Recherche et Dynamique Institutionnelle*, p.9-24 em que o autor apresenta a ideia de partido militar que se aproxima do que chamamos de facção, e que é útil para dar conta das implicações políticas das divisões entre os militares.” CARVALHO, J.M., op. cit., nota 11, p. 77

¹⁴⁰ “O nacionalismo militar, pelo contrário, tinha suas raízes mergulhadas na política econômica adotada por Vargas durante o Estado Novo, e o dirigismo do Estado era, para tal corrente, inevitável, já que a livre iniciativa não dispunha dos meios para atender às exigências do desenvolvimento econômico. A participação das massas populares no processo político, participação controlada e enquadrada, naturalmente, era indispensável para formar uma coligação de forças sociais e políticas capaz de enfrentar os interesses externos congregados em torno do bloco agroexportador.” PEIXOTO, A.C., op. cit., p. 83.

¹⁴¹ “As correntes antinacionalistas reivindicam a defesa da democracia ocidental, consequência lógica de sua identificação no nível político com o tradicional liberalismo antivarguista e da força de atração representada pelo modelo norte-americano. Mas o conteúdo da democracia liberal proposta por tais correntes e por seus aliados civis ressalta todos os elementos típicos do tradicional liberalismo brasileiro: elitismo e caráter antimobilizador, e hostilidade à participação popular. Eles são, em última análise, partidários de uma democracia restrita, fechada, e que funcionaria em favor de camadas e setores minoritários da população.” PEIXOTO, A.C., op. cit., p. 83.

¹⁴² “Os primeiros posicionamentos do Clube Militar, no quadro do debate entre ‘nacionalistas’ e ‘liberais’, apareceram quando da campanha pela nacionalização do petróleo e pela defesa dos minérios atômicos. A questão do petróleo e a defesa da Petrobrás, temas caros aos nacionalistas, iam ser fontes de cisão no seio dos grupos militares.” PEIXOTO, A.C., op. cit., p. 89.

e dos violentos ataques midiáticos¹⁴³, sobretudo do virulento Carlos Lacerda, que, a partir do episódio da Rua Tonelero no dia 5 de agosto de 1954, tornaram a situação de Getúlio Vargas insustentável na presidência da República¹⁴⁴, levando-o ao suicídio.

Era a segunda vitória da facção que o derrubara em 1945. Novamente teve êxito uma operação integrada da hierarquia militar, na qual a ação da facção anti-Vargas se escondia sob a justificativa do interesse de toda corporação. Os partidários militares de Vargas não tiveram força nem legitimidade para reagir, enquanto os neutros se deixaram levar pelo argumento corporativo e anticomunista. (CARVALHO, op. cit., p. 78)

Em meio a esse ambiente conturbado, no âmbito civil¹⁴⁵ e no âmbito militar¹⁴⁶, que o Gen. Lott é convocado pelo vice-presidente, agora atual presidente, Café Filho para apaziguar a situação nessas duas frentes¹⁴⁷. Militar averso à política e a tudo que se relaciona a ela¹⁴⁸, Lott era conhecido por sua posição legalista e por ser um disciplinador¹⁴⁹, contando ainda com a vantagem de ter sido instrutor de grande parte do corpo de oficiais do Exército, inclusive dos participantes dos dois principais partidos militares em conflito¹⁵⁰. Por esses atributos, era o candidato ideal para ocupar a pasta

¹⁴³ SODRÉ, N. W. **História militar do Brasil**. p. 345-50.

¹⁴⁴ SODRÉ, N. W., op. cit., p. 353.

¹⁴⁵ “A consagração popular que foi o deslocamento do corpo de Vargas do palácio presidencial ao aeroporto, com as massas populares nas ruas, protestando de modo violento contra o atentado e sendo espaldejadas e espingardeadas pela tropa a mando dos conspiradores, e a sequência e generalização de tais manifestações, voltadas contra as representações do imperialismo e contra os seus agentes internos, com depredações enormes, como em Porto Alegre, deixaram os senhores do poder hesitante. [...] Tais manifestações, colocando na defensiva os golpistas, fizeram-nos recuar de seus propósitos de imediato aprofundamento da conspiração, levando-a às últimas consequências.” SODRÉ, N. W., op. cit., p. 355.

¹⁴⁶ A disputa entre os dois partidos militares, nacionalistas vs. Internacionalistas, chegaram a excessos inimagináveis. Prisões, torturas, expurgos se tornaram comuns no interior do Exército contra os próprios militares. Na disputa para a direção do Clube Militar, em 1952, os militares internacionalistas passaram a se utilizar da tática do terror – intimidando, prendendo, torturando -, não só contra os seus adversários da ala nacionalista, como os próprios militares encarregados da comissão eleitoral na recepção dos votos para a direção do Clube Militar no interior do país.

Para mais, ver: SODRÉ, N. W., op. cit., p. 326-348; SMALLMAN, Shawn C. **A profissionalização da violência extralegal das Forças Armadas no Brasil (1945-64)**. In: Nova história militar brasileira. org. Castro, Celso; Izecksohn, Vitor; Kraay, Hendrik. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 397-403.

¹⁴⁷ SODRÉ, N. W., op. cit., p. 361.

¹⁴⁸ “Somente o general Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, escolhido para a pasta da Guerra, não se identificava com a UDN ou, até então, com qualquer partido político. Mineiro, nascido no ano de 1894, o general possuía carreira marcada pela equidistância dos debates políticos. [...] Sua trajetória, até então, estava marcada pela postura legalista e de distanciamento das questões políticas.” CARLONI, Karla. **Forças Armadas e democracia no Brasil: o 11 de Novembro de 1955**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 55-6.

¹⁴⁹ “De fatos e histórias como essa foi sendo criada a imagem do general-ministro, escolhido por representar para a maioria no Exército um oficial legalista, disciplinador, cumpridor do regulamento. Sem concessões.” WILLIAM, W., op. cit., p. 25.

¹⁵⁰ “Eu havia sido instrutor da Escola de Sargentos, instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, três vezes instrutor da Escola Militar, instrutor da Escola do Estado-Maior. Então no exercício dessas

da Guerra, pois não sendo ligado a nenhum dos dois partidos militares, trataria de aplacar as animosidades e excessos entre esses dois blocos em choque.

Na pasta da Guerra, entretanto, além da rivalidade entre os conspiradores, havia necessidade de chefe que merecesse um mínimo de respeito, que os indisciplinados da véspera não inspiravam de forma alguma, pelo exemplo que haviam dado. Havia, entre os generais brasileiros, uma figura singular pelas suas virtudes pessoais e profissionais, que se impusera ao respeito e consideração de todos por uma longa carreira, em que se destacara pela soma invulgar de credenciais apresentadas, entre elas o rigoroso sentido da disciplina e probidade jamais posta em dúvida. Só um homem desses poderia, num ambiente tão conturbado, exigir e alcançar a obediência de seus subordinados. Tanto mais que, na unilateralidade de sua formação, era tido e apregoava-se apolítico, isto é, infenso ao jogo de interesses que, em nosso país, é confundido com a política. Esse homem singular, procurado para a fase de convulsão, e o único julgado capaz de superá-la era o general Henrique Batista Duffles Teixeira Lott. [...]

Para os que haviam operado o golpe de Estado, a solução era ideal: à sombra do respeito que o chefe militar posto no Ministério da Guerra inspirava, e com a convivência de seu apoliticismo, realizariam tudo o que desejavam. Caberia ao ministro manter a ordem, isto é, fazer-se obedecer, impedir que os militares do Exército manifestassem sua repulsa ao que seria realizado. (SODRÉ, op. cit., p. 356-7)

Em agosto de 1954, Lott assumia a pasta da Guerra, conseguindo manter a ordem até o ano seguinte, quando nova crise política acomete a República brasileira.

Os desdobramentos da crise de agosto de 1954 e o debate em torno da alternativa de renúncia de Vargas levaram a uma cisão entre as Forças Armadas, principalmente entre oficiais da Aeronáutica e da Marinha, de um lado, e parte dos oficiais do Exército, de outro. A divisão radicalizou-se durante o ano de 1955, e a politização, que já era uma constante, transformou-se em cotidiano nos meios militares. (CARLONI, op. cit., p. 55)

funções, tive oportunidade de lidar com boa parte da oficialidade do Exército, principalmente com aqueles que nessa ocasião estavam em postos elevados. Portanto, conhecia-os, sabia o que eles eram, o que podiam fazer e como poderiam agir, dados os seus temperamentos e suas inclinações." LOTT, H. B. D. T. **Henrique Teixeira Lott (depoimento, 1978)**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2002, p. 71.

Em outubro 1955 estava programada nova eleição presidencial¹⁵¹, e os militares queriam uma chapa única, de união nacional¹⁵², para “superar” a crise que surgira com a eleição de Vargas em 1950, e estourara com a sua morte em 1954. No entanto, já em novembro de 1954, Juscelino Kubitschek lança sua candidatura à presidência da República, pelo PSD, com apoio dos setores progressistas do seu partido, conhecida por “ala moça”, que buscavam renová-lo¹⁵³.

A oposição militar à candidatura de Juscelino manifestou-se ainda no final de 1954. Em dezembro, os representantes das três Forças militares decidiram que, perante a delicada situação política, era necessário um candidato de conciliação nacional para serem evitados maiores choques entre as forças partidárias. Foi elaborado um documento secreto, entregue pelo ministro da Marinha a Café Filho, no qual era sugerido ao presidente da República um “apelo cordial aos líderes políticos brasileiros” para a solução de um candidato único. (CARLONI, op. cit., p. 60)

Apesar da pressão dos militares e do presidente Café Filho, JK prosseguiu no seu intento de se tornar presidente do Brasil¹⁵⁴; e, agravando ainda mais o delicado momento que o país atravessava, compôs chapa com João Goulart, ex-ministro do Trabalho de Getúlio, odiado pelos militares e pela elite brasileira¹⁵⁵. O PTB preferiu lançar João Goulart como vice-presidente, se aliando ao PSD, visando fortalecer o seu partido no Congresso nacional¹⁵⁶. A união entre os dois partidos herdeiros da política varguista, PSD e PTB,¹⁵⁷ atemorizavam as elites brasileiras e os militares, o fantasma de Getúlio seguia vivo assombrando as classes dominantes do país¹⁵⁸.

¹⁵¹ CARLONI, K., op. cit., p. 59.

¹⁵² CARLONI, K., op. cit., p. 59.

¹⁵³ CARLONI, K., op. cit., p. 59.

¹⁵⁴ CARLONI, K., op. cit., p. 60-1.

¹⁵⁵ João Goulart passou a ser odiado, pelos militares e pelas elites brasileiras, quando concedeu o aumento de 100% do salário mínimo na autoridade de ministro do Trabalho, em 1954. “O chamado Manifesto dos Coronéis continha dois pontos importantes: o veto ao aumento do salário mínimo, reivindicação sentida dos trabalhadores, contando com o apoio do jovem Ministro do Trabalho e pessoa de absoluta confiança de Vargas, João Goulart, cuja cabeça se pedia;” SODRÉ, N. W., op. cit., p. 351.

¹⁵⁶ CARLONI, K., op. cit., p. 61-2.

¹⁵⁷ “A coligação populista era representada principalmente por uma aliança entre os dois partidos criados por Vargas ao término do Estado Novo. O PTB – Partido Trabalhista Brasileiro – constituía a vanguarda dessa coalizão, na medida em que havia sido o instrumento privilegiado de Vargas para controlar o movimento operário e sindical. O PSD era um partido muito mais complexo e singular. Fora criado em torno das estruturas de controle político desenvolvidas por Vargas na época do Estado Novo, ou seja, os interventores e os grupos sociais de sustentação da máquina estatal a nível local e regional.” PEIXOTO, A. C., op. cit., p. 102.

¹⁵⁸ “A Era Vargas, definida de maneira ampla como o período que vai de 1930 a 1964, teve como uma de suas características a mudança radical nas relações entre Vargas e as Forças Armadas. [...]”

A candidatura de Juscelino Kubitschek, lançado pelo Partido Social Democrático (PSD), reacendeu o udenismo militar. Os mesmos que combatiam Vargas passaram a combater Juscelino, que acusavam de continuador do varguismo, e levantaram a tese de maioria absoluta de votos na eleição presidencial de 1955. (CARVALHO, op. cit., p. 78)

Juscelino venceu as eleições, no entanto, a subida até o Palácio do Catete foi árdua. A oposição, negando-se a aceitar os resultados das urnas, encetou a tramar um golpe junto ao presidente em exercício, nos seus últimos meses de mandato, Café Filho¹⁵⁹. Num conluio em que se associavam as Forças Armadas - Marinha e a Aeronáutica, em seus mais altos cargos, e parte do Exército¹⁶⁰ -, com os setores econômicos e políticos mais retrógrados, tramavam tomar o poder político através do afastamento do presidente Café Filho por razões médicas, passando-o para o presidente da Câmara, Carlos Luz¹⁶¹. O único entrave era o ministro da Guerra, gen. Lott - averso a qualquer tipo de rompimento constitucional -, que deveria ser provocada a sua renúncia com um ato de desprestígio da hierarquia militar, pondo sua autoridade à prova¹⁶². Alcançado isso, o próximo passo seria impossibilitar a posse de Kubitschek.

O plano gora com a atuação do gen. Odílio Denys que avisa Lott, demissionário naquele momento¹⁶³, das tramas contra o governo eleito constitucionalmente¹⁶⁴. Apesar de ser contra seus mais arraigados princípios, Lott engendra uma manobra militar para garantir a posse de JK e depor as artimanhas de Café Filho e Carlos Luz¹⁶⁵. Rompe com a Constituição para

A partir daí, a luta foi sem trégua. A morte de Vargas, em 1954, não pôs fim ao conflito, pois passou-se, então, a combater a sua herança política, ou o seu fantasma, que se dizia encarnado em Juscelino Kubitschek e João Goulart.” CARVALHO, J. M., op. cit., p. 55-6.

¹⁵⁹ CARLONI, K., op. cit., p. 93-106.

¹⁶⁰ “Em 11 de outubro, os ministros da Aeronáutica e da Marinha participaram de uma reunião com um grupo de militares na casa do almirante Penna Botto, presidente nacional da Cruzada Brasileira Anticomunista e conhecido aliado dos preconizavam uma medida extralegal para a crise política.” CARLONI, K., op. cit., p. 94.

¹⁶¹ CARLONI, K., op. cit., p. 93-102.

¹⁶² CARLONI, K., op. cit., p. 106-12.

¹⁶³ “Ao disponibilizar o Ministério, Lott recusou-se a passar imediatamente a pasta a Fiúza, como este desejava. Afirmou que ainda precisava redigir o seu boletim de despedida e faltavam algumas providências para deixar o posto. Dessa forma, acertaram para as quinze horas do dia seguinte, 11 de novembro, a transmissão de cargo.” CARLONI, K., op. cit., p. 113.

¹⁶⁴ “Ainda na noite do dia 10 de novembro, já em sua casa, o general Lott teria entrado em contato, [...], com o general Odílio Denys, comandante da Zona Militar Leste (RJ), [...]. Denys dirigiu-se à residência de Lott e o alertou das consequências de sua demissão. O comandante avisou-o de que iria demitir-se do cargo e, com ele, outros comandantes tomariam a mesma decisão. Por fim, Denys afirmou estarem tropas da Marinha e da Aeronáutica de prontidão e perguntou a Lott se não desejava que o Exército fizesse o mesmo.” CARLONI, K., op. cit., p. 113.

¹⁶⁵ CARLONI, K., op. cit., p. 113-35.

que seja cumprida a Constituição¹⁶⁶ em um movimento que ficou conhecido por “retorno aos quadros constitucionais vigentes”¹⁶⁷. A atuação de Lott foi fundamental para a posse de Juscelino, sem a qual não se tornaria presidente de fato, apenas de direito; obrigando ao novo presidente manter Lott na pasta da Guerra¹⁶⁸ que, apesar dos turbulentos cinco anos de governo, conseguiu entregar o seu mandato, ao contrário dos outros presidentes do período democrático findado com o golpe de 1964¹⁶⁹. A atuação do ministro da Guerra foi fundamental para a estabilidade do governo e das Forças Armadas, lidando com algumas rebeliões isoladas¹⁷⁰.

A atuação de Lott, em novembro de 1955 e durante o mandato de Juscelino Kubitschek, proporcionaram-lhe a alcunha de “general do povo”, comandante do “Exército do povo”¹⁷¹, chegando ao ponto de ser comparado a Getúlio Vargas - numa equiparação a representação do ex-presidente como

¹⁶⁶ “Não dormi. Passei cerca de quatro horas insone, com o coração aos pulos, cheguei até recear que algo me fosse acontecer, apesar da rijeza dos meus 60 anos... Foi aí que vivi bem o dilema a que meu amigo Canrobert se referiu discutido discurso. Conforma-me aceitar minha decisão como fato consumado a que nada deveria opor, ou rebelar-me? A paixão da legalidade me impedia a qualquer gesto que importasse em quebra das normas constitucionais. Mas, por outro lado, meditava: [...]. Tudo isso seria consequência de minha confirmação naquele momento. Mas havia uma alternativa: Sair temporariamente do quadro legal para chefiar um movimento que afastasse o Presidente moralmente incapaz de exercer as altas funções, assim como outras autoridades militares favoráveis à solução ilegal.” Entrevista do Mal. Lott a Manchete no dia 19 de novembro de 1955, retirada da obra de Carloni. CARLONI, K., op. cit., p. 114.

¹⁶⁷ “No dia 11 de novembro de 1955, sob a liderança do ministro da Guerra, o general Henrique Duffles Teixeira Lott, a facção militar identificada com as teses que aludiam à soberania nacional, à democracia e à legalidade, fez prevalecer a sua posição política no que passou a ser chamado de contragolpe ou golpe preventivo. O ‘Movimento de Retorno aos Quadros Constitucionais Vigentes’, conhecido pejorativamente por Novembrada, impediu a tentativa de golpe desencadeada por militares e políticos conservadores que queriam impedir a posse de JK e Jango.” CARLONI, K., op. cit., p. 18-9.

¹⁶⁸ “Em 31 de janeiro de 1956, contrariando a oposição e sob a garantia do Exército brasileiro, Juscelino Kubitschek e João Goulart foram empossados no governo da República. Para maior descontentamento dos adversários civis e da ala militar mais conservadora, principalmente da Marinha e da Aeronáutica, Lott foi mantido no Ministério da Guerra. JK estava certo de que o general seria um importante pilar do seu governo.” CARLONI, K., **Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 157.

¹⁶⁹ “JK foi o único presidente civil que, durante o período democrático de 1945-1964, permaneceu no governo do início ao fim do seu mandato. A aparente estabilidade política conquistada, de acordo com Celso Lafer e Maria Victória Benevides, deveu-se à manutenção de um tripé estrutural: a aliança entre os dois maiores partidos políticos da época, PSD e PTB; o apoio das Forças Armadas, principalmente na figura de seu ministro da Guerra, o general Lott; e uma política econômica conciliatória com as elites, por meio do Plano de Metas.” CARLONI, K., op. cit., p. 158-9.

¹⁷⁰ “Os acontecimentos recentes da história republicana brasileira demonstravam que o presidente não conseguiria governar à revelia das Forças Armadas. Lott, com pulso firme, enfrentou revoltas e resistências nos meios militares”. CARLONI, K., op. cit., p. 157.

¹⁷¹ “O general Agnaldo Del Nero Augusto, fazendo alusão à festa de entrega da espada de ouro em novembro de 1956, é contundente:

‘Os aniversários dos ‘generais do povo’ passaram a ser comemorados com a presença maciça de graduados e com extremados discursos nacionalistas.’ [...]

Lyra Tavares também denuncia os ‘generais do povo’: ‘as expressões ‘Exército do Povo’ e ‘General do Povo’ ganhavam, assim, uma conotação nitidamente comunista.’ CARLONI, K., op. cit., p. 51-2.

“pai dos pobres” -, sendo tomado como o grande continuador de seu legado¹⁷². No período em que foi ministro da Guerra, Lott trabalhou no sentido de dar maior segurança laboral ao quadro dos sargentos¹⁷³, designando, inclusive, um dia específico para recebe-los em seu gabinete, no Palácio Duque de Caxias¹⁷⁴, atitude que feriu muitos egos dos quadros oficiais das Forças Armadas, sobretudo os mais altos da hierarquia, que “acusavam o ministro de tratar melhor os sargentos do que os generais”¹⁷⁵.

Outro ponto polêmico de sua passagem no Ministério da Guerra, foi a composição de seu gabinete. Em meio a cisão e grave polarização dos partidos militares nas Forças Armadas, Lott compôs um grupo formado por nacionalistas, legalistas e comunistas militares, numa tênue coalizão para tentar garantir o frágil alicerce que sustentava a democracia brasileira naquele momento¹⁷⁶. A eleição de militares notoriamente comunistas para integrar o Ministério da Guerra provocou fortes tensões e reprimendas dos setores mais conservadores das Forças Armadas, que em 1964 desfecharam o golpe de Estado¹⁷⁷. Muitos desses militares afirmaram que o golpe foi para estancar a infiltração dos comunistas no Exército, tendo o seu auge no período em que Lott foi ministro¹⁷⁸.

¹⁷² Em discurso pela comemoração de um ano do Movimento 11 de Novembro, na qual se entregou a Espada de Novembro ao general Lott, Toledo Pizza, prefeito de São Paulo na época, “afirmou que o general Lott seria o verdadeiro substituto de Getúlio Vargas” afirmando que “com a morte de Getúlio Vargas, abriu-se um hiato na história do Brasil. Seu lugar deve ser ocupado por um *leader*. [...] Esse *leader*, o povo brasileiro aponta neste instante na pessoa do General Teixeira Lott!

Este povo está certo de que a espada, que agora lhe é entregue, General Teixeira Lott, só será desembainhada em defesa dos oprimidos, para a garantia das nossas liberdades e para a preservação da independência da Pátria.” CARLONI, K., op. cit., p. 179.

¹⁷³ “Quando ministro, o general conseguiu uma coisa até então inédita: quebrar a rígida barreira que separava o Ministério da Guerra e o seu chefe dos escalões mais baixos do Exército. Em agosto de 1956, Henrique Lott assinou, juntamente com Juscelino, a lei número 2.852 que ‘assegurava estabilidade no serviço ativo militar dos sargentos das Forças Armadas, da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, e dá outras providências’. Até então os sargentos não tinham garantia de permanência nas forças militares, o que implicava em afastamento depois de anos de trabalho.” CARLONI, K., op. cit., p. 164.

¹⁷⁴ “Durante o período em que ocupou a pasta, o general passou a receber semanalmente em seu gabinete militares oficiais e subalternos que desejavam ter uma audiência com o ministro.” CARLONI, K., op. cit., p. 187.

¹⁷⁵ CARLONI, K. **Forças Armadas e democracia no Brasil: o 11 de Novembro de 1955**. p. 112.

¹⁷⁶ “O ministro da Guerra montou um ministério com homens de sua confiança. Muitos deles pendiam para os ideais de esquerda e alguns pertenciam ao Partido Comunista. Apesar das inúmeras críticas de oficiais como Cordeiro de Farias, Castello Branco, Ernesto Geisel e Juarez Távora, o critério de escolha do ministro era a defesa da democracia, da legalidade e dos ideais nacionalistas.” CARLONI, K. **Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política**. p. 162.

¹⁷⁷ “Lott foi acusado de ter politizado e protegido oficiais comunistas e ter perseguido a direita quando ministro.” CARLONI, K., op. cit., p. 162.

¹⁷⁸ “Em sua maioria, os militares brasileiros comprometidos com os ideais de 1964, além de identificarem ameaças no interior da sociedade, também salientam, como importante motivo para a quebra institucional, a infiltração das Forças Armadas por agentes ligados ao comunismo internacional. [...]”

Essa extensa digressão serve para apontar tanto para o tripé acima referido – família, exército e política -, que se intensificará com a entrada de Edna Lott, a partir de 1960, e de Nelson Lott, em 1968, na vida política do país; quanto para assinalar a grande proporção simbólica que o nome Lott, sobretudo incorporado na figura do Marechal, tomou. O nome Lott representava a possibilidade de um Brasil mais justo e independente¹⁷⁹. Apesar de não aparentar, de imediato, se tratar de uma figura carismática, ao Marechal Lott se aglutinaram ideias e imagens de desenvolvimento nacionalista e de emancipação das classes subalternas, se tornando uma figura popular¹⁸⁰. Carloni argumenta, utilizando-se do pensamento de Geertz, que o carisma, ao contrário do seu entendimento mais corrente, depende mais dos anseios dos indivíduos que compõem aquele meio social do que de algum atributo ou qualidade do indivíduo carismático¹⁸¹. O indivíduo carismático possui os valores que os indivíduos de uma sociedade almejam ou se espelham para dar significado à própria vida ou para experimentarem certa realidade; mais do que a pretensão de líder, o carisma pode ser visto mais como um fenômeno circunstancial do que intencional por parte do carismático, dependendo menos do indivíduo carismático do que das pessoas que o elegem como símbolo, numa relação, muitas vezes, quase totêmica.

Geertz define o carisma como fenômeno cultural e histórico que pode assumir variadas formas de acordo com a sociedade e o processo histórico em que se desenvolve.

No campo da política e de suas relações de poder, a razão de grupos sociais enxergarem sua transcendência em determinados indivíduos tem, em parte, sua explicação na “conexão entre o valor simbólico de indivíduos e a relação que estes mantêm com o centros ativos da ordem social”. [...]

A dimensão simbólica adquirida pelo carismático é um fenômeno cultural e historicamente construído e está diretamente ligada ao centro de poder e suas representatividades. Desta forma, os

Se alguns oficiais identificaram a chamada ‘Intentona Comunista’ de 1935 como o início da infiltração comunista no meio militar, é quase unanimidade identificar a década de 1950, com destaque para o governo de JK, como momento em que teria ocorrido a proliferação, sob a proteção de Lott, de oficiais e subalternos ligados à doutrina de Moscou.” CARLONI, K., op. cit., p. 46.

¹⁷⁹ “Naquele momento Lott se tornou um símbolo de união entre os grupos militares e civis nacionalistas na defesa das reformas de base, de uma política econômica nacional independente e da democracia. [...]

O nome e a imagem do marechal agregavam aqueles que desejavam uma sociedade mais justa, fossem eles integrantes do PCB, do PTB, do PSD ou sem nenhuma vinculação partidária.” CARLONI, K., op. cit., p. 249.

¹⁸⁰ “Me lembro que naquela época todo mundo sabia escrever o meu nome. Lott, L-o-t-t. Hoje em dia ninguém mais acerta.” Conversa com Nelson Lott em dezembro de 2015.

¹⁸¹ CARLONI, K., op. cit., p. 181-2.

símbolos materializados em um indivíduo fazem parte do imaginário da sociedade na qual ele próprio está inserido: são os símbolos conferidos ao carismático que lhe dão credibilidade, e não o contrário. Uma cultura política, por mais racional que seja, está permeada por valorações que transitam no terreno do transcendental, do místico e, assim, produzem o fenômeno carismático”. (CARLONI, op. cit., p. 181-2)

O marechal Lott mais do que representar o militar nacionalista, incorporava os valores cristãos de salvador ou redentor da pátria¹⁸², aquele que traria moralidade, desenvolvimento e felicidade aos cidadãos numa peregrinação de ensinamento patriótico pelo país¹⁸³; sendo comparado, não poucas vezes, a Tiradentes, personagem também alvo de criações e construções mitológicas e alegóricas de uma sociedade que saía do regime monárquico e ingressava no republicano¹⁸⁴. No caso de Lott, seria a saída redentora do estado de dependência para o estado de desenvolvimento nacional, dando prosseguimento ao governo de JK¹⁸⁵. Nessa construção ideal e imagética, é lançada sua campanha presidencial em 1960, convencido, ainda que com muitas resistências de sua parte¹⁸⁶, a concorrer ao cargo devido ao “sacrifício necessário à pátria”¹⁸⁷.

Apesar de derrotada a campanha presidencial de seu pai, foi nesse momento que Edna Lott ingressou na política, pelo menos em seu segmento institucional. Junto das irmãs Regina e Henriette¹⁸⁸, participou da campanha presidencial do pai de maneira veemente comprando “grandes brigas antes e

¹⁸² CARLONI, K., op. cit., p. 24-38.

¹⁸³ “Nas palavras de Milton Senna, a campanha eleitoral do ex-ministro adquire um caráter missionário, uma verdadeira ‘pregação cívica’ que teria permitido o candidato correr o país revelando a ‘pureza de seus ideais e a integridade de sua conduta’. A presença do velho marechal no mundo político seria uma resposta aos clamores do povo e à sua obrigação para com a pátria;” CARLONI, K., op. cit., p. 34.

¹⁸⁴ “A analogia entre Tiradentes e Lott faz lembrar a construção do primeiro como herói nacional conclamado e consolidado durante a Primeira República. José Murilo de Carvalho, estudando a construção do mito de Tiradentes, afirma que um dos principais motivos para o sucesso e o apelo social do mito republicano foi estar de acordo com os valores presentes na mentalidade brasileira da época. A figura de Tiradentes teria realizado uma metamorfose, deixou de representar o militar envolvido na trama libertária mineira e foi associada à religiosidade cristã, à pacificação e à ideia de união em torno de um ideal, seja a independência nacional, a luta contra a monarquia ou a consolidação da República.” CARLONI, K., op. cit., p. 25.

¹⁸⁵ “O projeto de governo do marechal era, acima de tudo, a continuação da obra de Juscelino Kubitschek. O II Plano de Desenvolvimento Nacional enaltecia o governo que terminava e o desenvolvimento econômico proporcionado pelo programa desenvolvimentista. Definia as suas metas tendo como referência principal: ‘o plano desenvolvimentista do Presidente Juscelino Kubitschek (...) uma das maiores contribuições, que a nossa história oferece, para a formulação de um plano nacional completo, para o progresso econômico e cultural da Nação.’” CARLONI, K., op. cit., p. 232.

¹⁸⁶ CARLONI, K., op. cit., p. 229.

¹⁸⁷ O sacrifício era impedir a vitória de Jânio Quadros que, segundo Lott, era um demagogo que defendia ideias diametralmente opostas antes de se tornar candidato pela UDN objetivando o cargo de presidente da República. CARLONI, K., op. cit., p. 230, 271-4.

¹⁸⁸ Conversa com Hugo Ligneul em dezembro de 2015.

depois das eleições”¹⁸⁹, chegando “a ser suspensa por três dias como professora pelo próprio ministro da Educação, Brígido Tinoco”¹⁹⁰ por ter feito “críticas desairosa” à política de Jânio Quadros¹⁹¹. Edna Lott tinha consciência do seu cabedal familiar-militar-político, utilizando-se do seu capital social¹⁹² para ingressar na vida política de maneira independente, afirmando em sua segunda campanha ao cargo de deputada estadual, em 1966, como forma de provocação: “Eu faço política porque gosto, meu pai por patriotismo. Ele é um símbolo nacional, como todo mundo sabe, e costumava me prevenir que a política é uma piscina de crocodilos, mas nem isso me desanimou.”¹⁹³

Edna Lott foi deputada estadual duas vezes, sendo eleita em 1962 pelo PTB, principalmente pelos votos das professoras, atuando na área da educação¹⁹⁴, e em 1966 pelo MDB como candidata mais votada com 29.000 votos¹⁹⁵. Além da defesa do magistério, Edna Lott defendia valores e segmentos do pai, como a democracia e a liberdade¹⁹⁶ e os quadros subalternos das Forças Armadas, Polícia e Corpo de Bombeiros¹⁹⁷, participando, inclusive, em 1963, de uma passeata a favor da anistia dos sargentos rebelados nesse mesmo ano¹⁹⁸.

Seus partidos políticos, PTB e MDB, pelos quais foi eleita não serão objetos de maiores análises nesse trabalho, me limitarei apenas em localizá-los no lado esquerdo do campo político, entendendo por esquerda todas as posições que objetivam de alguma forma, sem especificar os meios, a autonomia nacional e a diminuição da desigualdade e injustiça social do

¹⁸⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 408.

¹⁹⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 408.

¹⁹¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 408.

¹⁹² BOURDIEU, P., **O capital social – Notas provisórias**. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (org.) Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

¹⁹³ WILLIAM, W., op. cit., p. 408-9.

¹⁹⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 408.

¹⁹⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 408.

¹⁹⁶ Discurso em defesa do direito de organização, pela proibição do Congresso de Solidariedade à Cuba, devido a alegação de ser “subversivo”, em: Assembleia Legislativa – Anais – Jan.- Março. – 1963 – VOL. XX, p. 484; exaltação ao caráter democrático do povo brasileiro em: Assembleia Legislativa – Anais – Janeiro à Março – 1964 – VOL. XXX, p. 185; contra as perseguições ideológicas do governador Carlos Lacerda e em defesa da democracia em: Assembleia Legislativa – Anais – Janeiro à Março – 1964 – VOL. XXX, p. 470; exaltação à autodeterminação dos povos, saudando o Quênia pela sua independência política, em: : Assembleia Legislativa – Anais – Janeiro à Março – 1964 – VOL. XXX, p. 548.

¹⁹⁷ “É um projeto justo e humano porque estende aos Oficiais e Praças do Corpo de Bombeiros do Estado da Guanabara, gratificação por risco de vida.

[...]

Quando vem um projeto como este da nobre Deputada Edna Lott, que estende gratificação por risco de vida aos Oficiais e Praças do Corpo de Bombeiros”. Discurso do deputado Paulo Alberto retirado de: Assembleia Legislativa – Anais – Janeiro à Março – 1964 – VOL. XXX, p. 415.

¹⁹⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 410.

Brasil¹⁹⁹. Tal definição se aproxima mais ao PTB, partido de massa e trabalhista²⁰⁰, do que ao MDB, partido da oposição consentida pela ditadura militar²⁰¹; no entanto, é possível coloca-los no mesmo plano de disputa política no sentido da defesa e luta pela democracia, ainda que em estado precário no caso do Movimento Democrático Brasileiro. Posicionando Edna Lott no campo político de uma maneira suprapartidária, das esquerdas, pertencendo ao terreno do dispositivo militar do Partido Comunista do Brasil (PCB), sendo muito próxima e grande amiga do coronel Kardec Lemme²⁰², cuja sua esposa era assessora de Edna no período em que esteve na Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara²⁰³, e também de Nelson Werneck Sodré²⁰⁴, ambos notórios militares do PCB.

Edna Lott lia a sua realidade, antes do golpe, como o “momento político vivido como uma transição entre uma ‘política de cúpulas e uma política de massas, popular, de desenvolvimento e de nacionalismo’”²⁰⁵, sendo esperado naquela conjuntura a “reação dos que têm tudo a perder com a transição entre o passado e o futuro, entre o Brasil colonial e submisso e o Brasil livre e independente”²⁰⁶, reação esta que ocorreu em 1964 com a deposição do presidente João Goulart. Após o 1º de abril de 64, Edna Lott, reeleita em 1966, continuou a defender a classe das professoras²⁰⁷ até 1969 quando foram cassados os seus direitos políticos e seu mandato de deputada estadual por dez anos, enquadrada no artigo terceiro do AI-16 combinado com o AI-5²⁰⁸. Durante o período entre o golpe deflagrado e o fechamento patente para a ditadura em 1968, Edna Lott não tomou posições frontalmente contrárias

¹⁹⁹ CARLONI, K., op. cit., p. 23.

²⁰⁰ CARLONI, K., op. cit., p. 110-1.

²⁰¹ “Fora longa, com efeito, a caminhada que permitira ao MDB deixar de ser mera ‘oposição consentida’ à ditadura (o partido que só dizia ‘sim’ ao regime militar, contrariamente à ARENA, que dizia ‘sim, senhor’) para se tornar a frente democrática, na qual, até 1979, agruparam-se praticamente todas as forças que resistiam ao poder discricionário dos generais e de seus acólitos civis.” MORAES, João Quartim de. **O argumento da força**. In: As Forças Armadas no Brasil. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987. p. 43.

²⁰² “Sua filha, a Edna Lott, vivia em minha casa e era o nosso principal contato com o ministro. Ele não fazia restrições ao convívio dela conosco.” Entrevista do coronel Kardec Lemme a Carloni em: CARLONI, K., op. cit., p. 164.

²⁰³ WILLIAM, W., op. cit., p. 409.

²⁰⁴ “Kardec era eminência parda do Partido Comunista (risos). Onde tinha coisa do Partido Comunista estava o Kardec, discurso do Prestes estava o Kardec com uma malinha atrás do homem.”, e “(Nelson) Werneck Sodré frequentava lá em casa, morava na mesma rua de frente. [...] Frequentava porque participou da campanha (para presidente) do vovô (mal. Lott)”. Conversa com Nelson Lott em abril de 2016.

²⁰⁵ CARLONI, K., op. cit., p. 250.

²⁰⁶ CARLONI, K., op. cit., p. 250.

²⁰⁷ Sobre a defesa da classe das professoras como a defesa dos vencimentos, aumentar o número de salas de aula para os alunos de nível médio, cursos noturnos supletivos, etc., ver: Assembleia Legislativa – Anais – Jan. a Mar. – 1967 – Vol. LX. p. 116, 136, 142; Assembleia Legislativa – Anais – Jan. a Março – 1968 – Vol. LXIX. p. 166, 256, 284, 300, 451.

²⁰⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 409.

ao regime recém instalado no país²⁰⁹, comportamento político que mudará radicalmente a partir de fatores familiares, militares e políticos.

4.5. Nelson Lott da Cavalaria:

Como já exposto anteriormente (seção 4.3), Nelson Lott saiu antes de poder escolher a sua Arma do Exército, não havia se adaptado aos novos paradigmas que se instalavam na instituição, à perseguição aos dissidentes do partido militar hegemônico no contexto pós-1964, aos trotes, passando a ser marcado pelos veteranos²¹⁰. Desmotivado, largou a Escola Preparatória de Cadetes e foi fazer vestibular em 1966²¹¹, passando para o curso de História na Universidade Federal Fluminense (UFF)²¹². Nesse novo ambiente, fora da Academia Militar – um ambiente mais conservador –, Nelson Lott começa a participar da vida política do país em manifestações, atuando como segurança de líderes políticos em atos políticos²¹³ e também se tornando presidente do Centro Acadêmico de História da UFF²¹⁴, chegando a participar de alguns poucos encontros da Ala Vermelha²¹⁵, dissidência mais à esquerda do PCdoB²¹⁶. Nesse momento se gestava o Nelson que ingressará na ALN²¹⁷ em 1968²¹⁸.

Ao ingressar à ALN, Marighella quis aproveitar o seu sobrenome Lott para o fronte político da organização²¹⁹, no entanto, Nelson “deixou clara a sua posição”²²⁰ de que “não era político, não iria fazer discursos ou distribuir panfletos”²²¹, se oferecendo para agir na “parte mais perigosa da operação, o grupo tático de ação armada (GTA)”²²². Como agente do GTA da ALN, Nelson Lott participou em quinze assaltos a banco, cinco a quartéis e a diversos postos de sentinelas da polícia e a vários guardas-noturnos; realizou transporte de armas e pessoal; organizou treinamento de guerrilha e de tiro aos integrantes da organização; assaltos a carros, expropriando 55

²⁰⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 409.

²¹⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 413.

²¹¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 413.

²¹² Conversa com Nelson Lott em novembro de 2015.

²¹³ WILLIAM, W., op. cit., p. 413-4.

²¹⁴ Conversa com Nelson Lott em novembro de 2015.

²¹⁵ Sobre o PCdoB e a Ala Vermelha ver: GORENDER, Jacob. **Combates nas trevas**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 107-11.

²¹⁶ WILLIAM, W., op. cit., p. 414.

²¹⁷ Sobre a ALN ver: GORENDER, J., op. cit., p. 94-100.

²¹⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 414-5.

²¹⁹ Memória do autor, essa é uma história famosa na família.

²²⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 416.

²²¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 416.

²²² WILLIAM, W., op. cit., p. 416.

automóveis²²³. A atuação de Nelson na ALN mostra o desempenho de um exímio e modelar cavalariano.

Se não tens a rapidez do raio,
O olhar da águia
E a coragem do leão,
Não és digno de pertencer
À Cavalaria

Esse mote tradicional sintetiza as características que o cavalariano deve ter: **rapidez, combatividade e coragem**. [...] O contato com o cavalo permite, segundo os cadetes da Arma, desenvolver a **flexibilidade**, a coragem, a **determinação**, o **desprendimento**, a vontade de **superar obstáculos** (CASTRO, *O espírito militar*, p. 71) (grifos meus)

Não obstante, Nelson, apesar de imbuído do espírito dessa Arma, não pertencia a Cavalaria do Exército; no entanto, pode-se afirmar que nem por isso Nelson Lott não era um cavaleiro, ao contrário do cavalariano, Nelson pertencia a uma outra Cavalaria. No livro, *O soldado absoluto*, Wagner William apresenta as motivações que levaram Nelson a ingressar na luta armada como a vontade de marcar posição e o entendimento da necessidade de reagir, tendo a nítida consciência da impossibilidade de vitória da luta armada, o que chocava muitos dos companheiros de guerrilha²²⁴. No filme *Os militares da democracia: os militares que disseram não ao golpe*, de Sílvio Tendler²²⁵, Nelson afirma que entrou na luta armada porque via que os heróis nacionais, ex-combatentes da FEB que lutaram contra o nazismo na Europa, estavam sendo enxovalhados pela ditadura recém instaurada, lançados de chofre na lata de lixo da história²²⁶. Essa experiência para Nelson, como o mesmo afirma no filme, foi chocante, motivando-o e levando-o a participar de grupos de resistência²²⁷.

Além das motivações, dadas pela própria personagem, o filme nos concede outra informação muito importante para tentar entender a figura de Nelson Lott. Em seu depoimento, Nelson está vestindo uma camisa com os seguintes dizeres: “En un lugar de la Mancha en cuyo nombre no quiero acordarme, no ha mucho tiempo que vivía un hidalgo de los de lanza

²²³ WILLIAM, W., op. cit., p. 416.

²²⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 416.

²²⁵ MILITARES da democracia: Os militares que disseram não ao golpe. Direção, argumento, roteiro e texto: Sílvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban, 2014. 99 min.

²²⁶ TENDLER, S., op. cit., 101'21" a 102'48".

²²⁷ TENDLER, S., op. cit., 101'21" a 102'48".

astillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor. Una olla de algo más vaca que carnero, salpicón las más noches, duelos y quebrantos los sábados, lentejas los viernes, algún palomino de añadidura los domingos [...]”. Esse texto representa a introdução, no original, do livro de Cervantes, *El ingenioso Don Quijote de la Mancha*²²⁸, livro de grande repercussão na vida de Nelson, talvez o mais importante de todos que tenha lido.

Não são poucas as referências e objetos, além da camiseta por ele vestida no filme, a personagem Dom Quixote na vida de Nelson. A personagem de Cervantes²²⁹ representa um homem inconformado com as injustiças sociais que acometiam a Espanha na transição entre o sistema feudal e o capitalismo primitivo, o que leva a personagem a peregrinar pelo país vingando os fracos e oprimidos incapazes de se defender do jugo e das opressões vigentes²³⁰. Nelson se aproxima, dessa forma, menos da Cavalaria do Exército do que da Cavalaria Andante, que tem por membro, além das grandes personagens dos romances de cavalaria como Amadís de Gaula e el Cid Campeador, o próprio Dom Quixote²³¹.

Vivaldo perguntou o que vinham a ser cavaleiros andantes.

- Vossas mercês – respondeu dom Quixote – não leram os anais e as histórias da Inglaterra, que tratam das famosas façanhas do rei Artur, a quem em nosso romance castelhano geralmente chamamos de “el-rei Artus”? [...] Pois na época desse bom rei foi instituída aquela famosa ordem de cavaleiros da Távola Redonda

²²⁸ Nesse trabalho utilizo o texto: CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. 1.ed. vol. 1 e 2. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

²²⁹ Não utilizo nenhum texto, a exceção do próprio livro de Cervantes, sobre a personagem Dom Quixote, pois a personagem e as interpretações que a envolvem já são bastante conhecidas.

²³⁰ Um paralelo pode ser feito com o Brasil no tempo da luta armada, sobretudo, se nos apropriarmos do pensamento, protagonizado, entre outros, por Nelson Werneck Sodré, de entender a colônia e o Império como períodos feudais passados pelo país, e, que a República representava a transformação e a adequação do Brasil ao novo modo de produção capitalista, que suplantara o modo de produção feudal há muito na Europa e Estados Unidos. Sobre a interpretação de Nelson Werneck Sodré sobre feudalismo e capitalismo no Brasil, ver: SODRÉ, N. W. **Formação histórica do Brasil**. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

²³¹ “– Sancho, meu amigo, debes saber que eu **nasci** nesta **Idade do Ferro** por vontade do céu, para **ressuscitar** nela a do **Ouro**, ou a **Dourada**, como costuma se chamar. Eu sou aquele para quem estão **reservados os perigos**, as **grandes façanhas**, os **feitos corajosos**. Eu sou, repito, aquele que há de **ressuscitar a Távola Redonda**, os Doze de França e os Nove da Fama, e que há de mandar para o esquecimento os Platires, os Tablantes, Olivantes e Tirantes, os Febos e Belianeses, com o bando todo dos famosos cavaleiros andantes dos tempos antigos, fazendo neste em que me acho tais enormidades, raridades e feitos de armas que obscureçam os mais brilhantes que eles fizeram.” CERVANTES, M., op. cit., vol.1, p. 225. (grifos meus). É possível ler a vida de Nelson, nesse momento, nesse trecho como a “Idade do Ferro” sendo a época do chumbo da ditadura militar, contexto em que estava inserido, e a “Idade do Ouro” ou “Dourada” como a época dos heróis nacionais combatendo na II Guerra Mundial contra os nazistas. Cabendo-lhe grandes perigos e feitos corajosos para ressuscitar os patrícios da FEB, como Kardec Lemme e Rui Moreira Lima – por ele citado no filme de Sílvio Tendler -, suplantados pelos linha-dura no Exército a partir de 1964.

[...]. Pois desde então, de mão em mão aquela ordem de cavalaria foi se estendendo e dilatando por muitas e diversas partes do mundo [...]. Eis, senhores, o que é ser cavaleiro andante, e a que mencionei é a ordem de sua cavalaria, à qual eu, repito, embora pecador, me filiei, professando o mesmo que professaram os aludidos cavaleiros. E assim vou por essas solidões e descampados em busca de aventuras, com ânimo deliberado de oferecer meu braço e minha pessoa à mais perigosa que a sorte me depare, na defesa dos fracos e desvalidos. (CERVANTES, op. cit., vol. 1, p. 150-1)

Próximos aos valores e ideais de Dom Quixote estão os valores do guerrilheiro. Che Guevara, ícone e maior símbolo da guerrilha ibero-americana, teorizando sobre a guerrilha²³², afirma que a vida de guerrilheiro exige uma série de condições físicas, mentais e morais para que seja possível exercer as funções e missões integralmente²³³. Antes de tudo, o guerrilheiro, segundo Guevara, é um reformador social que atuará como vanguarda avançada da luta do povo contra um regime opressor e injusto²³⁴.

Porém, o guerrilheiro, como elemento consciente da vanguarda popular, deve ter uma **conduta moral** que o acredite como verdadeiro sacerdote da reforma que pretende. À **austeridade** obrigada pelas **difíceis condições** da guerra deve acrescentar a austeridade nascida de um rígido autocontrole que impeça um só excesso, um só deslize, na ocasião em que as circunstâncias puderem permiti-lo. O soldado guerrilheiro deve ser um **asceta**. (GUEVARA, op. cit., p. 39) (grifos meus)

Aqui encontram-se os valores de Dom Quixote, e inclusive ao próprio estoicismo característico da família Lott (seção 4.2), de abnegação e sacrifício em favor dos desfavorecidos e injustiçados. Assim como o fidalgo, o guerrilheiro renuncia sua vida de comodidade social e se junta ao povo para lutar contra a opressão que recai sobre este²³⁵. O guerrilheiro será, então, a vanguarda armada na luta contra a opressão de classe agindo de maneira a confundir, dispersar, cansar e aterrorizar²³⁶ o inimigo, representado na classe

²³² Trata-se do clássico *A guerra de guerrilhas*, no qual instrui e reflete como montar e organizar uma atividade guerrilheira.

²³³ GUEVARA, Ernesto. **A guerra de guerrilhas**. 3.ed. São Paulo: Edições Populares, 1982. p. 40.

²³⁴ GUEVARA, E., op. cit., p. 16.

²³⁵ "Isto acontece muito amiúde porque os iniciadores da guerra de guerrilhas ou, melhor dizendo, os diretores da guerra de guerrilhas, não são homens que tenham a espinha curvada dia após dia sobre o trabalho, são homens que compreendem a necessidade das mudanças da vida social dos camponeses, mas não sofreram, em sua maioria, as amarguras desta vida." GUEVARA, E., op. cit., p. 40.

²³⁶ "As incursões devem ser constantes. Ao soldado inimigo que está em lugar de operações não se deve deixar dormir, os postos devem ser atacados e liquidados sistematicamente. Deve dar-se em todo o momento a impressão de que um cerco completo rodeia o adversário; nas zonas de matas acidentadas, durante todo o dia, nas zonas planas ou facilmente penetráveis, durante a noite." GUEVARA, E., op. cit., p. 20.

dirigente, apoiada muitas vezes por grupos internacionais, protegida pelo exército profissional e por núcleos da burocracia nacional²³⁷.

Caindo como uma **tempestade, destruindo tudo**, sem dar tréguas, a não ser que as circunstâncias táticas aconselhem, justificando quem tenha que ser justificado, **semeando pânico entre os combatentes inimigos**, mas ao mesmo tempo, tratando benevolentemente aos vencidos indefesos, respeitando também os mortos. (GUEVARA, op. cit., p. 41)

Ao mesmo tempo, o guerrilheiro também apresenta características do cavalariano, partilhando em grande parte do mesmo “espírito” como o “assalto” e a “decisão”, na entrada rápida com o inimigo e saindo do contato igualmente rápido, causando confusão nas hostes adversárias²³⁸. O guerrilheiro, dessa maneira, pode ser visto como a mescla dos valores de Dom Quixote com os valores cavalarianos, a união da Cavalaria Andante com a Cavalaria do Exército. Permeado por esses dois universos valorativos e imerso em um contexto político-social que propiciava a formação de guerrilhas no país, era natural que Nelson Lott ingressasse em uma das várias organizações surgidas durante a ditadura militar, momento em que vários jovens e estudantes universitários, ambiente que o rodeava, optaram por essa via de ação política.

A Aliança Libertadora Nacional (ALN), dissidência do PCB em 1968²³⁹, foi talvez a mais famosa organização guerrilheira do Brasil nas décadas de 1960 e 1970, e talvez seja a que possua o pensamento mais próximo dos valores cavalarianos e quixoteanos. Influenciado pelo modelo cubano do foquismo²⁴⁰, após consecutivas viagens a Cuba em 1967, 1968 e 1969²⁴¹, Marighella elabora um ideário adaptado da guerrilha castro-guevarista às condições brasileiras²⁴², sendo talvez a principal variação a constituição de guerrilhas urbanas²⁴³ como etapa inicial para a guerrilha

²³⁷ GUEVARA, E., op. cit., p. 15.

²³⁸ CASTRO, C., **O espírito militar**, p. 62-3.

²³⁹ GORENDER, J., op. cit., p. 95.

²⁴⁰ “Calcados principalmente na própria experiência, que pretendiam tivesse validade universal, os escritos cubanos salientavam a impossibilidade de êxito da luta revolucionária quando se trava nas cidades, onde o inimigo concentra seu poder. O *locus* privilegiado da revolução só pode ser o campo, onde o inimigo se vê obrigado a dispersar as forças, enquanto os revolucionários recebem o apoio dos camponeses para a guerra de guerrilhas. Deste estreito embasamento conceitual se desdobrou a *teoria do foco guerrilheiro* ou *foquismo*”. GORENDER, J., op. cit., p. 76.

²⁴¹ GORENDER, J., op. cit., p. 95.

²⁴² GORENDER, J., op. cit., p. 96-8.

²⁴³ Che Guevara via como única possibilidade para o contexto dos países ibero-americanos a guerrilha rural devido ao atraso econômico. “Havíamos dito também que nas condições atuais da América, pelo menos, e de quase todos os países pouco desenvolvidos economicamente, os lugares que ofereciam condições ideais para a luta eram rurais, e portanto a base das reivindicações sociais que levantará o guerrilheiro será a mudança da estrutura da propriedade agrária.” GUEVARA, E., op. cit., p.38.

rural, essa sim capaz de fazer a revolução e trazer a vitória a causa guerrilheira²⁴⁴. Inspirado no MR-26²⁴⁵, o primeiro e principal princípio da ALN será o da ação, a ação faz o movimento, sem grandes preocupações e necessidades de reflexão teóricas, já bastante elaboradas no desenvolvimento dos movimentos revolucionários ao longo do desenvolvimento histórico das vitoriosas revoluções comunistas²⁴⁶.

O primeiríssimo **princípio** é o **da ação**. É a **ação** que **faz** a **organização** e a **desenvolve**. **Ação** significa **violência revolucionária, luta armada, guerrilha**. A ação cria tudo a partir do nada, do zero (repete-se a sentença de Fidel Castro). Daí decorre a **atitude antiteoricista** – a teoria vista como blábláblá em torno de mesas de discussão. As necessidades teóricas do presente já estão supridas pelo leninismo e pelo castrismo, nada há a acrescentar. (GORENDER, op. cit., p. 96) (grifos meus)

Este principal princípio da ALN conflui com o “espírito” da Cavalaria, que projeta um militar “corajoso e rápido” que “não pode perder muito tempo raciocinando”²⁴⁷ e ao mesmo tempo que aja de maneira devastadora durante o combate²⁴⁸. As proximidades são tamanhas que, para Marighella, a guerrilha urbana serve como uma forma de dispersar, distrair, cansar e aterrorizar as tropas inimigas e propiciar, com isso, a formação da guerrilha rural, essa sim que alcançará a vitória e a revolução²⁴⁹; similar à tática da Cavalaria que age destroçando as linhas de frente do inimigo possibilitando que a Infantaria avance no campo de batalha²⁵⁰. O perfil do militante da ALN, desse modo, será aquele apto à ação armada²⁵¹.

²⁴⁴ “O guerrilheiro urbano não teme dismantelar ou destruir o presente sistema econômico, político e social brasileiro, já que sua meta é ajudar ao guerrilheiro rural e colaborar para a criação de um sistema totalmente novo e uma estrutura revolucionária social e política, com as massas armadas no poder”. MARIGHELLA, C., op. cit., p. 4.

²⁴⁵ Movimento Revolucionário 26 de Julho, ver: GORENDER, J., op. cit., p. 81-2.

²⁴⁶ “Esse é o núcleo central, não de burocratas e oportunistas escondidos na estrutura organizacional, não de conferenciantes vazios, de escritores de resoluções que permanecem no papel, senão de homens que lutam. [...]

Esse núcleo doutrinado e disciplinado com uma estratégia de longo alcance e uma visão tática consistente com a aplicação da teoria Marxista, dos desenvolvimentos do Leninismo e Castro-Guevaristas, aplicados às condições específicas da situação revolucionária. Esse é o núcleo que dirigirá a rebelião à fase de guerra de guerrilha.” MARIGHELLA, C., op. cit., p. 59.

²⁴⁷ CASTRO, C., op. cit., p. 62-3.

²⁴⁸ CASTRO, C., op. cit., p. 62.

²⁴⁹ “A técnica da guerrilha urbana tem as seguintes características:

[...]

c. É uma técnica que busca o desenvolvimento das guerrilhas urbanas, cuja função é desgastar, desmoralizar, e distrair as forças inimigas, permitindo o desenvolvimento e sobrevivência da guerrilha rural que está destinada a um papel decisivo na guerra revolucionária.” MARIGHELLA, C., op. cit., p. 18.

²⁵⁰ CASTRO, C., op. cit., p. 62.

²⁵¹ GORENDER, J., op. cit., p. 98.

O guerrilheiro urbano é um homem que luta contra uma ditadura militar com armas, utilizando métodos não convencionais. Um revolucionário político e um patriota ardente, ele é um lutador pela libertação do seu país, um amigo de sua gente e da liberdade. (MARIGHELLA, op. cit., p. 4)

Ao mesmo tempo, o guerrilheiro da ALN conflui com os valores de Dom Quixote. O uso da violência pela organização não é indiscriminado, atacando aleatoriamente e por interesses pessoais, como atua um meliante; ao contrário, a Ação Libertadora Nacional prima pela violência contra o opressor e o explorador, identificados como os grandes empresários e imperialistas, as forças repressivas como polícia e exército, e alguns núcleos da burocracia nacional²⁵². O guerrilheiro urbano, assim como o fidalgo espanhol, é um “inimigo implacável do governo e infringe dano sistemático às autoridades e aos homens que dominam e exercem o poder”²⁵³ contra as classes subalternas, os fracos e desvalidos da terra.

Assim ingressou Nelson Lott na luta armada, podendo compreender tal acontecimento, além dos campos valorativos e do contexto estudantil ao qual vivia acima expostos nesta seção, como parte do tripé família-exército-política, categoria utilizada para percepção das forças que atuam sobre as decisões, conscientes ou não, de Edna Lott. O neto da família da guerra vai à guerra, incorporando-se a uma organização de necessidades altamente estoicas, de grandes exigências físicas, intelectuais e morais. Uma organização de cunho político militarista²⁵⁴, juntando de uma só vez a questão política e marcial – do exército – em uma só questão, utilizando-se dos conhecimentos militares que aprendeu na Academia e dos conhecimentos políticos adquiridos na interação com os estudantes politizados da década de 1960.

5. A queda:

Nelson Lott tinha consciência de que sua hora chegaria²⁵⁵, como de fato chegou numa, agourenta data, sexta-feira 13, quando policiais à paisana

²⁵² “O guerrilheiro urbano, no entanto, difere radicalmente dos delinquentes. O delinquente se beneficia pessoalmente por suas ações, e ataca indiscriminadamente sem distinções entre exploradores e explorados, [...]. O guerrilheiro urbano segue uma meta política e somente ataca o governo, os grandes capitalistas, os imperialistas norte-americanos.” MARIGHELLA, C., op. cit., p. 4.

²⁵³ MARIGHELLA, C., op. cit., p. 4.

²⁵⁴ “O termo *militarismo*, dicionarizado como indicativo da preponderância dos militares na vida política, recebeu entre as esquerdas o significado de predomínio da tendência para a luta armada imediata. Organizações esquerdistas *militaristas* eram aquelas que adotavam formas de luta e de propaganda armada e desprezavam as formas de luta de massas.” GORENDER, J., op. cit., p. 83.

²⁵⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 416.

foram procura-lo na casa de sua mãe Edna Lott, delatado por um companheiro que achara que seu nome já estava na “boca” da polícia há muito tempo²⁵⁶. Edna ainda tentou despistá-los, no entanto, sem obter êxitos, acabou por leva-los até a casa de Nelson, após ameaças a sua filha mais nova e desde que não fizessem nada com sua nora, esposa de Nelson, grávida do primeiro filho e neto²⁵⁷. Edna Lott até este momento, como acima exposto, ainda acreditava nas forças de segurança do Estado, imaginando que, em um engano por parte dos militares, seu filho fosse solto no dia posterior a esse evento²⁵⁸.

Detido para “identificar alguém que sofrera um acidente de carro”, Nelson fora levado na viatura acompanhado pela sua mãe, Edna Lott, e do seu irmão mais novo, Carlos Eduardo, para o quartel do 1º Batalhão da Polícia do Exército (PE), na rua Barão de Mesquita, bairro da Tijuca²⁵⁹. Ainda tentariam deter o filho mais novo, Carlos Eduardo, para averiguação, mas o instinto falou mais alto: “– Não, ele não vai ficar para averiguação. Ele vai comigo. Vocês estavam atrás do Nelson. O Nelson está preso. E meu caçula não tem nada a ver com isso.”²⁶⁰ A mulher da guerra fala mais alto e consegue poupar o filho mais novo.

A partir desse dia, Edna não conseguiu mais encontrar o seu filho Nelson²⁶¹. Sabia que estava detido, mas não sabia aonde estava lotado. Como reage, ou age, a partir desses novos acontecimentos, uma mulher totalmente identificada com os militares, filha de militar, viúva de militar, mãe de um ex-militar, cunhada de militares com esse novo Exército, assim constituído? Como age uma política cassada em um estado de exceção quando as soluções políticas se apresentam muito limitadas e precárias? E a mãe?

6. A busca:

Bernardo Kucinski, em seu livro *K. - Relato de uma busca*²⁶², narra de maneira concisa e ficcional²⁶³ a experiência de seu pai, Majer Kucinski, em busca da filha, Ana Rosa Kucinski, desaparecida durante a ditadura

²⁵⁶ WILLIAM, W., op. cit., p. 417.

²⁵⁷ WILLIAM, W., op. cit., p. 417.

²⁵⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 417.

²⁵⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 418.

²⁶⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 418.

²⁶¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 418.

²⁶² KUCINSKI, Bernardo. **K. - Relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

²⁶³ “Caro leitor:

Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu.” Epígrafe do livro K. – Relato de uma busca.

militar²⁶⁴. Assim como Nelson Lott, Ana Rosa Kucinski, professora do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP)²⁶⁵, junto a seu marido, Wilson Silva, também professor da USP em Física²⁶⁶, fizeram a opção pela luta armada no período da ditadura, e passaram pela mesma experiência de desaparecerem nos porões militares sem deixar rastros²⁶⁷. A trama do livro se desenrola em torno desse pai, Majer Kucinski, que tenta a todo custo encontrar a filha desaparecida, apelando a todas as ferramentas de que dispõe sem obter grandes sucessos. No capítulo *Imunidades, um paradoxo*, Bernardo Kucinski narra o que seria o estado de espírito de um pai, ou de uma mãe, a procura do filho desaparecido nessas condições. Acredito que seja uma perfeita apresentação do estado psicológico que experimenta o pai e a mãe que se encontram nessa posição.

O pai que procura a filha não tem medo de nada. Se no começo age com cautela não é por temor, mas porque, atônito, ainda tateia como um cego o labirinto inesperado da desapareição. O começo é um aprendizado, o próprio perigo precisa ser dimensionado, não para si, porque ele não tem medo de nada, para os outros: amigas, vizinhos, colegas de faculdade.

E no começo, há esperança, não se pensa no impensável; quem sabe discretamente se consegue a exceção. Assim agem as entidades de experiência milenar no trato com os déspotas, sem alarde, sem acusar. Apenas por isso, no começo, o pai à procura da filha desaparecida age com cautela.

Depois, quando se passaram muitos dias sem respostas, esse pai ergue a voz; angustiado, já não sussurra, aborda sem pudor os amigos, os amigos dos amigos e até desconhecidos; assim vai mapeando, ainda como cego com sua bengala, a extensa e insuspeita muralha de silêncio que o impedirá de saber a verdade. (KUCINSKI, op. cit., p. 88-9)

Da mesma forma age Edna Lott; sem saber o paradeiro do seu filho Nelson e impossibilitada de visita-lo na prisão, passa a telefonar para parentes e amigos a procura de alguma informação ou ajuda²⁶⁸. No caso da ditadura, a procura é, normalmente, por amigos ou familiares militares ou que tenham contato com militares para que possam fazer ou saber de algo²⁶⁹.

²⁶⁴ LESSA, Renato. **A experiência de K.** In: KUCINSKI, B., K. – Relato de uma busca. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 183.

²⁶⁵ LESSA, R., op. cit., p. 183.

²⁶⁶ LESSA, R., op. cit., p. 183.

²⁶⁷ LESSA, R., op. cit., p. 183.

²⁶⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 418.

²⁶⁹ “Assim começou a saga do velho pai, cada dia mais aflito, mais maldormido. No vigésimo dia, depois de mais uma incursão inútil ao campus e à casa da Padre Chico, recorreu aos amigos do círculo literário; os mesmos que por descontrole havia amaldiçoado. Quem sabe conheciam alguém que conhecesse

No seu caso, Edna procurou o pai, já em avançada idade, e o cunhado Hugo Ligneul, ambos na reserva do Exército, e defenestrados pelos militares vitoriosos no golpe de 1964²⁷⁰. Hugo Ligneul tentou alguns contatos com antigos conhecidos dentro da corporação²⁷¹, seu velho pai pouco fez²⁷², não era afeito a utilizar sua influência em favor da família²⁷³. Para o Marechal Lott, “Nelson tomara a decisão sozinho, por vontade própria e teria de responder pelas consequências de seu ato.”²⁷⁴ Pode-se argumentar que nesse momento, qualquer atitude do Marechal Lott poderia complicar ainda mais, a já terrível situação de Nelson, do que ajudar²⁷⁵. Os militares de 1964 não esqueceram, nem perdoaram o velho marechal pela sua performance na pasta da Guerra²⁷⁶, chegando ao ponto dos torturadores tentarem forçar Nelson a confessar que seu avô era um dos líderes da luta armada²⁷⁷.

Também procura ajuda com sua colega de profissão, professora do Instituto de Educação e do Colégio Pedro II, Umbelina de Mattos Sant’Anna, filha do general João Batista de Mattos, falecido no ano anterior, e casada com o major Job Lorena de Sant’Anna, que dez anos depois seria responsável pelo atentado do Rio Centro²⁷⁸. Ainda identificada com o Exército – instituição que defendia com afinco -, Edna Lott apelava as

alguém outro, na polícia, no exército, no SNI, seja onde for dentro daquele sistema que engolia pessoas sem deixar traços.” KUCINSKI, B., op. cit., p. 18.

²⁷⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 418.

²⁷¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 419.

²⁷² “Impressão com as informações que Berenice lhe passara e com tudo que coletara nos encontros com as outras mães durante os primeiros meses da prisão de Nelson, Edna já tinha uma história para contar. Acompanhada do filho Oscar, ela voltou a Teresópolis para falar com seu pai. Na cozinha da casa, revelou tudo a (marechal) Lott, que ao lado de dona Antonieta fazia as perguntas gerais sobre os motivos da prisão, com que ele estava, quem era o comandante do quartel, quem o prendeu. Ficou impressionado quando Edna lhe disse que Nelson estava sendo torturado. Falou-lhe sobre as marcas no corpo do filho, mas Lott mostrou-se cético quanto às torturas. Nada falou, não fez sugestões, não se prontificou a ligar para os amigos, não deu nenhum contato.” WILLIAM, W., op. cit., p. 444.

²⁷³ WILLIAM, W., op. cit., p. 444.

²⁷⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 444.

²⁷⁵ “Uma pergunta iria calar fundo na família durante os anos seguintes: Por que Lott não tentou tirar Nelson da cadeia? Aos jornalistas, Lott respondia que se tivesse feito qualquer gesto para libertar o neto, acabaria por prejudica-lo ainda mais: ‘Minha interferência só aumentaria seu tempo de permanência na prisão, além de servir de provocação àqueles que o colocaram lá.’ WILLIAM, W., op. cit., p. 484.

²⁷⁶ “É nessa lógica de defesa contra elementos subversivos no interior das próprias Forças Armadas que a memória em torno do marechal Henrique Teixeira Lott é reconstruída pelos oficiais de 1964. Lott jamais foi perdoado pelo Movimento 11 de Novembro e por sua aproximação aos ideais nacionalistas. A partir de então, a imagem do ex-ministro da Guerra passou por um intenso processo de desmoralização.

[...]

Os militares de 1964 consideram o contragolpe de 11 de novembro de 1955 como fruto da ambição política e do esquerdismo de Lott. O ex-ministro também é acusado de ter utilizado oficiais comunistas para perseguir aqueles que não compactuavam com ele”. CARLONI, K., **Marechal Lott, a opção das esquerdas**. p. 46-7.

²⁷⁷ WILLIAM, W., op. cit., p. 432.

²⁷⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 419.

instituições militares pelo filho, querendo descrever no que ocorria e lhe era contado pelas outras mães.

Com Nelson preso, Edna prosseguia em sua jornada de inocente terror, ainda acreditando nas instituições militares. Mesmo alertada por outras mães de que havia tortura na prisão do Exército, ela não queria acreditar e achava apenas que “isso era coisa de comunista”. Afinal, como descrever do Exército do seu pai e como aceitar que o que vivera não mais existia? A mãe prosseguia em busca do filho. Onde estava, por que estava, até quando ficou... Edna começou a fazer perguntas. Em pouco, pouco tempo, encontraria as respostas. (WILLIAM, op. cit., p. 432-3)

Como narra Kucinski, com o tempo “aborda sem pudor os amigos, os amigos dos amigos e até desconhecidos”²⁷⁹. Edna busca indiscriminadamente entre as fileiras do Exército, recorrendo a militares conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos do seu velho pai, ainda querendo acreditar na corporação.

Sem hesitar, recorreu imediatamente aos próprios militares, conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos. Pouco importava. Percorreu vários gabinetes tentando livrar o filho da prisão. Ainda inocente, pedia que Nelson fosse mantido preso na Polícia do Exército, porque acreditava que os militares jamais iriam fazer mal a qualquer cidadão. Era lá que Nelson sofria as piores torturas. (WILLIAM, op. cit., p. 433)

A instituição ainda falava forte dentro de si, a contradição entre a imagem do Exército em que Edna crescera e admirava e o Exército ascendido em 1964 só pôde ser realmente percebida na segunda visita em que fez ao filho na prisão, quando viu os sinais da tortura no corpo de Nelson, sinais que escancaravam o novo Exército que Edna Lott se recusava a enxergar²⁸⁰. Até a primeira visita, ocasião em que havia prometido que se conseguisse visita-lo na prisão, não iria vê-lo²⁸¹, Edna ainda não acreditava na relação intrínseca entre o governo militar e as prisões que ocorriam naquele período²⁸², chegando a ir ao Ministério da Guerra denunciar “um tal de capitão Guimarães” que torturava gente nas prisões²⁸³. Foi necessária a segunda visita, na qual viu o filho realmente, para se convencer do que ocorria no país, uma constatação abrupta e violenta de quem adorava o Exército.

²⁷⁹ KUCINSKI, B., op. cit., p. 89.

²⁸⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 443-5.

²⁸¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 443.

²⁸² WILLIAM, W., op. cit., p. 443-4.

²⁸³ WILLIAM, W., op. cit., p. 444.

Novo dia de visita. [...]

Se havia inocência em Edna, terminou naquele momento. O estado de Nelson foi um choque para ela, que era informada pelos oficiais de que o filho estava sendo bem-tratado, enquanto na verdade ele apanhava sem parar. Ela juntou cada parte de sua história desde a prisão do filho e percebeu que não investigavam suas denúncias e que seu esforço, em vez de ajudar Nelson, servira apenas aos que o mantinham preso. Naquele momento, tomava conhecimento que, na verdade, havia pedido ajuda ao inimigo.

Até então pensava estar lidando com o Exército de seu pai. Chegou a fazer um xale de tricô para a mulher do major Demiurgo, responsável pelo presídio da PE, e que se fazia passar por amigo de Nelson. Também lhe levava doces em agradecimento porque ele fazia o favor de entregar a roupa suja de Nelson para que ela lavasse.

Essas situações se repetiram várias vezes até ela descobrir que Demiurgo não só participava de todo o esquema, como era um dos líderes, e que só fazia papel de bonzinho para tentar obter informações dos presos de outra maneira. A tortura praticada nas prisões apresentava o seu outro lado. Edna ficou fora de si quando soube. As cartas de Nelson, recados escritos com dor e sangue, serviam apenas para ajudar na manutenção do controle. (WILLIAM, op. cit., p. 445)

A ruptura entre o que se imaginava e o que ocorria foi avassaladora para quem confiava plenamente no Exército. Similar, em muitos aspectos, à história de Edna é o caso de Zuzu Angel²⁸⁴. Alheia às questões políticas de sua época, a estilista Zuzu Angel se viu tragada para a busca de seu filho desaparecido pela ditadura militar. Assim como Nelson, o filho de Zuzu Angel, Stuart Angel Jones, se engajou na luta armada no final da década 1960 pelo MR-8, e, também, foi capturado pelas forças repressoras, de onde nunca mais saiu²⁸⁵. Avisada da prisão do filho por telefone – a ligação supostamente dizia que ele estava na PE -, Zuzu Angel inicia uma busca

²⁸⁴ Utilizo como referência o filme: **ZUZU Angel**. Direção: Sérgio Rezende. Roteiro: Sérgio Rezende, Marcos Bernstein. Rio de Janeiro: Warner Bros. Pictures; Globo Filmes; Lereby Produções; Toscana Audiovisual, 2006. 100 min.

Não consegui encontrar artigos acadêmicos sobre Zuzu Angel, utilizo dessa forma o filme que, apesar de qualidade duvidosa, serve como base para o trabalho. O filme apresenta as personagens, sobretudo a de Stuart Angel Jones, de uma forma ultrarromântica e extremamente pueril, ao contrário do que foi a militância do referido acima, que morreu, mas não entregou a localização do líder de sua organização, Carlos Lamarca. Para mais sobre Stuart Angel Jones, ver: GORENDER, J., op. cit., p. 199.

²⁸⁵ GORENDER, J., op. cit., p. 199.

desenfreada por Stuart, não encontrando freios dentro de si para enfrentar os militares.

O sorvedouro de pessoas não para, a repressão segue cruenta, mas o pai que procura sua filha teme cada vez menos. Desgraçado mas insolente, percebe então o grande paradoxo da sua imunidade. Qualquer um pode ser engolido pelo vórtice do sorvedouro de pessoas, ou atropelado e despejado num buraco qualquer, menos ele. (KUCINSKI, op. cit., p. 89)

Assim é movida Zuzu Angel quando a máscara da crença nos militares – ou de que “isso nunca vai acontecer comigo” – cai. A partir daí passa a procurar seu filho, Stuart, em todos os postos das Forças Armadas de que tem conhecimento, começa a buscar e a peitar militares em seus gabinetes, resolve transformar da sua arte a sua luta, estampado a moda Zuzu florida em denúncia nos Estados Unidos²⁸⁶. Da mesma forma age Edna Lott, ao seu modo, utilizando as armas de que dispõe. Mais acostumada ao jogo político, ainda que nesses momentos, o racional cede ao emocional e ao intuitivo na busca do filho, e sem medo do que lhe podia acontecer, monta uma rede de informações colhidas dos bastidores do regime militar²⁸⁷, participa e organiza grupos de mães e pais de filhos desaparecidos²⁸⁸, e também vai para o enfrentamento, a família da guerra fala alto dentro de si.

Passou a agir sem medo e a cometer atitudes impensadas, como procurar a esposa do major Gomes Carneiro, um dos oficiais que comandavam as torturas em Nelson, e perguntar secamente:

- A senhora sabia que seu marido é torturador?

Esse seria seu ajuste de contas. A tática de contra-ataque que explorava um lado desprotegido dos torturadores: a vidinha dupla que levavam estava ameaçada. (WILLIAM, op. cit., p. 447)

Assim como Zuzu Angel, que no filme, *Zuzu Angel – O filme*, não mede limites, enfrentando o comandante do Galeão e procurando o diplomata americano, Henry Kissinger, Edna Lott também não mede esforços na procura de libertação de seu filho.

Uma de suas decisões mais surpreendentes foi tentar um encontro com o presidente Médici na casa dele, em Copacabana. Sua irmã Elys, que conhecia o casal Médici desde que Hugo servira nos Estados Unidos, ofereceu-se para ir junto. Elys e Edna chegaram e se apresentaram. O presidente e a esposa Scylla não estavam.

²⁸⁶ **ZUZU Angel**. Direção: Sérgio Rezende. Roteiro: Sérgio Rezende, Marcos Bernstein. Rio de Janeiro: Warner Bros. Pictures; Globo Filmes; Lereby Produções; Toscana Audiovisual, 2006. 100 min.

²⁸⁷ WILLIAM, W., op. cit., p. 447.

²⁸⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 449.

Quem as atendeu foi a cunhada do presidente. Mesmo assim explicaram a história para ela, que desdenhou:

- Não há tortura no Exército. (WILLIAM, op. cit., p. 447-8)

Mesmo quando percebeu de que era seguida, o que já acontecia desde o início da década de 1960, Edna não se intimidou diante dos policiais e, inclusive, os confrontava abertamente.

Excesso de coragem ou desespero de mãe, Edna passou a ser seguida constantemente, mas não se intimidava e ainda ridicularizava os responsáveis em vigiá-la. A repressão também aprontava das suas: um dos homens escalados para segui-la tinha um dente de ouro e, assim que Edna o via, começava a gritar “Lá vem o Dentinho de Ouro”. [...]

Para completar o serviço de arapongagem, o telefone da casa de Edna dava sinais de estar grampeado. Ligações caíam e ouviam-se estalos e, assim como zombava do “Dentinho”, Edna também reclamava com o espião: “Quer parar de ouvir a minha conversa?”. (WILLIAM, op. cit., p. 448)

Soma-se a todas essas táticas de luta, conscientes ou não, os pequenos discursos, como fazia na Assembleia Legislativa, nas filas do banco ou de ônibus denunciando a tortura no país²⁸⁹. Mostrava muitas vezes a foto do neto, recém-nascido, afirmando que não podia viver com o pai devido ao regime de exceção vivido no Brasil²⁹⁰. Kucinski argumenta que com o pai ou a mãe de um desaparecido político “a repressão não mexe, mesmo quando grita. Mexer com ele seria confessar, passar recibo.”²⁹¹ No entanto, em alguns casos a situação se mostra mais drástica, como nos casos de Zuzu Angel e Edna Lott; apesar disso, a sensação de imunidade ou de ser intocável é comum entre os pais e mães.

Sente-se intocável. Vai aos jornais, marcha com destemor empunhando cartazes na cara da ditadura, desdenhando a polícia; desfila como as mães da Praça de Maio, mortas-vivas a assombrar os vivos; imbuído de uma tarefa intransferível, nada o atemoriza. Recebe olhares oblíquos de susto, percebe outros, de simpatia. (KUCINSKI, op. cit., p. 89)

A imunidade argumentada por Kucinski, de que os militares nada fariam aos pais e mães para “não passar recibo”, talvez encontre seu limite no grau de hierarquia de comando, militar ou civil, dentro do regime instaurado. Zuzu Angel e Edna Lott ousaram confrontar membros das grandes esferas de poder, cada uma em um grau diferente. Enquanto Zuzu

²⁸⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 448.

²⁹⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 448.

²⁹¹ KUCINSKI, B., op. cit., p. 89.

Angel tentou por vias internacionais, junto ao governo americano²⁹², Edna Lott confrontou em uma esfera mais local e direta na cadeia de comando da repressão no Rio de Janeiro. Através do contato feito pelo general Augusto Fragoso – militar que possuía grande respeito pelo seu pai, mal. Lott, com quem trabalhou em diversas atribuições no Exército²⁹³ -, que pedia por Nelson Lott, ao comandante do I Exército, gen. Syzeno Sarmiento, Edna Lott entrava em contato com o coordenador da repressão do Rio de Janeiro²⁹⁴.

O gen. Sarmiento além de coordenador da repressão na cidade do Rio de Janeiro que solapava seu filho, era também um adversário antigo de seu pai²⁹⁵, no entanto, essas duas questões não intimidaram Edna Lott, que transformou o seu gabinete em principal campo de batalha para tentar libertar seu filho Nelson. Ambas, Zuzu Angel e Edna Lott, cada uma a sua maneira, começavam a incomodar mais do que os militares de 1964 conseguiam suportar, e não se constrangeram “em passar recibo”.

Apesar de saber que (general) Sarmiento “ganhara” de (mal.) Lott uma transferência para uma circunscrição de recrutamento em Natal, Edna não esmorecia. O que esperar de um adversário de seu pai? Ela não queria saber. Procurava-o constantemente em seu gabinete. Se havia uma chance de ajudar o filho, lá estava ela, mais uma mulher que cantava “sempre esse lamento”.

A movimentação de Edna passou a incomodar. Suas atitudes, que já eram vigiadas desde a campanha presidencial, despertaram mais ainda a atenção dos militares. (WILLIAM, op. cit., p. 450)

Sua insistência e feroz luta conseguiram garantir a seu filho uma melhor situação dentro dos calabouços da ditadura. “Habitado” com o tratamento na PE e na OBAN²⁹⁶, Nelson agora se dirigia ao 1º Grupo de Canhões Automáticos Antiaéreo (Gcan 40)²⁹⁷, “uma ilha de neutralidade no meio da luta armada”²⁹⁸. Nesse novo local, Nelson dispunha de três refeições diárias de boa qualidade, que faziam-no acreditar serem destinadas aos oficiais²⁹⁹. Além da boa alimentação que passava a receber, Edna Lott levou-lhe televisão, fogão elétrico e chuveiro³⁰⁰. Nelson ainda percorreria por outros

²⁹² **ZUZU Angel**. Direção: Sérgio Rezende. Roteiro: Sérgio Rezende, Marcos Bernstein. Rio de Janeiro: Warner Bros. Pictures; Globo Filmes; Lereby Produções; Toscana Audiovisual, 2006. 100 min.

²⁹³ WILLIAM, W., op. cit., p. 449-50.

²⁹⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 449-50.

²⁹⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 450.

²⁹⁶ WILLIAM, W., op. cit., p. 450-3.

²⁹⁷ WILLIAM, W., op. cit., p. 453.

²⁹⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 454.

²⁹⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 454.

³⁰⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 454.

presídios, até ser solto em abril de 1974³⁰¹, tendo uma certeza de que o tranquilo período passado no Gcan 40 havia participação direta de sua mãe, Edna Lott³⁰².

Ao contrário de Zuzu Angel, Edna Lott conseguiu de alguma forma “salvar” o filho nas masmorras da ditadura; no entanto, as duas encontraram o mesmo destino, ambas acabaram mortas em circunstâncias conturbadas e pouco claras³⁰³.

7. Destino:

No dia 11 de junho de 1971, feriado de Corpus Christi, era assassinada Edna Lott, em sua casa de campo, na cidade de Lambari, interior de Minas Gerais, por seu assessor Eduardo Fernandes da Silva, supostamente por motivos “passionais”³⁰⁴. O processo do assassinato da ex-deputada correu de maneira confusa e contraditória, havendo grandes exceções e mudanças de foro ao longo de todo processo que durou até agosto de 1978, quando Eduardo logrou transferência para o regime de prisão albergue, devido ao seu estado médico³⁰⁵. Nesse ínterim, Eduardo passou apenas cinco anos e nove meses preso, período em que apenas dormia na cadeia. Na parte do dia, Eduardo trabalhava como escrivão no setor de emplacamento de serviço de trânsito, não passando sequer um dia na penitenciária de Neves, que, durante esse período, não abriu uma vaga para que Eduardo fosse alojado nas dependências do presídio³⁰⁶.

Eduardo Fernandes da Silva possuía uma firma, Guanabara Planejamento e Serviços, que durante um tempo realizou obras de recuperação no prédio da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, como consertos de vitrais e telhados³⁰⁷. Encarregado de criar ligações e efetuar negócios da sua firma com as secretarias do governo estadual, Eduardo conhecia bem a rotina da Assembleia, local onde veio a conhecer a deputada Edna Lott³⁰⁸. O estreitamento da amizade entre os dois levou Edna a convidá-lo para assessora-la em suas atribuições legislativas na Casa, se

³⁰¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 472-9.

³⁰² “Janeiro de 1972. Nelson teria de deixar o Gcan 40. Essa mudança contribuiu para aumentar ainda mais uma certeza que carregava consigo: foi sua mãe quem tivera papel decisivo nesse ano e meio em que permanecera preso onde se servia comida em bandejas de inox.” WILLIAM, W., op. cit., p. 472.

³⁰³ WILLIAM, W., op. cit., p. 461-71.

³⁰⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 462-4.

³⁰⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 465-71.

³⁰⁶ WILLIAM, W., op. cit., p. 470-1.

³⁰⁷ WILLIAM, W., op. cit., p. 462.

³⁰⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 462.

convertendo ao longo da relação profissional entre os dois em um “faz-tudo”, atuando como motorista, secretário, contínuo, etc.³⁰⁹

Eduardo destacou-se como um grande colaborador do mandato de Edna Lott, encarado da mesma maneira que o tenente Jaime Solon, ex-combatente da FEB, que, mesmo após à campanha eleitoral do marechal Lott para presidente, continuou auxiliando a deputada, encarregado de realizar os serviços gerais³¹⁰. Eduardo, por deter grandes conhecimentos em aplicações financeiras e mercado de ações, foi incumbido pelo setor de investimentos da deputada³¹¹. Cativando os filhos de Edna, sempre pronto a ajuda-los, a confiança da ex-deputada se tornou tamanha que, no período em convalescia de uma flebite, assinou procurações passando para Eduardo a tarefa de substituí-la na Assembleia Legislativa³¹².

Mesmo após a cassação de Edna, em 1968, Eduardo se manteve leal a ela, continuando seu trabalho de motorista e secretário³¹³. Nesse período bastante penoso para Edna Lott, que, além de se encontrar desempregada e cassada, contava ainda com os gastos da defesa de seu filho Nelson - sem haver maiores necessidades de mencionar o grande peso emocional que lhe abatia -, passava por grandes dificuldades econômicas, tornando-se ainda mais controladora dos seus gastos³¹⁴.

Nesse momento, a personagem sedutora de Eduardo começava a se dismantelar, quando Edna começava a perceber os desfalques cometidos por Eduardo; que lhe devia 12.111,38 cruzeiros, em notas promissórias, pela venda de um automóvel Volkswagen³¹⁵ que não estavam sendo pagas³¹⁶. A crise de confiança na relação entre os dois chegou ao ponto de levar Edna Lott a cancelar a procuração que havia dado a Eduardo, registrando uma declaração no cartório do 2º ofício de Lambari, cidade onde os dois possuíam, individualmente, casas de veraneio³¹⁷. Não apenas os desfalques de Eduardo ficaram visíveis, como também os seus antecedentes, antes ignorados pela família³¹⁸, também começavam a vir à tona.

³⁰⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 462.

³¹⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 462.

³¹¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 462.

³¹² WILLIAM, W., op. cit., p. 462-3.

³¹³ WILLIAM, W., op. cit., p. 463.

³¹⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 467.

³¹⁵ A venda fora no valor de 13.000 cruzeiros, equivalente a 70 salários mínimos na época. WILLIAM, W., op. cit., p. 464, 538 (nota 795).

³¹⁶ WILLIAM, W., op. cit., p. 463.

³¹⁷ WILLIAM, W., op. cit., p. 463.

³¹⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 463.

Eduardo já havia sido processado cinco vezes por lesão corporal – em um dos processos foi condenado a dois anos e quinze dias de prisão, sendo beneficiado pela prescrição; duas vezes por contravenção no jogo do bicho; uma vez por tentativa de homicídio; uma vez por apropriação indébita; uma vez por estelionato; e uma vez por apostas de cavalo fora do recinto permitido. Em março de 1962, envolveu-se em um golpe que desfalcou o Banco da Província do Rio Grande do Sul, agência da rua Acre. (WILLIAM, op. cit., p. 463)

O sombrio e obscuro passado de Eduardo, agora desvelado, levou as irmãs de Edna a aconselha-la a sair do Rio de Janeiro, o que não fez por querer estar perto do seu filho Nelson, e saber o que lhe acontecia no cárcere³¹⁹. No dia 10 de junho de 1971, fez o que suas irmãs lhe rogavam e viajou junta de um casal de amigos³²⁰ para sua casa em Lambari, na qual contava que não confiava mais em Eduardo para administrar seus negócios³²¹. No entanto, Eduardo se encontrava naquela cidade na mesma ocasião, na qual se encontraram em um churrasco em homenagem ao delegado José Eduardo de Siqueira Assis, que seria transferido daquele município³²².

Em Lambari, Edna e o casal encontram-se com Eduardo e foram ao churrasco, mas ficaram por pouco tempo. Depois de uma discussão, Edna e Eduardo retornaram para a casa dela na alameda Hélio Salles, nº 15. Ao chegarem, o casal permaneceu na sala, enquanto Edna e Eduardo foram ao quarto para conversar. Pouco depois, dois sons secos e fortes foram ouvidos. Eduardo voltou à sala com o braço direito atrás das costas e perguntou sobre a chave do carro. Ao pegar a chave, o casal viu sangue na mão que ele tentava esconder. O homem então correu ao quarto e encontrou o corpo de Edna encostado a um móvel, com sangue escorrendo pela cabeça e pescoço. [...]

Para a população de Lambari, que via Edna sempre seguida por Eduardo, eles tinham um romance. A maioria dos jornais do dia seguinte também apontava como motivo do crime o fim do relacionamento. Não foi levantada sequer a possibilidade de o assassinato ter sido cometido por motivo financeiro. (WILLIAM, op. cit., p. 464)

Essa narrativa se consagrou como a versão oficial de como ocorreu o assassinato de Edna Lott, no entanto, há desdobramentos um tanto tortuosos

³¹⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 465.

³²⁰ Casal de amigos que preferiu não serem identificados pelos seus respectivos nomes no livro de Wagner William. WILLIAM, W., op. cit., p. 538, nota 794.

³²¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 463-4.

³²² WILLIAM, W., op. cit., p. 464.

na condução do processo, e outros aspectos que também merecem consideração. O primeiro deles é a proximidade de Eduardo com as forças repressivas do Estado. Filho de um oficial da Marinha, de mesmo nome, Eduardo apresentou, em sua defesa, nomes de alguns militares de alta patente como referência: coronel Waldemar Cordeiro Kitzinger, coronel Heckel Fontela Lopes, tenente-coronel Gastão Fontela Lopes, coronel Osmar Reis³²³. Este último, curiosamente, havia sido convocado, anteriormente, com a missão de sequestrar o marechal Lott na revolta de Aragarças; no entanto, apesar de indicado e pedido auxílio ao coronel Osmar Reis, este não respondeu ao seu chamado³²⁴. Não somente Eduardo solicitava ajuda, como a recebia por livre iniciativa de militares, como no caso do general-de-brigada Cristovam Massa que declarou oficialmente, documento que foi anexado ao final processo, a confiabilidade de Eduardo³²⁵.

Fora do Exército, Eduardo também gozava de prestígio entre policiais e carcereiros. Logo após o assassinato, no mesmo dia do ocorrido, o delegado de polícia da cidade deu fuga a Eduardo, algo pouco comum e passível de grave punição, o que não ocorreu³²⁶. Tempo depois se apresentou na comarca da cidade³²⁷. Preso em Lambari, Eduardo conseguiu transferência para a cidade vizinha de Pouso Alegre, onde passava o dia circulando livremente na delegacia, e não na cadeia, frequentando os mesmos espaços que seus investigadores e peritos³²⁸.

Depois de longo transcurso sinuoso do processo, havendo possibilidades para recurso³²⁹, Eduardo foi condenado à nove anos e seis meses de detenção a serem cumpridas na Penitenciária Agrícola de Neves, quando esta abrisse uma vaga³³⁰; período em que passava o dia trabalhando como escrivão na delegacia, recebendo, inclusive, elogios escritos do comandante João Felipe Ferreira e do delegado Fernando Oliveira Costa Custódio Nunes pelo seu “exemplar comportamento carcerário” e “valioso apoio que prestou (...) como escrivão”, documentos que foram anexados ao processo³³¹. Eduardo, durante esse tempo, apenas dormia na cadeia³³².

³²³ WILLIAM, W., op. cit., p. 464-5.

³²⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 465.

³²⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 465.

³²⁶ “Não é comum um delegado de polícia dar fuga a um assassino, mesmo sendo conhecido dele. No mínimo causa para punição ou demissão. Não houve uma coisa nem outra.” E-mail de Nelson Lott, 16/11/2015.

³²⁷ WILLIAM, W., op. cit., p. 465.

³²⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 466.

³²⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 466-70.

³³⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 470.

³³¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 470.

³³² WILLIAM, W., op. cit., p. 470.

No entanto, o evento que melhor evidencia o bom relacionamento que Eduardo detinha com os policiais e militares foi quando Nelson Lott, levado para a auditoria do Exército³³³, testemunhou a desenvoltura e intimidade que Eduardo desfrutava do local e dos funcionários do local, transitando livremente³³⁴. Nelson relata que:

Vi o Eduardo perfeitamente à vontade dentro de uma dependência do Exército quando fui para uma audiência numa auditoria, poucos meses após o assassinato de mamãe. A lei Fleury (decreto 5.941 é de 22/11/73) que dá liberdade aos criminosos primários foi decretada após o crime do Eduardo, feita para beneficiar o delegado Fleury acusado de participação no Esquadrão da Morte. A quem atribuir sua liberdade. (e-mail de Nelson Lott, 16/11/15)

Essa fala aponta para a última ponta do tridente das forças da ordem do Estado, o judiciário. Eduardo também usufruía da simpatia da justiça local, obtendo um habeas-corpus, em 26 de outubro de 1971, concedido pela primeira Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, sob o argumento de que já havia expirado o prazo do processo, de 108 dias, estabelecido pelo Conselho Superior de Magistratura³³⁵. Um gesto generoso da justiça mineira, se considerarmos que o direito ao habeas-corpus havia sido recentemente revogado pelo Ato Institucional número 5 (AI-5), em 1968, e que só foi reavido dez anos depois, com a revogação do AI-5, em 1979³³⁶.

Além dessa dádiva da justiça mineira, Eduardo contou com outras condescendências. O Ministério Público, julgando procedente a acusação contra Eduardo, emitiu um mandado de prisão no dia 8 de novembro de 1972; apesar disso Eduardo somente se apresentou no dia 5 de abril de 1973³³⁷. Finalmente, após quase dois anos do crime, Eduardo era condenado no dia 30 de maio de 1973³³⁸.

Passava um pouco das dez e meia da noite quando o Tribunal do Júri decidiu por cinco votos contra dois que Eduardo praticara um crime de homicídio qualificado contra Edna por motivo fútil. Por seis votos contra um, também reconheceu o agravante de crime praticado com o réu prevalecendo-se das relações de coabitação. O júri condenou Eduardo a dezenove anos de prisão. Mas os

³³³ WILLIAM, W., op. cit., p. 467.

³³⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 468.

³³⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 467.

³³⁶ Fonte: MEMÓRIAS REVELADAS – ARQUIVO NACIONAL. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/campanha/edicao-do-ai-5/>. Acesso em: 02 de jun. de 2016.

³³⁷ WILLIAM, W., op. cit., p. 467.

³³⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 468-9.

anteriores, o dolo, os motivos e a circunstância agravante fizeram com que o juiz aumentasse a pena em um ano. Condenado a mais de vinte anos, Eduardo ganhava, graças ao juiz, o direito de recorrer. Dois dias depois, o advogado de acusação Newton Feital já recebia o ofício 41/73, comunicando que o réu seria submetido a um novo julgamento na próxima sessão do Tribunal do Júri. (WILLIAM, op. cit., p. 469)

Conquistada a apelação, Eduardo solicitou adiamento do novo julgamento por motivos médicos; ao consegui-lo, repetiu o mesmo requerimento, uma vez que sua condição não melhorou, conseguindo novo adiamento³³⁹. Tal situação levou o juiz a solicitar um exame médico para diagnosticar o quadro do réu e comprovar se o que ele alegava era procedente ou uma manobra jurídica, e, em caso de comprovação, haveria necessidade de mudança do local do julgamento³⁴⁰. Diagnosticado com disfagia - doença que não era grave, nem atrapalharia os trâmites legais -, Eduardo obteve, em sessão do júri, transferência para o Rio de Janeiro para tratamento da doença³⁴¹. O novo julgamento ocorreu no dia 28 de março de 1974, em Lambari, oportunidade em que Eduardo obteve uma mitigação da pena anterior de mais de vinte anos para nove anos e seis meses³⁴².

Os quesitos se mantiveram os mesmos, mas o júri, por quatro votos contra três, dessa vez decidia que o réu cometera o crime “sob domínio de violenta emoção”, desclassificando o crime de qualificado para simples. O juiz Arnaldo Garcia Costa fixou a pena em 12 anos, mas diminuiu em três e aumentou em seis meses pelo agravante. A pena passava a ser de nove anos e seis meses, a ser cumprida na Penitenciária Agrícola de Neves, quando “fosse aberta vaga”. (WILLIAM, op. cit., p. 469-70)

Tal decisão provocou o pedido de apelação do promotor Feital e do Ministério Público, uma vez que Eduardo conseguiu amenizar a sua pena pelo depoimento que deu em que narrava que “na luta pela posse da arma, desequilibrou-se, escorregando e nesse momento a arma disparou”; o que era cabalmente refutado pela perícia criminal, que afirmava que a assassinada havia sido amarrada e que o tiro havia sido à queima-roupa, devido ao sangue presente no cano da arma³⁴³. Um terceiro julgamento, então, foi marcado para o dia 15 de dezembro de 1975³⁴⁴; julgamento que contou com vários adiamentos até essa data devido ao aumento de “pessoas doentes” na cidade,

³³⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 469.

³⁴⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 469.

³⁴¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 469.

³⁴² WILLIAM, W., op. cit., p. 469-70.

³⁴³ WILLIAM, W., op. cit., p. 470.

³⁴⁴ WILLIAM, W., op. cit., p. 471.

argumentado pela promotoria que a causa era a intimidação promovida pelo réu, pela sua defesa e por pessoas influentes ligadas a ele, a possíveis jurados³⁴⁵. No processo foram anexados sete depoimentos de pessoas que afirmavam ter recebido algum tipo de intimidação³⁴⁶.

Nesse terceiro julgamento, Eduardo foi condenado a quinze anos de detenção por homicídio simples a ser cumprida na Penitenciária de Neves, quando esta abrisse uma vaga³⁴⁷. Eduardo ainda tentou recorrer da decisão, mas o Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais negou definitivamente os recursos em outubro de 1976³⁴⁸, no entanto, por uma série de trocas de advogados, Eduardo conseguiu ser transferido, no dia 8 de agosto de 1978, para o regime de prisão albergue, devido ao seu estado médico³⁴⁹. De todo o tempo a que foi sentenciado, Eduardo passou apenas cinco anos e nove meses encarcerado entre as cidades de Lambari e Pouso Alegre³⁵⁰. A Penitenciária de Neves nunca chegou a abrir uma vaga para Eduardo durante todo esse período³⁵¹.

Um processo conturbado e confuso, como esse relatado acima, suscita uma série de dúvidas e interrogações que nunca foram investigadas. Muitas podem ser as hipóteses sobre o que ocorreu mais precisamente, uma vez que o laudo da perícia conclui que Edna Lott foi atada e assassinada com dois tiros na cabeça, na qual os dois projéteis atravessaram o mesmo orifício próximo ao ouvido esquerdo³⁵², refutando a tese da defesa de que o crime teria sido por motivos passionais. “Em crimes passionais o habitual é esvaziar a arma contra a vítima. Em execuções um tiro na cabeça e um segundo tiro para confirmar a morte. Foram dois tiros”³⁵³, relata Nelson Lott que, durante um período de sua vida, trabalhou como repórter policial³⁵⁴. Uma possível luta entre os dois também é pouco provável, já que o laudo pericial também conclui que Edna Lott ainda sentia as dores da flebite e que andava com dificuldades³⁵⁵.

Um assassinato cometido, dessa forma, de maneira calculista em que se aproveitava da debilidade física e emocional da ex-deputada e, também, de

³⁴⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 470.

³⁴⁶ WILLIAM, W., op. cit., p. 470.

³⁴⁷ WILLIAM, W., op. cit., p. 471.

³⁴⁸ WILLIAM, W., op. cit., p. 471.

³⁴⁹ WILLIAM, W., op. cit., p. 471.

³⁵⁰ WILLIAM, W., op. cit., p. 471.

³⁵¹ WILLIAM, W., op. cit., p. 471.

³⁵² WILLIAM, W., op. cit., p. 466.

³⁵³ E-mail de Nelson Lott de 16/11/2015.

³⁵⁴ Conversa com Nelson Lott em dezembro de 2015.

³⁵⁵ WILLIAM, W., op. cit., p. 466.

Edna se encontrar em uma cidade estranha a ela; ainda que possuísse uma casa de veraneio em Lambari, seus familiares e amigos mais próximos viviam no Rio de Janeiro, cidade em que tinha relações mais enraizadas, ou em Petrópolis, região serrana fluminense onde morava seu pai. Eduardo, se observarmos sua extensa ficha criminal, não detém as características ideais para realizar tal crime. Processos anteriores por lesão corporal (cinco vezes), tentativa de homicídio, apropriação indébita, estelionato, apresentam um homem violento e impulsivo, e não alguém frio e metuculoso.

A relação próxima de Eduardo a militares na época também apresenta grandes dúvidas sobre o que realmente ocorreu. Edna Lott, naquele momento, lutava bravamente com os militares para libertar seu filho, Nelson Lott, da prisão. Edna Lott também era filha do marechal Henrique Lott, um dos maiores desafetos e motivo de ojeriza dos militares vencedores em 1964. Edna Lott também era próxima a militares comunistas, como o coronel Kardec Lemme e o general da reserva Nelson Werneck Sodré, além de ter dado abrigo e arranjado esconderijos para alguns marinheiros cassados e perseguidos pela ditadura³⁵⁶. Tais questões, se observadas apuradamente, sugerem um assassinato por razões menos passionais do que políticas. No entanto, o que ficou registrado e cristalizado oficialmente foi a sua morte por crime passional.

8. Conclusão:

Tratar de um tema como esse é um trabalho complicado devido à parca literatura a respeito. A literatura sobre os anos de chumbo no Brasil ainda é muito incipiente e concentrada em alguns assuntos específicos, como a atuação dos estudantes, dos intelectuais durante o período da ditadura. Sobre pais e mães em busca de seus filhos, pouco foi possível encontrar, inclusive textos sobre as mães da Praça de Maio. As melhores opções para a realização desse trabalho nesse sentido são oferecidos por trabalhos mais voltados a ficção, ainda que a ficção imita a vida, e vice-versa, como no trabalho de Kucinski. Há um artigo que, ainda que antigo, pode ajudar em um início de novas pesquisas ou de abordagens.

No artigo *As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo*³⁵⁷, Ridenti aborda a atuação política das mulheres durante as décadas de 1960 e 1970³⁵⁸, focando-se principalmente na atuação das mulheres na luta armada,

³⁵⁶ E-mail de Nelson Lott de 16/11/2015.

³⁵⁷ RIDENTI, M. S., **As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 2 (2): 113-128, 2. sem. 1990.

³⁵⁸ RIDENTI, M. S., op. cit., p. 113.

como atuavam e a sua relação com os homens nos movimentos armados, trabalhando com conceitos como machismo nesse período, diáfanos ainda naquele momento em que o feminismo começava a se desenvolver mais propriamente no país a partir da década de 1970³⁵⁹. Ridenti também trabalha com uma concepção, que ele denomina “mulher-mãe-dona-de-casa-brasileira”, de mulheres que atuaram no sentido de legitimar o golpe de 1964, protagonistas em muitas movimentações a favor dos golpistas e de desestabilização do governo reformista de Goulart, como na Marchas da Família com Deus pela Liberdade³⁶⁰.

No final do artigo, Ridenti apresenta uma terceira via, ainda que rapidamente, de mulheres que não se posicionaram nos extremos no período da ditadura, que nem foram integrar as novas esquerdas radicalizadas, nem atuaram de modo a garantir suporte social na instauração do novo regime. Essa sua posição seria composta por mães, esposas, irmãs que protestavam contra a truculência da repressão política³⁶¹.

Décio Saes dá notícia de setores politicamente liberais do “movimento feminino”, como o paulista “União das Mães contra a Violência”, nos protestos estudantis de 1968 contra o regime. Para esses setores do “movimento feminino”, não se tratava de uma luta radical contra a ditadura, mas de reinstaurar “um regime democrático puro que pudesse dotar as ‘elites culturais’ do país de uma influência determinante sobre o processo nacional de tomada de decisões” (RIDENTI, op. cit., p. 122)

Dentre as três vias, Edna Lott se aproxima mais desta última, das mulheres e mães que se organizaram para de alguma forma mitigar, publicizar, enfrentar e tentar libertar seus filhos (as) da tortura que, a essa época, já ocorriam como procedimento “normal” do Estado brasileiro. Junto a outras, Edna Lott desprende todas as suas energias para tentar liberar seu filho da prisão, utilizando de todas as ferramentas de que dispunha. Como muitas delas, apelou para os militares familiares, aos militares amigos, desconhecidos e até mesmo inimigos. Como política, organizou movimentos de mães, discursou em lugares públicos para noticiar as torturas que ocorriam no país. Como uma Lott, abraçou a guerra iminente com coragem, lutando da maneira que podia de forma incansável, obtendo êxitos e vitórias.

Como outras tantas mães e mulheres, cujas as histórias não são tão conhecidas, Edna Lott encontrou seu destino em meio a sua luta incessante. Apesar do seu sacrifício, conseguiu poupar que o pior ocorresse ao seu filho

³⁵⁹ RIDENTI, M. S., op. cit., p. 116, 118-22.

³⁶⁰ RIDENTI, M. S., op. cit., p. 117-8.

³⁶¹ RIDENTI, M. S., op. cit., p. 122.

Nelson, mostrando a guerreira que era como filha da família da guerra; como filha, esposa e mãe de militares; como contendora das disputas políticas no campo do Estado da Guanabara; mostrando que “viver é lutar”.

Porém se a fortuna,
Traindo teus passos,
Te arrojás nos laços
Do inimigo falaz!
Na última hora
Teus feitos memora
Tranquilo nos gestos,
Impávido e audaz.

E cai como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

(Canção do Tamoio,
Cantos VIII e IX,
Gonçalves Dias)

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: Usos & abusos da história oral. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____.; CHAMBOREDO, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **O capital social – Notas provisórias**. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (org.) Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

COELHO, Edmundo Campos. **Forças Armadas: autonomia e hegemonia**. In: Revolução de 30: seminário internacional. Brasília: UnB, 1983.

CARLONI, Karla G. **Edna Lott**. In: Dicionário da Política Republicana do Rio de Janeiro. ABREU, Alzira Alves de.; PAULA, Christiane Jalles de. (org.). 1.ed. Rio de Janeiro: FGV; Cpdoc, 2014, p. 693-694.

_____. **Forças armadas e democracia no Brasil: o 11 de Novembro de 1955**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

_____. **Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política**. 1.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e política, 1930/1945**. In: Revolução de 30: seminário internacional. Brasília: UnB, 1983.

_____. **Forças Armadas e política no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **Vargas e os militares: aprendiz de feiticeiro**. In: As instituições brasileiras da Era Vargas. Maria Celina D'Araujo (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ: Ed. FGV, 1999.

CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____.; Izecksohn, Vitor; Kraay, Hendrik. **Da história militar à “nova” história militar**. In: Nova história militar brasileira. Org. Celso Castro, Vitor Izecksohn, Hendrik Kraay. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Exército e nação: estudos sobre a história do exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

_____. **O espírito militar: um antropólogo na caserna.** 2.ed.revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. **Revoltas de soldados contra a República.** In: Nova história militar brasileira. Org. Celso Castro, Vitor Izecksohn, Hendrik Kraay. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CAVAGNARI FILHO, Geraldo L. **Autonomia militar e construção da potência.** In: As Forças Armadas no Brasil. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha.** 1.ed. vol.1. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

_____. **Dom Quixote de la Mancha.** 1.ed. vol.2. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

COSTA, Joffre Gomes da. **Marechal Henrique Lott.** Rio de Janeiro: Partido Social Democrata, 1960.

DOMINGOS NETO, Manuel. **Influência estrangeira e luta interna no Exército (1889-1930).** In: Os partidos militares no Brasil. Rouquié, Alain. (org.). Rio de Janeiro: Record, 1980.

DREIFFUS, René Armand. **Sociedade política armada ou força armada societária?** In: As Forças Armadas no Brasil. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico.** 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio.** org. Michael Schröter; trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo.** In: Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os veteranos da FEB e a sociedade brasileira.** In: Nova história militar brasileira. Org. Celso Castro, Vitor Izecksohn, Hendrik Kraay. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática de liberdade**. In: Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **O cuidado com a verdade**. In: Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **Uma estética da existência**. In: Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GEERTZ, Clifford. **“Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico**. In: O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 5.ed. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

GUEVARA, Ernesto. **Guerra de guerrilhas**. 3.ed. São Paulo: Edições Populares, 1982.

HOBBSAWN, Eric. **Introdução: a invenção das tradições**. In: A invenção das tradições. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. **K. - Relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LATOUR, Bruno. **Tribunais da razão**. In: Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. In: História e memória. 7.ed. Campinas: Unicamp, 2013.

LESSA, Renato. **A experiência de K**. In: K. – Relato de uma busca. KUCINSKI, Bernardo. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LOTT, Henrique B. D. T. **Henrique Teixeira Lott (depoimento, 1978)**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2002.

MARIGHELLA, Carlos. **Manual do guerrilheiro urbano**. Sabotagem, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 4. reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2011.

_____. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. 2.ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Neve, fogo e montanhas: a experiência brasileira de combate na Itália (1944/45)**. In: Nova história militar brasileira. Org. Celso Castro, Vitor Izecksohn, Hendrik Kraay. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MCCANN, Frank C. **A influência estrangeira no exército brasileiro, 1905-1945**. In: Revolução de 30: seminário internacional. Brasília: UnB, 1983.

_____. **Soldados da pátria: história do exército brasileiro, 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. MORAES, João Quartim de. **O argumento da força**. In: As Forças Armadas no Brasil. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. **Conflitos militares e decisões políticas sob a presidência do general Geisel (1974-1979)**. In: Os partidos militares no Brasil. Rouquié, Alain. (org.). Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. **Constituinte, Forças Armadas e autonomia militar**. In: As Forças Armadas no Brasil. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

PEIXOTO, Antonio Carlos. **Exército e política no Brasil. Uma crítica dos modelos de interpretação**. In: Os partidos militares no Brasil. Rouquié, Alain. (org.). Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. **O Clube Militar e os confrontos no seio das Forças Armadas (1945-1964)**. In: Os partidos militares no Brasil. Rouquié, Alain. (org.). Rio de Janeiro: Record, 1980.

PENNA, Maria Luiza. **Luiz Camillo: perfil intelectual**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. **As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 2 (2): 113-128, 2. sem. 1990.

ROUQUIÉ, Alain. **Os processos políticos nos partidos militares do Brasil. Estratégia de pesquisa e dinâmica institucional**. In: Os partidos militares no Brasil. Rouquié, Alain. (org.). Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. **Papéis e comportamentos políticos das Forças Armadas na América Latina (1930-1945)**. In: Revolução de 30: seminário internacional. Brasília: UnB, 1983.

SMALLMAN, Shawn C. **A profissionalização da violência extralegal das Forças Armadas do Brasil (1945-64)**. In: Nova história militar brasileira. Org. Celso Castro, Vitor Izecksohn, Hendrik Kraay. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A coluna Prestes**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. **Do tenentismo ao Estado Novo: memórias de um soldado**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Formação histórica do Brasil**. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. **História militar do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **O tenentismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____. **Vida e morte na Ditadura: vinte anos de autoritarismo no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1984.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. Org. Gabriel Cohn. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Ed. Ática: São Paulo, 1991.

WILLIAM, Wagner. **O soldado absoluto**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

VELHO, Gilberto. **Memória, identidade e projeto**. In: Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Cinematografia

ANOS JK, Os – Uma trajetória política. Direção: Silvio Tendler. Narração: Othon Bastos. Texto: Cláudio Bojunga. Rio de Janeiro: Terra Filmes, 1980. 110 min.

JANGO – Como, quando e por que se derruba um presidente. Direção: Silvio Tendler. Roteiro: Mauricio Dias e Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban, 1984. 114 min.

MILITARES da democracia: Os militares que disseram não ao golpe. Direção, argumento, roteiro e texto: Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban, 2014. 99 min.

ZUZU Angel. Direção: Sérgio Rezende. Roteiro: Sérgio Rezende, Marcos Bernstein. Rio de Janeiro: Warner Bros. Pictures; Globo Filmes; Lereby Produções; Toscana Audiovisual, 2006. 100 min.

Anexo I

Árvore Genealógica de Edna Lott

Filiação:

Pai: Henrique Baptista Duffles Teixeira Lott

Atuação: Militar (Marechal), ministro da guerra, político

Mãe: Laura Ferreira do Amaral

Atuação: normalista

Irmãos:

1ª irmã: Heloísa Maria casada com Eduardo Dutra (civil, filho do Marechal Dutra)

2ª irmã: Regina Célia casada com civil

3ª irmã: Henriette casada com Alberto Carneiro da Cunha Nóbrega (Tenente-Coronel do Exército, primeiro casamento)

4ª irmã: Elys casada com Hugo Ligneul (Coronel do Exército)

Irmão: Lauro Henrique (Coronel da Aeronáutica) casado com Déa

Casamento:

Oscar de Moraes Costa, Coronel do Exército

Filhos:

1ª filha: Laura Lúcia, falecida aos 7 anos de idade

1º filho: Oscar Henrique, civil

2º filho: Nelson Luís, militar, ex-militar, civil

3º filho: Carlos Eduardo, sistemas da computação, civil

2ª filha: Laura Lúcia, civil

Netos:

Netos por parte de Oscar Henrique: Fabianne, Luiz Henrique, Juliana

Netos por parte de Nelson Luís: Nelson, Fernanda, Rafael

Netos por parte de Carlos Eduardo: Rodrigo, Vicente, Marília, Felipe, Henrique

Netos por parte de Laura Lúcia: Pedro, Bianca

(Todos civis)

Anexo II

Canção do Tamoio

Gonçalves Dias

Canto I

Não chores, meu filho;

Não chores que a vida

É luta renhida:

Viver é lutar.

A vida é combate,

Que os fracos abate,

Que os fortes, os bravos

Só pode exaltar.

Canto II

Um dia vivemos!

O homem que é forte

Não teme da morte;

Só teme em fugir;

No arco que entesa

Tem certa uma presa,

Que seja tapuia,

Condor ou tapir.

Canto III

O forte, o covarde

Seus feitos inveja

De o ver na peleja

Garboso e feroz;

E os tímidos velhos

Nos graves conselhos,

Curvadas as fronte,

Escutam-lhe a voz!

Canto IV

Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!

Canto V

E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoios
Na guerra e na paz.

Canto VI

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
De inimigos transidos
Por vil comoção;
E tremam de ouvi-lo
Pior que o sibilo
Das setas ligeiras,
Pior que o trovão.

Canto VII

E a mãe nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos criados

Na lei do terror;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dor!

Canto VIII

Porém se a fortuna,
Traindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do inimigo falaz!
Na última hora
Teus feitos memora,
Tranquilo nos gestos,
Impávido, audaz.

Canto IX

E cai como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

Canto X

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Que os fracos abate,

Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.